Amanda Slaviero · Unip — Psicodiagnóstico Interventivo.

Psicóloga CRP 01/14130

O livro de Maud Mannoni é um documento-testemunho, acessível a muitos. Ele faz com que o leitor coopere na primeira medida tomada por uma pessoa que vem se consultar, podendo o objeto da consulta ser ela mesma ou um ser querido, e motivada por um pedido de auxílio ao psicanalista. Cada leitor, graças à arte do autor, se sentirá mais ou menos envolvido, iniciado em um modo novo e dinâmico de pensar as condutas humanas e seus desregramentos. Compreenderá o que se quer dizer quando se diz, falando do psicanalista, que o que faz a sua especificidade é a sua receptividade, a sua "escuta". Ele verá pessoas que vieram, sabendo apenas a quem se dirigiam, enviadas pelo seu médico, pelo educador, por alguém que conhece as dificuldades em que estão, mas que não pode ajudá-las diretamente; essas pessoas, na presença de um psicanalista, começam a falar como falariam com qualquer indivíduo e, no entanto, a única forma de escutar do psicanalista, uma escuta no sentido pleno do termo, faz com que o discurso delas se modifique, adquira um sentido novo aos seus próprios ouvidos. O psicanalista não dá razão nem a retira; sem emitir juízo, escuta. As palavras empregadas pelos consultores são as suas palavras habituais, mas a maneira de escutar é portadora de um sentido de apelo a uma verdade que os obriga a aprofundar a sua própria atitude fundamental em relação a essa abordagem que ali fazem, e que não mostra a menor semelhança com nenhuma outra abordagem em relação aos psicólogos, educadores ou médicos. Efetivamente, eles, pela sua técnica, são orientados para a descoberta e a cura de uma deficiência instrumental. Respondem ao nível do fenômeno manifestado, do sintoma: angústia dos pais, perturbação escolar ou caracterial da criança, por um emprego de dispositivos de socorro específicos, preconizando medidas terapêuticas ou corretivas destinadas a reeducar.

Do prefácio, de Françoise Dolto

ISBN 978-85-352-1442-0

ELSEVIER · A primeira entrevista em psicanálise · Maud Mannoni · CAMPUS

Maud Mannoni

A primeira entrevista em psicanálise

Um clássico da psicanálise

Prefácio de Françoise Dolto

Graciela
Cullere-CRESPIN.
"A clínica Precoce:
O Nascimento do Humano".

Seja qual for o estado atual aparente, deficiente ou perturbado, o psicanalista visa a ouvir, por trás do sujeito que fala, aquele que permanece presente num desejo que a angústia autentica e, ao mesmo tempo, mascara, presente emparedado nesse corpo e nessa inteligência mais ou menos desenvolvida, e que busca a comunicação com outro sujeito. O psicanalista permite que as angústias e os pedidos de socorro dos pais ou dos jovens sejam substituídos pela questão pessoal e específica do desejo mais profundo do sujeito que lhe fala. Esse efeito de revelador, ele o obtém pela sua escuta atenta e pela sua não-resposta direta ao pedido que lhe é feito de agir para fazer desaparecer o sintoma, para acalmar a angústia. O psicanalista, suscitando a verdade do sujeito, suscita ao mesmo tempo o sujeito e a sua verdade. Se o papel do psicanalista é permitir a um sujeito neurótico ou doente mental encontrar o seu sentido, é também papel seu dar um grito de alarme diante da carência pública educacional dos métodos e instituições escolares frequentemente patogênicos.

A primeira entrevista em psicanálise

Maud Mannoni

A primeira entrevista em psicanálise

Um clássico da psicanálise

Segunda Edição

Tradução:
Roberto Cortes de Lacerda

9ª Tiragem

Do original
Le Premier Rendez-vous Avec le Psychanalyste
Copyright © 1979 by Denoël Gonthier

Copidesque: Rodrigo Carvalho Alva

Editoração Eletrônica: DTPhoenix Editorial

Revisão Gráfica: Edna Cavalcanti / Ligia Paixão

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
sac@elsevier.com.br

ISBN 13: 978-85-352-1442-0
ISBN 10: 85-352-1442-9

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M246p Mannoni, Maud, 1923-
A primeira entrevista em psicanálise: um clássico da psicanálise / Maud Mannoni; tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Nova ed. — Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
— 9º reimpressão.

Tradução de: Le premier rendez-vous avec le psychanalyste
Inclui bibliografia
ISBN: 85-352-1442-9

1. Psicanálise infantil. 2. Entrevista em psicanálise. 3. Psicoterapeuta e paciente. I. Título.

04-1016 CDD – 618.928917
CDU – 615.851.1-053.2

Sumário

Prefácio

Maud Mannoni e Colette Audry concederam-me a honra de escrever um prefácio para este livro. O leitor que já tenha lido a obra anterior da autora — *L'enfant arriéré et sa mère* (*A criança retardada e sua mãe*)[1] — não ficará desapontado. Este prefácio talvez possa parecer árduo e com uma linguagem demasiado especializada aos leitores de Maud Mannoni, que tem o talento de escrever de maneira clara e fácil. Penso que ele terá, porém, interesse para alguns desses leitores, na medida em que proponho questões de profilaxia mental para os distúrbios afetivos e sociais, questão do meu agrado e na qual a Psicanálise de crianças nos solicita que pensemos todos os dias. O leitor que se sinta aborrecido com o meu estilo deve passar de imediato ao texto de Maud Mannoni e depois voltar ao meu discurso, que lhe parecerá, então, menos ingrato. Foi minha intenção sublinhar e desenvolver as questões essenciais expostas e ilustradas pelo livro:

- A especialidade da psicanálise.
- A especificidade do psicanalista, a sua escuta.
- As relações dinâmicas inconscientes pais-filhos. Patogenia ou saúde mental.
- O complexo de Édipo e a sua resolução. Patogenia. Profilaxia dos seus distúrbios.
- A sociedade (a escola), o seu papel educacional patogênico ou profilático.

1. Maud Mannoni — *L'enfant arriéré et sa mère.* Editions du Seuil, maio de1964, in "Champ Freudien", coleção dirigida por Jacques Lacan.

1. ESPECIFICIDADE DA PSICANÁLISE

O livro que o leitor tem nas mãos é simplesmente apaixonante. Contém o testemunho de uma longa experiência de consultas psicanalíticas. De uma forma viva, permite-nos compulsar, em poucas páginas, uma enorme documentação clínica e explica o que é a contribuição específica da Psicanálise nas consultas médico-psicológicas. Tratava-se de um ponto bastante importante para apresentar, pois, desde o começo deste século, em conseqüência da descoberta da Psicologia experimental, genética, inter-relacional, existe um número crescente de pessoas cuja atividade profissional está dedicada à psicanálise, à orientação, à readaptação, a conselhos de todas as espécies e, por fim, à psicoterapia. A formação dessas pessoas é extremamente polimorfa, os métodos empregados têm a sua justificação experimental e apresentam fracassos e êxitos. A psicotécnica está hoje de tal forma difundida que não existe, por assim dizer, nenhuma criança das grandes cidades que, no curso de sua escolaridade, deixe de ser submetida a alguns testes individuais ou coletivos. Aplicam-se testes aos recrutas, aos empregados das grandes empresas; jornais e revistas chegam ao ponto de oferecer aos leitores a possibilidade de fazer um juízo acerca de si mesmos mediante uma série de testes de padrões imprecisos, os quais, com maior ou menor seriedade, difundiram entre o grande público noções de psicologia. E a Psicanálise?

Dela, no entanto, se fala em toda parte, tanto na imprensa de fácil leitura como em Filosofia. Mas há tantas opiniões "psi" e dadores de conselhos aos pais em dificuldade, que esses se convencem com excessiva facilidade da própria incompetência educacional e estão prontos, quando se trata dos filhos, a depositar as suas responsabilidades em mãos técnicas, como recorrem aos mecânicos quando o objeto em causa são os automóveis. O público, diante de toda essa máquina estabelecida em instituições, confunde o psicanalista com o psicotécnico, o psicossociólogo, o psicossomático, o orientador profissional, o reeducador, ou ainda o experimentador (aquele que procura, por curiosidade científica, provocar reações). Em todo caso, a maioria das pessoas, assim como muitos médicos, acredita que o psicanalista vai fazer isto ou aquilo, vai influenciar, vai moralizar, vai estimular, aconselhar, em suma, agir com as suas palavras como com um medicamento por uma espécie de sugestão, para levar o sujeito a comportar-se "bem".

Ora, o psicanalista não acrescenta um novo dizer. Ele permite às forças emocionais encobertas, em jogo conflitivo, encontrar uma saída, ficando a cargo do consultor dirigi-las por si mesmo... A psicanálise é e continua a ser o ponto de impacto de um humanismo que vem enriquecendo desde Freud

com a descoberta de processos inconscientes, agindo sem que o sujeito saiba e limitando sua liberdade. Esses processos inconscientes fortalecem-se muitas vezes porque criam raízes em processos primordiais da eclosão da personalidade, ela mesma sustentada pela função da linguagem, modo de relação inter-humano axial à organização da pessoa humana.

A Psicanálise terapêutica é um método de pesquisa da verdade individual para além dos acontecimentos cuja realidade não tem outro sentido para um sujeito salvo a maneira pela qual ele lhe foi associado e por ela se sentiu modificado. Pelo método de dizer tudo a quem tudo escuta, o analisando remonta aos fundamentos organizadores de sua efetividade de menino ou menina de tenra idade. Inacabado fisiológico no nascimento, o ser humano está exposto aos conflitos da sua impotência real e do seu insaciável desejo de amor e comunicação pelos pobres meios de suas necessidades, mediante os quais, assistido pelos adultos, cria a ilusão de trocar amor em encontros corpo a corpo, ciladas do desejo. A capacidade de se encontrar revela-se a ele, para além das separações, nas zonas erógenas que o ligam ao corpo de outrem, no efeito à distância das sonoridades vocais do outro, que, carinhosas ou violentas, mimetizam os contatos memorizados no corpo. A função simbólica específica da condição humana organiza-se como linguagem. Essa linguagem, portadora de sentido, apresenta-nos um sujeito cuja existência original está revestida de dores e alegrias — sua história para ele —, do seu encontro com "o homem" (sob a forma dos seres humanos masculinos e femininos) que fez com que se soubesse "Homem" de um ou de outro sexo. Esse saber, esse ver a si mesmo,* pode torná-lo surdo, mudo, cego, paralítico, doente, num lugar do seu corpo, por um contratempo do seu encontro. Isso é nada menos do que a restauração da sua pessoa original liberta da sua espera ilusória, ou desses efeitos-choques e contrachoques com o outro, a que visa a Psicanálise terapêutica, restauração que ele às vezes promove. Ciência do homem por excelência, a Psicanálise está, desde Freud, o seu fundador, em perpétua investigação, e o seu campo de estudo vê os seus limites se ampliarem cada vez mais abrangendo desordens da saúde mental, da conduta e da saúde somática.

2. ESPECIFICIDADE DO PSICANALISTA CLÍNICO

O livro de Maud Mannoni é um documento-testemunho, acessível a muitos. Ele faz com que o leitor coopere na primeira medida tomada por

* *Nota do Tradutor:* Em francês: *Ce savoir, ce se-à-voir*, jogo de palavras que se perde na tradução.

uma pessoa que vem se consultar, podendo o objeto da consulta ser ela mesma ou um ser querido, e motivada por um pedido de auxílio ao psicanalista. Cada leitor, graças à arte do autor, se sentirá mais ou menos envolvido, iniciado em um modo novo e dinâmico de pensar as condutas humanas e os seus desregramentos. Compreenderá o que se quer dizer quando se diz, falando do psicanalista, que o que faz a sua especificidade é a sua receptividade, a sua "escuta". Ele verá pessoas que vieram, sabendo apenas a quem se dirigiam, enviadas pelo médico, pelo educador, por alguém que conhece as dificuldades em que estão, mas que não pode ajudá-las diretamente; essas pessoas, na presença de um psicanalista, começam a falar como falariam com qualquer indivíduo e, no entanto, a única forma de escutar do psicanalista, uma escuta no sentido pleno do termo, faz com que o discurso se modifique, adquira um sentido novo a seus ouvidos. O psicanalista não dá razão nem a retira; sem emitir juízo, escuta. As palavras empregadas pelos consultores são as suas palavras habituais, mas a maneira de escutar é portadora de um sentido de apelo a uma verdade que os obriga a aprofundar a sua própria atitude fundamental em relação a essa abordagem que ali fazem e que não mostra a menor semelhança com nenhuma outra abordagem em relação aos psicólogos, educadores ou médicos. Efetivamente, eles, devido à sua técnica, são orientados para a descoberta e a cura de uma deficiência instrumental. Respondem ao fenômeno manifestado, o sintoma: angústia dos pais, perturbação escolar ou caracterial da criança, por um emprego de dispositivos de socorro específicos, preconizando medidas terapêuticas ou corretivas destinadas a reeducar.

Até o primeiro encontro com o psicanalista, o problema só é, pois, abordado no nível do objeto da solicitação, e a solicitação existe tão-somente a propósito de objetos de caráter negativo para o meio social: o êxito escolar, por exemplo, parece sempre em si um objeto positivo, a ausência de distúrbios do caráter que perturbam também a tranqüilidade do meio social. Ora, essas duas resultantes psicodinâmicas só possuem valor cultural autêntico se o sujeito é efetivamente criativo e não apenas submisso às exigências dos adultos, se ele se encontra em comunicação lingüística, verbal, afetiva e psicomotora de sua idade com o meio social, se está ao abrigo de tensões internas, livre, pelo menos nos seus pensamentos e juízos, da dependência do desejo de outrem, se está à vontade no trato com os companheiros de ambos os sexos da sua geração, apto a amar e a ser amado, apto a comunicar os seus sentimentos, apto a enfrentar as frustrações e as dificuldades cotidianas de todas as espécies sem se descompensar, em suma, se ele mostra uma elasticidade caracterial e mímica que caracteriza a saúde mental. Alguns sintomas aceitos

como positivos pelo meio social freqüentemente cego, que valoriza aquilo que o lisonjeia, são, na realidade, patológicos para o sujeito que não possui nenhuma alegria, nenhuma opção criadora livre, cuja adaptação é acompanhada de inadaptabilidade a outras condições que não sejam o seu estrito *modus vivendi*, e são de fato sinais de neurose infantil e juvenil atual ou enquistada. Para o psicanalista, o que importa não são os sintomas aparentemente positivos ou negativos em si mesmos, não é a satisfação ou a angústia dos pais — que, aliás, pode ser inteiramente sadia e justificada — diante de uma criança pela qual se sentem responsáveis, mas o que significa para aquele que vive, exprimindo tal ou qual comportamento, o sentido fundamental da sua dinâmica assim presentificada e as possibilidades de futuro que, para esse sujeito, o presente prepara, preserva ou compromete.

Seja qual for o estado atual aparente, deficiente ou perturbado, o psicanalista visa a ouvir, por trás do sujeito que fala, aquele que permanece presente num desejo que a angústia autentica e, ao mesmo tempo, mascara, presente emparedado nesse corpo e nessa inteligência mais ou menos desenvolvida, e que busca a comunicação com outro sujeito. O psicanalista permite que as angústias e os pedidos de socorro dos pais ou dos jovens sejam substituídos pela questão pessoal e específica do desejo mais profundo do sujeito que lhe fala. Esse efeito de revelador, ele obtém pela sua escuta atenta e pela sua não-resposta direta ao pedido feito de agir para fazer desaparecer o sintoma, para acalmar a angústia. O psicanalista, suscitando a verdade do sujeito, suscita ao mesmo tempo o sujeito e a sua verdade. Numa segunda fase, que não constitui o objeto deste livro e que é a fase do tratamento psicanalítico, o sujeito descobrirá por si mesmo a sua verdade e a liberdade relativa que lhe é deixada da sua posição libidinal em relação aos que o rodeiam; essa segunda fase tem como lugar da sua revelação a transferência.[2] O que este livro também ensina é a descoberta, que para muitos leitores será nova, de que, durante uma única entrevista psicanalítica, já aparece claramente a intricação das forças inconscientes entre genitores, ascendentes e descendentes. O leitor compreenderá sem dificuldade como um ser humano, desde a sua vida pré-natal, já está marcado pela maneira como é esperado, pelo que representa em seguida, pela sua existência real diante das projeções incons-

2. A transferência é a relação imaginária, ao mesmo tempo consciente e inconsciente, do psicanalisado solicitante em face do psicanalista testemunha, que não responde e aceita os efeitos da história do sujeito que subsistem mediante seus infortúnios patogênicos. Essa transferência é o meio específico do tratamento psicanalítico. A sua instalação, a sua evolução e o seu desaparecimento final constituem a característica de cada tratamento.

cientes dos pais, que, servindo de interlocutores e de modelos naturais, alteram com demasiada freqüência na criança o sentido das referências vividas com palavras justas, e isso às vezes desde o seu nascimento. Qual é, então, o papel do psicanalista? Acabo de dizer que é o de uma presença humana que escuta. Como esse ser humano feito como os outros, oriundo da mesma população, foi formado de sorte que a sua escuta produza tais efeitos de verdade? Pois bem, ele próprio foi formado por meio de uma Psicanálise geralmente longa e de tratamentos conduzidos por ele sob a supervisão de um clínico mais velho. Essa formação permitiu-lhe chegar a uma autenticidade do seu ser, por trás do robô que todos nós somos e que devemos um pouco à educação. Por meio do discurso que ele escuta, a sua sensibilidade receptiva permite-lhe entender em vários níveis o sentido emocional subjacente ao discurso do paciente, e de um modo mais sutil do que em geral podem fazer aqueles que não foram psicanalisados.

3. AS RELAÇÕES DINÂMICAS INCONSCIENTES PAIS-FILHOS, O SEU VALOR ESTRUTURANTE SADIO OU PATOGÊNICO

Os exemplos dados por Maud Mannoni mostram esse fenômeno induzido na escuta psicanalítica, mostram também que é impossível para a comunicação transpor certos limiares. Naquele ponto em que a linguagem termina, é o comportamento que continua a falar, e quando se trata de crianças perturbadas, é a criança que, pelos seus sintomas, encarna e presentifica as conseqüências de um conflito vivo, familiar ou conjugal, camuflado e aceito por seus pais.

É a criança que suporta inconscientemente o peso das tensões e interferências da dinâmica emocional sexual inconsciente em ação nos pais, cujo efeito de contaminação mórbida é tanto mais intenso quanto mais se guarda, ao seu redor, o silêncio e o segredo.

A eloqüência muda de uma perturbação reativa das crianças torna presente, ao mesmo tempo, seu sentido e suas conseqüências dinâmicas inconscientes. Em síntese, é a criança pequena e a adolescente que são porta-vozes de seus pais. Os sintomas de impotência que a criança manifesta são assim uma ressonância às angústias ou aos processos reativos à angústia de seus pais. Essa impotência é muitas vezes a ilustração em escala reduzida da impotência de um dos pais, deslocada do nível em que ela se manifesta no adulto para o nível de organização libidinal precoce da personalidade da criança, ou ainda para o nível da organização edipiana em curso. A exacerbação ou a extinção dos desejos, ativos ou passivos, da libido (oral, anal ou pré-genital

edipiana) ou a simbolização na criança das suas pulsões endógenas são a resposta complementar aos desejos reprimidos de pais insatisfeitos na vida social ou conjugal, e que esperam da sua progenitura a cura ou a compensação para o seu sentimento de fracasso. Quanto mais jovens são os seres humanos, mais o peso das inibições dinâmicas sofridas direta ou indiretamente pelas tensões e pelo exemplo dos adultos mutila o seu livre jogo de vitalidade emocional, e menos podem eles se defender criativamente delas; e os gravíssimos distúrbios do desenvolvimento psicomotor mental ou da fragilidade de saúde, por efeito dito psicossomático, das crianças muito jovens, são a conseqüência dessas relações perturbadas com o mundo — enquanto o mundo da criança está ainda limitado ao adulto nutriz. Quantas desordens orgânicas do lactente e da criança de tenra idade são a expressão dos conflitos psicoafetivos da mãe, sendo esses devidos sobretudo à neurose materna, isto é, específica da sua evolução perturbada pré-marital, ou à neurose do pai, que perturba o equilíbrio emocional da criança pelas experiências emocionais sofridas pelo próprio pai e às quais ele submete diariamente sua mulher, mãe da criança.

"Estou com dor de cabeça", dizia um filho único de três anos. (Ele me foi trazido porque era impossível mantê-lo na escola maternal, onde não parava de se queixar da cabeça, parecia doente, passivo e dorido. Era, além do mais, sujeito a insônia, estado para o qual o médico não encontrava causa orgânica.) Comigo, ele repetia o seu solilóquio.

"Quem diz isso?", perguntei-lhe.

E ele continuava, repetindo em tom de lamúria: "Estou com dor de cabeça."

"Onde? Mostre-me onde é que a sua cabeça está doendo." Era a primeira vez que lhe faziam tal pergunta.

"Ali", aponta uma região da coxa perto da virilha.

"E ali é a cabeça de quem?"

"Da mamãe." Essa resposta, podem crer, estarreceu os pais presentes.

A criança era filho único de uma enxaqueca psicossomática, superprotegida por um marido terno, 25 anos mais velho do que ela. O fato de ser filho único significava assim a sua neurose da impotência e a sua fobia da sociedade, por uma provocação até então escutada, a fim de ser superprotegido. O contato com o psicanalista permitiu que a criança, ao longo de um número muito restrito de entrevistas, não mais se alienasse na identificação com esse casal ferido por sua vida difícil.

Trata-se quase sempre na primeira infância — a não ser no caso de seqüelas obsessivas de doenças ou de traumatismos encefálicos — de distúrbios reativos a dificuldades parentais, a distúrbios entre os irmãos ou do clima inter-relacional ambiente. No caso de distúrbios posteriores da infância ou da adolescência, sem perturbações manifestadas na primeira infância, os distúrbios podem ser devidos apenas aos conflitos dinâmicos intrínsecos, em face das exigências do meio social e das provações do complexo de Édipo normal, mas as suas conseqüências podem provocar uma angústia reativa nos pais impotentes para ajudar o filho, ou envergonhados de sua crise de inadaptação à sociedade. A criança, ou o jovem, já testada em si mesma, não encontra mais segurança no seu meio social, tampouco junto aos pais, como na distante época em que o recurso a eles no perigo era a suprema forma de proteção. A criança, mesmo aparentemente mal-amada, só pode sobreviver aos primeiros anos recebendo ajuda e assistência, pelo menos vegetativas. Esse *pattern* de regressão-recurso permanece como o refúgio inconsciente de todo ser humano ("papai", "mamãe", "água" são os derradeiros apelos do moribundo às forças protetoras). Diante da incompreensão do meio à sua volta, instalam-se reações em cadeia de decepções mútuas, intricadas de angústias recíprocas, processos defensivos e reivindicações insuportáveis. A energia residual livre reduz-se cada vez mais, acarretando a incapacidade de aquisições culturais novas no jovem e a perda da autoconfiança. Os comportamentos em tais grupos familiares — paralelamente à impotência social da criança — não passam de muralhas de um recinto fortificado, e as palavras trocadas nada mais são que projéteis entre atacados e atacantes.

A angústia e o isolamento, sentimentos ligados à culpa irracional mágica jamais aplacada, acarretam, na medida em que existe instinto de conservação, compensações reativas desculturalizantes. Depois de transpostas as idades dos distúrbios da debilidade reativa, após a debilidade psicomotora, após a debilidade escolar, vemos instalar-se o quadro clínico tardio dos distúrbios do caráter com incidência social intrafamiliar. A privação de relações reestruturantes provoca o aparecimento das neuroses e da delinqüência e, a partir daí, ocorrerá a involução psicótica ou a criminalidade.

Pelos exemplos citados, Maud Mannoni nos faz participar das primeiras entrevistas referentes a casos clínicos que ilustram todos os graus da perturbação, devidos visivelmente à carência de uma presença sensata logo na primeira idade, à ausência de uma situação triangular socialmente sadia ou à ausência de esclarecimentos verbais às perguntas explícitas ou implícitas da criança, sensibilizada tardiamente por um acontecimento traumático que

permaneceu incompreendido e que a deixou total ou parcialmente embotada, para nele perder-se por não ter sido socorrida a tempo. Esse enclave emocional confuso, mais ou menos colmatado, a deixou vulnerável a qualquer acontecimento que ponha à prova seu narcisismo e, tal como um sonâmbulo que desperta e se atemoriza com a realidade, cada acontecimento ulterior que a testa a fará cair um pouco mais na confusão e na irresponsabilidade crescente.

Este livro torna de fato compreensível como a ausência crônica de possibilidades de intercâmbio verdadeiro no decorrer da vida de um ser humano é tão corrosiva — ou até mais — quanto alguns traumatismos especificados. Pode-se dizer que muitos seres humanos têm assim a sua intuição justa "envolvida" por identificações caóticas, contraditórias, e sobrecarregada de imagens perturbadas. Essa torção, esse desvio da sua intuição natural por modelos não justamente referidos ao mesmo tempo à lei natural e à lei editada, instaura relações simbólicas falseadas. São adultos seriamente neuróticos tomados como mestres e exemplos que produzem a confusão, ou a organização enferma ou perversa na estrutura da criança em crescimento. Maud Mannoni nos deu numerosos exemplos.

Quais são portanto as condições necessárias e suficientes no meio em que vive uma criança para que os conflitos inerentes ao desenvolvimento de cada ser humano possam resolver-se para ela da maneira sadia, ou seja, criadora, para que se obtenha uma pessoa trabalhadora e responsável no momento decisivo do Édipo e da sua resolução no remanejamento dos afetos, das identificações e dos desejos incestuosos, para que a angústia de castração ligada ao complexo de Édipo redunde no abandono dos fantasmas arcaicos ou perversos intrafamiliares e conduza o sujeito à sua expressão na vida social mista e na vida cultural simbólica, aceitando as suas leis?

Pode-se dizer que a única condição, extremamente difícil e no entanto necessária, é a criança não ter substituído, para um dos pais, uma significância aberrante, incompatível quer com a dignidade humana, quer com a sua origem genética.

Para que essa condição inter-relacional com a criança seja possível, esses adultos devem ter assumido a sua opção sexual genital no sentido lato do termo, emocional, afetivo e cultural, independentemente do destino dessa criança. Isso quer dizer que o sentido da vida desses adultos está no cônjuge de cada um deles, nos adultos da sua faixa etária, no seu trabalho, e não na criança ou nas crianças pelas quais são responsáveis; isso quer dizer que o pensamento ou a preocupação com essa criança, o trabalho feito para ela, o

amor que lhe dedicam jamais dominam a sua vida emocional, sejam essas emoções positivas ou negativas. Existe um meio parental sadio para uma criança quando a dependência maior do adulto em relação a essa criança (a qual, no início, é apenas dependência em relação ao adulto) nunca invade o quadro e domina a importância emocional que esse adulto dá à afetividade e à presença complementar de outro adulto. Se é preferível que esse adulto seja o cônjuge, no contexto atual da nossa sociedade, essa condição não é absolutamente indispensável ao equilíbrio da estrutura da criança, o importante é que esse adulto, sendo ou não o cônjuge legal, seja um companheiro realmente complementar, não apenas de vida, mas que focalize de fato as emoções do outro. E, no entanto, existem seres humanos que, em nome do seu destino ou dos acidentes sucedidos durante a sua infância, são privados da presença de um dos pais ou de ambos. O seu desenvolvimento pode processar-se de maneira tão sadia, com características distintas, mas tão solidamente e sem doença mental, nem impotência, nem neurose, quanto o desenvolvimento das crianças que têm uma estrutura familiar íntegra.

4. A PROFILAXIA MENTAL DE RELAÇÕES FAMILIARES PATOGÊNICAS

Com efeito, os fatos reais vividos por uma criança não são tais como poderiam ser testemunhados por outros; é ao mesmo tempo o conjunto das percepções que ela tem deles e o valor simbólico que se desprende do sentido que essas percepções assumem para o narcisismo do sujeito. Esse valor simbólico depende em grande parte do encontro de uma experiência sensível efetivamente nova e das palavras justas ou não que serão pronunciadas ou não a seu propósito pelas pessoas ouvidas por ela, essas palavras ou a sua falta conservam-se e se representarão na sua memória como representativas verdadeiras ou falsas do experimentado vivido. A imposição do silêncio às perguntas e às afirmações da criança ou a ausência de diálogo a propósito dessas percepções não integram, de direito, no mundo humano, esse percebido real pela criança, e deixam essas percepções e aquele que com elas experimentou dor ou prazer na mentira ou no indizível do mutismo cósmico mágico. Isso pode produzir-se a propósito das não-experiências reais, pois o que é desejado pelo sujeito pode ser, por ele, na sua vida solitária e silenciosa, percebido imaginariamente, e protegido assim da incongruência entrevista por ele de toda palavra verdadeira trocada. Mas, como as palavras geram imagens, acontece que, quando uma criança sente desejos e imagina fantasmas a propósito deles, o fato cultural das palavras-imagens dadas em outras cir-

cunstâncias pelos pais produz o seu corolário, vale dizer, as imagens solitárias provocam a audição virtual de palavras parentais, anteriormente ouvidas a propósito de atos ou percepções com a mesma tonalidade de prazer ou desprazer. Assim se constrói e se desenvolve, pela ausência de intercâmbio verbal, um narcisismo sem referência ao outro atual, mas apenas a um outro virtual, o "superego" sempre na etapa anterior. Além do que se passa na imaginação, provocado por desejos não verbalizáveis ou então com verbalizações interditas, há também o que toca o corpo e o comportamento das pessoas, bases da estrutura das leis do mundo humano, as variações da saúde psicossomática dessas pessoas, das quais a criança é testemunha sem ouvir a propósito delas verbalizações justas!

Cada vez que, antes da idade da resolução edipiana (6-7 anos no mínimo), um dos elementos estruturantes das premissas da pessoa é atingido na sua dinâmica psicossocial (presença ou ausência de um dos pais em um momento necessário, crise depressiva de um dos pais, morte ocultada, características anti-sociais do seu comportamento), a experiência psicanalítica mostra-nos que a criança está totalmente informada disso de maneira inconsciente e é induzida a assumir o papel dinâmico complementar regulador como por uma espécie de homeostase da dinâmica triangular pai-mãe-filho. É isso que lhe é patogênico. Esse papel patogênico, introduzido pela participação numa situação real ocultada, é sobrepujado, ao contrário, parcial ou totalmente, por palavras verdadeiras que verbalizam a situação dolorosa que é a dela, e que emprestam sentido, para um outro ao mesmo tempo que para ela, ao que ela está vivendo. Assim ocorre com os acidentes, mortes, doenças, crises de cólera, de embriaguez, destemperos da conduta que provocam a intervenção da justiça, cenas domésticas, separações, divórcios, todas as situações em que a criança é envolvida e cuja divulgação lhe é interditada ou, pior ainda, cuja realidade lhe é escondida, os quais, não obstante, ela sofre, sem que lhe seja permitido neles se reconhecer ou conhecer a verdade que percebe de maneira muito sutil e cujas palavras justas, para traduzir a sua experiência com eles compartilhada, ao lhe faltarem, levam-na a sentir-se estranha, objeto de um mal-estar mágico, desumanizante.

5. SUBSTITUIÇÃO DOS PAPÉIS NA SITUAÇÃO TRIANGULAR PAI-MÃE-FILHO

Toda substituição do papel do pai pela mãe é patogênica, quer a mãe decrete a insuficiência do pai, colocando-se no lugar dele, quer ele esteja ausente, ou ainda quer ela não se refira ao seu desejo a ele. Com efeito, essa

substituição significaria que a mãe o julga insuficiente em relação a quê, a quem? A mãe, ao fazer isso, refere-se obrigatoriamente seja ao seu próprio pai, seja a um irmão, seja à sua própria homossexualidade de desejo, seja a outros homens mais válidos do que aquele que é efetivamente o pai da criança, homens idealizados por ela, que se sente impotente para os ter escolhido por companheiros. Toda substituição do papel da mãe pelo pai, se a mãe se acha ausente ou é realmente perigosa em conseqüência de um estado doentio atual, tem o mesmo papel patogênico de desvio da situação triangular se não se faz tolerância ao de seu desejo a ela, que é conhecido da criança. Toda situação em que a criança serve de prótese a um dos seus pais, genitores, irmão ou irmã, ou avô do pólo complementar, companheiro faltante ou não valorizado, por mais casto que seja nos fatos esse companheirismo, é patogênica, sobretudo se não se verbaliza à criança que essa situação é falsa e que ela pode livremente dela se esquivar. Cada vez que se substitui ao papel responsável dos genitores, impotentes para preenchê-lo, alguma outra pessoa (a avó ou a irmã encarregada de desempenhar o papel de mãe, o tio-avô o papel do pai), há também uma torção, um desvio, pois a situação trinitária pode existir, mas a pessoa que suporta a imago paterna ou materna não é marcada com uma rivalidade sexual pelo papel real de cônjuge genital à mãe do sujeito ou ao pai do sujeito, isto é, o rival, regularizador, pela angústia de castração, das suas inspirações incestuosas. Todas essas substituições, próteses enganadoras que todavia tornam a vida material por vezes mais fácil, aparentemente ou no imediato, poupando a criança de experiências de verdadeira solidão, de abandono, não oferecem perigo se o fato da relação real dessa pessoa-substituto for constantemente sublinhado como não sendo de direito natural, mas como uma tomada do lugar do genitor ausente, deixando à criança a sua livre opção natural e a liberdade de assumir em confiança as suas próprias iniciativas. Se, por outro lado, durante os tratamentos das crianças e das pessoas que foram assim falsamente construídas antes dos 5-7 anos, com uma simbólica falseada, há possibilidade de curá-las pela Psicanálise, é por causa da verdade do sujeito que pode surgir, por causa do papel regulador da expressão justa, dos sentimentos verdadeiros e dos afetos justos experimentados no momento da sua revivescência no decorrer de um tratamento, quando esses sentimentos e esses afetos afloram na situação de transferência e são como que destecidos ou desencapados ou desincrustados, por assim dizer, da sua carne e do seu coração, da obliteração que é a obrigação alienante de se calar. Incidentes muito angustiantes para o paciente e às vezes para o meio social imediato acompanham a iminência da ressurgência de

uma verdade antes que a palavra venha integrá-la numa linguagem sensata. Em suma, a situação de cada ser humano na sua relação triangular real e particular, por mais dolorosa que seja ou tenha sido, conforme ou não a uma norma social, é a única, se ela não é camuflada e truncada nas palavras, capaz de formar uma pessoa sadia na sua realidade psíquica, dinâmica, orientada para um futuro aberto. Nessa situação triangular, o sujeito, seja ele quem for, se constrói sobre a sua existência inicial no dia em que a concebe, sobre a sua inexistência ou sobre a sua existência presentificadas mais tarde na sua primeira ou segunda infância pelos seus verdadeiros genitores. Ela é, nesse caso, simbolizada para a criança por pessoas substitutivas sobre as quais ela transfere as suas opções bipolares sexuais. O ser humano somente pode superar a sua infância para encontrar a sua unidade dinâmica e sexual de pessoa social responsável libertando-se mediante um dizer a verdade a respeito de si mesmo a quem o pode ouvir. Esse dizer o instala então na sua estrutura de criatura humana verídica cuja imagem específica, verticalizada e orientada para os outros homens pelo símbolo de uma face de homem responsável, a sua, está referenciada ao face-a-face com os seus genitores particularizados, e pelo nome que ele recebeu no nascimento, de conformidade com a lei, esse nome ligado à sua existência é, desde a sua concepção, portador de um sentido valorial único que é sempre vivaz depois de todas essas parecenças multiformais e multipessoais, desmistificadas umas após as outras.

6. O COMPLEXO DE ÉDIPO E A SUA RESOLUÇÃO. PATOGENIA OU PROFILAXIA MENTAL DOS SEUS DISTÚRBIOS

Este livro proporciona também ao leitor uma compreensão das conseqüências caracteriais daquilo que Freud genialmente descobriu e descreveu: o complexo de Édipo como etapa decisiva que cada ser humano atravessa depois de tornar clara consciência de pertencer ao gênero humano, expresso pelo seu sobrenome, e de ser corporeamente portador aparente de um único sexo, designado pelo seu nome. O papel da dinâmica triangular pai-mãe-filho, atuante desde a concepção para a criança, sofre as conseqüências inter-relacionais da forma como se viveu e resolveu o Édipo de cada um dos dois. É, de fato, na intervenção do desejo de cada um de seus pais a seu respeito, para complementá-lo ou opor-se com sucesso, que a criança, na sua evolução, dialetiza a sua estrutura inconsciente em face da lei do interdito do incesto e das freqüentes torções que sofre o seu advento humanizante, diante dos

comportamentos regressivos neuróticos ou psicóticos de seus pais, de seus avós ou das irmãs e irmãos mais velhos.

O complexo de Édipo, cuja organização se instala desde os três anos com a convicção do seu sexo e se resolve (o mais cedo possível por volta dos seis anos) com a resolução e o desligamento do prazer incestuoso, é a encruzilhada das energias da infância, a partir da qual se organizam as avenidas da comunicação criadora e da sua fecundidade em sociedade.

Acreditam muitos que o complexo de Édipo só diz respeito a alguns instintos de sexualidade de estilo primata, o cio com fim incestuoso, e insurgem-se contra a sua universalidade. "Um menininho diz que quer se casar com a mamãe, uma garotinha afirma que quer se casar com o papai... São palavras de crianças, é engraçado, não correspondem à verdade, elas próprias não acreditam nisso!" Ora, todos os estudos da infância mostram-nos que não somente a criança não fala por meio de gracejos, mas também que é graças à carnalização desse desejo, que ainda não sabe ser incestuoso, que as crianças constituem o seu corpo na sua totalidade.

O devaneio fantasmado da felicidade conjugal e fecunda com o seu pai complementar permite-lhe chegar à fala do adulto, à linguagem para outrem, á identificação transitória necessária do seu desejo com a imagem do desejo do rival edipiano. A felicidade esperada da satisfação desse desejo pode ser uma alavanca de adaptação muito positiva, muitas vezes traduzida nos contos de fadas, nas poesias e, portanto, "sublimada" na cultura. Contudo, além desse lado positivo cultural, o desejo ardente de posse e domínio do objeto parental exprime-se em sentimentos que provocam efeitos caracteriais negativos de extrema violência em família. Muitas garotinhas e menininhos conseguem fazer explodir um lar, frágil talvez, mas que teria sido duradouro sem o ciúme reativo que a mãe desenvolveu em relação à sua criança ou o pai em relação ao filho. Essa dinâmica profunda dos instintos das crianças que as impele a rivalizar com o genitor de mesmo sexo e a obter os favores do outro esbarra no caso de saúde afetiva dos pais, em uma parede, uma provação: a inalterabilidade do sentimento e do desejo sexual que os adultos dedicam um ao outro. É que a lei da interdição do incesto não é apenas uma lei editada, é uma lei interna, endógena em cada ser humano e que, não respeitada, mutila profundamente o sujeito nas suas forças vivas, somáticas ou culturais (é a imagem de um rio que retornasse à sua nascente).

Cresce no coração da criança a esperança de chegar um dia à realização do seu voto de amor, a esperança cavilhada no ventre de possuir um dia o genitor de sexo complementar; de ser o seu único eleito. Essa esperança dá valor a seu pequeno mundo familiar e valor a longo prazo, na esperança de gerar um dia em si mesma filhos do ser que ama ou de dar-lhe um filho, e é preciso que, ao chegar aos sete anos, ela renuncie a tudo o que a fez crescer, a tudo o que valorizava as suas experiências, é preciso que ela sacrifique, ao menos que esqueça o prazer feito ao seu amado. Se a ele não renuncia, produz-se quer um abalo considerável, quer um bloqueio maciço na evolução dessa criança, perturbação irremediável sem uma psicanálise. Quer a dissimulação parta da criança ou dos próprios pais, finge-se que seus instintos não existem, trata-se a criança como um animal doméstico, ela própria faz dengos para agradar aos pais ou os evita, culpada de exprimir-se gestual ou verbalmente mediante observações ou juízos colhidos fora do lar familiar. Instável ou excessivamente submissa quando em família, ela não se constrói em relação à vida mista dos companheiros de sua faixa etária, não se constrói em relação ao seu corpo, pode ser muito estudiosa, ter um alto grau de psitacismo escolar, mas, de qualquer forma, é, para a sua idade, uma impotente sexual. A sua comunicação é bloqueada, a sua imaginação continua a ser a de uma criança em vista desse amor incestuoso inconsciente, vale dizer, se a criança quer ignorar seja o seu próprio desejo, seja a lei que lhe proíbe para sempre o acesso a ele, o resto da adaptação aparente que ela pode parecer conservar não passa de uma fachada frágil. Impotente sexual — ou seja, impotente na sua criatividade —, ela desmorona-se diante da primeira provação da realidade.

Se o domínio consciente da lei que rege a paternidade e as relações familiares não é adquirido, o que se vê pela ausência de noção clara dos termos que as significam, as emoções e os atos desse sujeito estão fadados à confusão e a sua pessoa à desordem e ao fracasso. A sua moral permanece referenciada à época pré-genital infantil, na qual o bem e o mal dependiam do dizível ou do não-indizível a mamãe ou papai, do não-visto-não-tomado; o "parecer" para "agradar" ou "não desagradar" é o único critério da sua moral. A delinqüência é "inocente", irresponsável, pois a sobrevivência dos desejos incestuosos latentes justifica os papéis imaginários onde ela consegue fazer a sua própria lei na sociedade. Não resolvidos aos sete anos, os conflitos edipianos serão reativados com o impulso fisiológico pubertário, provocando a culpabilidade e a vergonha diante dos caracteres sexuais secundários visíveis, o Édipo reaparece intenso, desarrumando o equilíbrio mantido desde os sete anos. Se o Édipo não está verdadeiramente resolvido aos 13 anos, há que prever gravíssimos distúrbios dos 18 anos em diante, no momento em que a

opção pela vida genital e as emoções do amor deveriam orgulhosamente ser assumidos e procurar socializar-se em ambiente misto.

Que é, pois, essa resolução edipiana, esse termo que se vê sempre nos textos psicanalíticos e que interpretamos como sendo a chave de um sucesso, ou, ao contrário, de certa morbidez nos seres humanos? Trata-se de uma aceitação dessa lei do interdito do incesto, de uma renúncia ao desejo do corpo-a-corpo genital do sexo complementar e à rivalidade sexual com o de mesmo sexo até na via-imaginária. Essa aceitação, que coincide, aliás, com a fase da queda dos dentes, é também, de fato, uma aceitação do luto da vida imaginária da infância protegida, ignorante, dita inocente; é também uma eventual aceitação da morte possível dos pais, sem culpa mágica ao pensar nisso. No caso em que o casal de pais é equilibrado, quero dizer composto de dois indivíduos psicológica e sexualmente sadios, mesmo e talvez sobretudo se eles não têm qualquer noção consciente de psicologia e de Psicanálise, tudo se põe nos eixos nos instintos da criança. Os pesadelos ou as cenas de oposição caracterial ou de ciúme amoroso que traduzem o período crítico dos sete anos cessam, já não existem esses pequenos sintomas que marcam a vida de todas as crianças ao redor desse período crítico. A criança, quando as circunstâncias são favoráveis, passa a desinteressar-se de maneira muito cortês, mas claramente, pelo efeito que produz no pai, na mãe, a desinteressar-se pela vida íntima deles, que, até o momento em que ela lhe conheceu o sentido (que é confirmado pelo seu nascimento e pelo nascimento dos irmãos), aguçavam a sua curiosidade. Ela é muito mais sensível às condições sociais que a sua filiação lhe proporciona, mais ocupada em observar os seus pais na sua vida social aparente, com os seus relacionamentos, e transpõe um pouco para a relação com seus colegas preferidos o estilo de companheirismo que os pais mantêm com os amigos. Interessa-se cada vez mais, quer o demonstre ou não, pela vida das crianças da sua idade, pela sua escolaridade, por ocupações que lhe são pessoais, e abandona o modo de vida em que centraliza tudo no juízo que faziam os adultos, tanto em casa quanto no mundo exterior. A resolução do complexo de Édipo como fato aparece de forma indireta quando a criança, deixando de apresentar problemas no lar, é capaz de deslocar a situação emocional trinitária para transportá-la para o mundo ambiente, na escola e nas atividades lúdicas; entre inúmeros colegas, ela pode fazer dois ou três amigos verdadeiros, amizades ainda suscetíveis de desilusões desafiadoras. Em contrapartida, a criança que não resolveu o Édipo permanece muito dominada pela ambiência emocional do seu relacionamento com a mãe ou com o pai. Com os seus raros companheiros, o sujeito repete situações a dois ou se desenvolve em brigas em situações com vários participantes, por crises de ciúmes de estilo homossexual, idêntico ao ciúme edipiano ainda presente que lhe corrói o coração. Um notável fenômeno sociológico da nossa época é que, ao contrário do interdito do canibalismo, que é conscientemente conhecido de todos, o interdito do incesto entre irmãos está nocionalmente desaparecido para muitas crianças, e eu deparei com vários casos em que, aos 12 anos, o mesmo ocorria com o interdito do incesto da criança com os genitores. As causas sociais desse fato mereciam ser estudadas. Os danos dessa ausência de lei editada são consideráveis, pois a intuição do perigo psicogênico do interdito em nossas cidades é varrida por perigos reais de violência ou de chantagem oriundos do pai provocador perverso, investido de todo poder pela criança, e pelo meio circundante amedrontado ou ingênuo que condena a não-submissão cega ao pai abusivo perverso. Confirmando a universalidade no inconsciente do complexo de castração, a clínica mostra, cada vez que existe ignorância consciente do interdito do incesto, graves distúrbios afetivos e mentais em todos os membros da família. Mais uma vez, não se trata de hereditariedade fatal, visto que a psicoterapia psicanalítica, melhor ainda, uma psicanálise, permite ao sujeito, finalmente, explicitar e resolver o seu Édipo.

Voltemos à situação trinitária pai-mão-filho e seu papel determinante na evolução psicológica. Cada ser humano é marcado pela relação real que tem com o pai e a mãe, do *a priori* simbólico que herda no instante do seu nascimento, antes mesmo de ter aberto os olhos. Dessa maneira, tal criança é esperada como devendo eliminar os sentimentos de inferioridade de seu pai, que permaneceu como o menininho inconformado de não ter nascido num corpo de menina, produtor de algo que vive nela, como ele viveu em sua mãe. Tal filha é esperada como devendo ajudar sua mãe a reencontrar a situação geminada de dependência para com a própria mãe, da qual se libertou com muitas dificuldades, e a eliminar a sensação de abandono que experimenta com um marido que lhe permanece alheio. Essa criança necessária a seu pai, necessária a sua mãe, já está encetada, se me é lícita a expressão, do ponto de vista simbólico, na sua força de desenvolvimento. Em suma, cada criança está marcada por essa situação real. Mas, pode-se argumentar, que existem crianças que não têm pai, ou, pelo menos, não o conhecem; pois bem, se essa situação é a deles, é *a partir* dessa situação que eles se construirão, contanto que as palavras que lhes são ditas pelo meio social sejam as palavras justas referentes a essa ausência de representante, vivendo ao lado deles, da pessoa paterna ou da pessoa materna. Entre os exemplos dados por Maud Mannoni

e entre muitos outros em que penso, o papel desestruturante ou inibidor de desenvolvimento não se prende à ausência dos pais (essa ausência é sempre dolorosa — mas a sua presença também pode ser. Em todo o caso, toda dor pode ser sadia quando reconhecida, pois a criança pode estruturar suas defesas compensadoras). Todas as palavras neurotizantes vêm das mentiras que impedem os fatos reais de conter os frutos da aceitação, a partir da situação real.

Cada ser humano possui, em conseqüência de sua própria existência encarnada, uma imagem do homem e da mulher complementares; ele molda essa imagem, por meio dos pais que o criam e é por causa desse empréstimo imaginário a pessoas reais que ele vai se desenvolver, identificando-se com elas segundo as possibilidades do seu patrimônio genético.

Elas são, ao mesmo tempo, portadoras da sua aspiração imaginária, seja identificadora se é o pai do mesmo sexo, seja complementar se é o pai do sexo oposto; ora, as emoções relativas a essa imagem, que não podem ser expressas à pessoa real portadora dessa imagem, falsearão a imagem pessoal do sujeito e pode-se chegar a situações paradoxais de uma criança que se constrói de maneira invertida, ou totalmente neutra, reprimindo histericamente a sua vitalidade genital, por exemplo quando a imagem paterna é carregada pela mãe e a imagem materna é carregada pela pessoa do pai.

O importante não é isso; o importante é que as palavras que correspondem à experiência da criança raramente são pronunciadas pelo seu meio social, testemunha, como ela, dessa situação. A crítica que ela poderia fazer disso em torno dos dez anos de idade torna-se impossível e ela vive, constrói a si própria, sem o perceber, de maneira caótica, carnalizando-se no período pré-edipiano de uma forma que prepara, no momento do desinvestimento relativo libidinal dos sete anos, um período de latência neutro, de pseudocastração que, sem psicanálise, a conduzirá a procurar na puberdade uma fixação a uma opção de complemento ulterior extrafamiliar num estilo quer investido, quer indeciso, a pessoas que não serão inteiramente complementares da sua verdadeira natureza genital que permaneceu confusa. Ela arrisca-se muito a escolher pessoas que, à imagem das que criaram, são caoticamente polarizadas e sobretudo apenas em parte genitalizadas. São tais crianças que se tornam pais abusivos, pois o seu Édipo malfeito as deixou sedentas de uma libido de pulsões não diferenciadas que vão ser retomadas em acoplamento-geminação artificial com relação ao filho, ou com a reativação do Édipo, ou seja, vão se mostrar de tal modo ciumentos do apego do filho ao seu cônjuge que isso se transforma em sintomas graves. A criança necessita nesse momento da solidez do casal parental para que os seus fantasmas de triunfo edipiano fracassem diante da realidade, pois, do contrário, corre o risco de ficar mais seriamente enferma do que o pai ou a mãe.

Releia o leitor essas observações nas entrelinhas e entenderá: "Meu marido nada tem de homem nem de pai, cumpre então que eu seja tudo" ou "Ah! Eu queria tanto que o meu filho se parecesse com meu pai" ou "que não fosse igualzinho ao pai" ou então "Sem a minha irmã eu não posso viver", "Quero que a minha filha seja que nem a minha irmã, ela deve substituí-la" ou ainda "Eu, que ocupei o lugar de um irmãozinho que nasceu morto antes de mim, e cujo nome ostento, não posso saber tomar o lugar dele, nunca sei o que dizer ou o que fazer. Acaso o matei? Quem nasceu? Quem sou eu? Sendo um semimorto, tenho semidireitos" ou ainda "Esse filho não quero, revejo nele o meu odiado irmão". Outra: "Mamãe é tão infeliz com papai que tenho de ser o seu bebê para consolá-la, o seu bebê do tempo em que ela e papai se amavam, e depois ela tem tanta necessidade de se dedicar... é preciso então que eu esteja doente, pois, do contrário, para que permaneceria ela em casa... e depois como eu sou quase marido dela, é a mim que ela ama e eu não quero ninguém entre mamãe e mim". Cada caso patológico é a pantomima de um discurso não-verbalizado que significa a afirmação ou a anulação da dinâmica do sujeito que nos trouxeram ao consultório. As descobertas clínicas psicanalíticas impõem a compreensão dinâmica dos distúrbios infantis pela análise das dificuldades encadeadas que remontam às carências, na estruturação edipiana, não dos pais, mas dos avós e, às vezes, dos bisavós. Não se trata de hereditariedade (senão uma psicanálise não modificaria as coisas), mas de uma neurose familiar (tirando desse termo, por outro, qualquer sentido pejorativo, para que ele só conserve o seu sentido dinâmico). Trata-se de imaturidade libidinal, de regressões ou perversões sexuais por carência encadeada, nas resoluções edipianas não realizadas.

Este livro pode comunicar aos leitores novas preocupações, fazendo com que vejam evoluções onde pensavam haver um destino fatal? Isso não é impossível e seria lamentável, pois, infelizmente, as preocupações a respeito de si mesmo produzem sem demora o sentimento de culpa e a procura de receitas rápidas para fazer tudo no sentido de modificar as aparências. Muitas famílias vivem num estado de simbiose mórbida. Sem a psicanálise do membro indutor dominante, a neurose familiar não é modificável. Ora, com freqüência, a psicanálise ainda é inacessível (tempo, lugar, dinheiro). Pode-se temer que livros que se dirigem a todos despertem reações imprevistas. É sempre o perigo que se deve recear quando se fala de psicanálise, e, no entan-

to, é necessário que o público desperte para esses problemas. Entre os exemplos citados, pai ciumento ou indiferente, mãe rejeitadora ou despótica, casal mórbido prisioneiro de um contra-senso, antepassado no papel por demais respeitado, abusivo e pervertidor, vão talvez reconhecer o seu retrato e sofrer inutilmente com uma situação de fato sobre a qual não haviam refletido. Talvez se sintam culpados, enquanto não passam, também eles, de responsáveis ocasionais, da mesma forma que o condutor de um carro que teve o seu curso desviado pelo estouro de um pneu ou pelo choque de outro veículo pode provocar acidentes. "Os pais comeram as uvas verdes e por isso os filhos ficaram com os dentes embotados." Essa frase ilustra quase todas as histórias clínicas deste livro.

Essa frase deve, aliás, ser entendida não no sentido de "é culpa dos pais", ou deste, ou daquele, mas no sentido verídico, que é o de que os pais e os filhos de tenra idade são dinamicamente participantes, indissociados pelas suas ressonâncias libidinais inconscientes.

A aprendizagem da liberdade em família e o uso que se deve fazer dela é um longo e solitário exercício de coragem, os próprios adultos são, com mais freqüência do que se crê, induzidos, ainda na idade adulta, em direção, em contradição ou em ligação complementar (imaginária ou real) pela sua fixação e pela sua dependência em relação à geração anterior, aos seus próprios pais. Não existe falha, mas fato.

A psicanálise ensina-nos que todo ato, mesmo nefasto, é solidário de um conjunto vivo e que, mesmo lastimável, um ato ou um comportamento pode servir de forma positiva para quem saiba dele tirar experiência. Infelizmente, em cada um de nós o sentimento de culpa é fundamental, provocando as inibições e barrando o acesso ao único ato libertador, o acesso a uma fala verdadeira a quem é capaz de ouvi-la. Espero que o livro de Maud Mannoni possa dar um testemunho tranqüilizante a respeito desse ponto.

7. A SOCIEDADE (A ESCOLA). O SEU PAPEL PATOGÊNICO OU PROFILÁTICO

Seja-me permitido formular votos de que os psicanalistas clínicos só tenham de cuidar dos casos que, com efeito, decorram das desordens profundas da vida simbólica que datam de antes dos quatro anos e não dessas dificuldades reacionais sadias à vida escolar atualmente efetivamente patogênica. Refiro-me às reações ou crises caracteriais sadias de um sujeito ocupado em resolver dificuldades reais necessárias na sua vida emocional pessoal e familiar e que, momentaneamente, se desinteressou por seu papel de aluno. O drama para as crianças, em nosso país e em nosso sistema, provém do estilo de instrução passiva, nos horários e programas obsessivos e que de modo algum deixa a cada qual uma margem de acesso à cultura. As lições e os deveres, esquecemo-nos disto com demasiada freqüência, são meios mas não fins em si mesmos.

Quantos adultos, válidos e criativos, não passaram, durante a infância, por períodos em que a sua escolaridade não lhes interessava de forma alguma, enquanto o seu espírito alerta seguia momentaneamente outro caminho que, para sua criatividade, o seu devir social significava que sua liberdade já se engajava. Quantos distúrbios sérios do caráter seriam evitados se a aprendizagem dos signos que permite a comunicação cultural, a leitura e a escrita, e depois a aprendizagem das combinações aritméticas só viessem depois da conquista e do desabrochar da linguagem veicular falada e da motricidade lúdica livre, totalmente dominada. As forças caudinas das passagens a uma série mais adiantada, baseadas em conhecimentos aprendidos e numa idade oficial, que interferem um com o outro, são as mais absurdas condições de vida impostas à expressão do eu. Ora, essa expressão é aprovada por cada ser humano como uma exigência vital. Quantas energias sufocadas ou desperdiçadas inutilmente e que poderiam ser deixadas em liberdade, com um sistema escolar que confirmasse em vez de infirmar o livre acesso às iniciativas e às curiosidades inteligentes dos futuros cidadãos, que os formasse para um domínio para eles mesmos, em cada instante carregado de sentido, das suas capacidades, a uma ordenação por e para eles mesmos de conhecimentos e técnicas adquiridos por desejo, e não por obrigação ou por submissão perversa ao medo das sanções e a imperativos impessoais.

Peço que os jovens franceses não sejam mais escravos de programas impessoais impostos e artificialmente paralelos: tal nível para o cálculo correspondendo a tal nível para a gramática. Peço que o ensino da gramática francesa não se dê antes do uso perfeitamente adquirido da língua na expressão pessoal. Que a criança não veja sempre o seu ritmo de interesse contrariado por causa das limitações do tempo consagrado a tal disciplina ou a tal tema de ensino. Que é feito agora da introdução à música, à dança, à escultura, à pintura, à poesia; que é feito da iniciação à habilidade e à harmonia das expressões corporais criativas? A ginástica também está programada e o desenvolvimento dos movimentos obedece a imperativos de desempenhos calculados; que é feito da introdução ao sentido das artes plásticas, onde está a introdução ao sentido estético da expressão gráfica ou verbal, onde estão as

palestras onde cada um fala, escutado pelo grupo, do que lhe interessa, interessando os outros e aí tomando consciência da sua inserção social pessoal? Em quantas classes, se as crianças tivessem permissão para sair quando desejassem, ficariam sentadas em silêncio durante uma hora, escutando ou fingindo escutar? É aí que se falseia o sentido da verdade do sujeito em sociedade, e onde as energias formidáveis que uma criança pode desenvolver pela sua cultura e instrução, se as suas motivações a animam, são praticamente sufocadas, em nome do bem dos outros, para serem teoricamente dirigidas, enquanto nada sustenta a fonte das motivações, nem a originalidade do sujeito em busca da sua alegria. O desejo não se comanda. O grave é que, se as crianças atuais aceitam cada vez menos essa mentira multiladora das suas forças vivas e vão engrossar as categorias de disléxicos, discalcúlicos e retardados escolares, são então os pais que, por angústia do "futuro", querem impor a lepra dos deveres obrigados, das lições engolidas, vangloriam-se das boas colocações da criança, sentem-se deprimidos com as suas notas baixas.

Diante dos boletins que devem ser assinados todos os sábados, sentem-se como se fossem conferir o cartão da loteria esportiva! Esse desejo dos pais, imposto em nome da sociedade (a escola é a sociedade, o para-além do familiar edipiano), impede a libertação instintiva dos pais em relação aos seus filhos, e vice-versa, agravando assim o esgotamento na fonte das possibilidades culturais verdadeiras. Por que o nosso sistema de iniciação do cidadão à cultura e à vida social, quero dizer o nosso sistema escolar, obedece a métodos e a imperativos totalmente estranhos à higiene afetiva e mental dos seres humanos? Por que motivo crianças que chegam sãs de corpo e de espírito — há muitas nesse caso — com a idade de três anos à escola maternal são com tanta freqüência traumatizadas e tantas vezes empobrecidas da espontaneidade criadora que é o essencial do ser humano, para se verem fantasiadas de robôs disciplinados e tristes, amedrontadas diante dos professores que deveriam lhes prestar serviço?[3]

Por que, ainda alegres e comunicativas aos seis anos (há muitas assim), deve a "turma" obrigá-las a calar-se, a ficar sentadas imóveis como coisas ou animais amestrados, e sobretudo ensinar-lhes à força, em nome de um programa, o que elas ainda não tiveram desejo de conhecer, a leitura, a escrita, o

3. Essas reflexões sobre o ensino, cujo propósito ultrapassa amplamente o estudo de Maud Mannoni, exprimem a opinião pessoal de Françoise Dolto. Essa opinião sem dúvida não será compartilhada por todos os educadores, mas as convicções em que ela se baseia merecem decerto alguma

cálculo? Por que devem solicitar a um adulto autorização para se isolar, se ausentar para satisfazer necessidades naturais que, bem sabemos, elas adiariam por iniciativa própria se a tarefa em que estão ocupadas em classe lhes interessasse? Por que o sentimento do valor intangível da pessoa humana ali presente, original e livre, em cada criança, respeitada em si própria independentemente do seu potencial familiar, não é o móvel das menores atitudes do professor em relação a cada um, e, pelo exemplo assim dado, inculcado em todos?

Por que a escola não é para todas as crianças o lugar de alegria e o refúgio onde ela encontra repouso para as tensões familiares, a confiança em si, um meio social vivo, uma ocupação atraente? Com ou sem pais perturbados, a partir dos sete anos o lugar da criança já não é na família mas na sociedade, na escola, lugar não privilegiado mas respeitado pelo simples fato de que ela é um cidadão. Cada um dos responsáveis pela administração da escola deveria estar ao serviço de cada criança, e cada criança deveria senti-lo, se se quiser que, em seguida, ela deseje livremente assumir, por sua vez, o seu justo lugar criador, segundo as suas capacidades, na sociedade.

O que se vê? Não crianças escolhidas na escola, mas crianças submetidas às engrenagens anônimas de uma máquina administrativa. A disciplina, segundo se diz, faz a força dos exércitos, pois cada qual nele deve ser irresponsável pela morte que deve dar, intermediário anônimo que é do instituto de defesa de um grupo nacional, submetido a uma hierarquia de comando, alienado por contrato no seu chefe, a fim de que possa ser preservada em cada um a hierarquia estruturada para dar a vida e não para tomá-la.

No entanto, a disciplina na escola somente pode vir de cada criança e do simples fato de que ela focaliza melhor os seus desejos no que ela própria pretende aprender, e apenas nesse caso. A disciplina pela disciplina é absurda; quanto à disciplina imposta por um chefe para não perturbar a atividade dos outros, instaura a passividade estéril na categoria de valor. Só resta ver como uma criança pode se abstrair e brincar sozinha com alguma coisa que a cative em meio à maior desordem e ao maior barulho para perceber prontamente que esses "outros" que têm de ser protegidos podem, com proveito, ser ensinados e abstrair-se tanto na escola como nos seus jogos. Aqueles que ainda não conseguem focalizar os seus interesses na aula não seriam desviados destes como o são por uma disciplina mortífera. De fato, a escolarização obrigatória, genial decreto que poderia conservar criativa toda criança sadia, a partir dos três anos, e livrá-la das suas experiências edipianas, sustentando as suas capacidades de sublimação no dia-a-dia, sustentando os seus intercâmbios com o grupo e o seu acesso à cultura, essa escolarização obriga-

tória tornou-se uma tarefa de desritmagem, de competição exibicionista de mutilados bem ou mal compensados. A adaptação escolar é agora, à parte raríssimas exceções, um sintoma maior de neurose. Isso não quer dizer que a inadaptação seja por si só um sinal de saúde, mas é entre as crianças e os jovens alinhados sob essa denominação que se encontram infelizmente os cidadãos atuais válidos. Permanecerão eles muito tempo assim se a introdução à cultura não lhes é oferecida pela sociedade dos adultos?

Os instintos sadiamente humanos dos jovens, libertos por si mesmos da obediência parental ultrapassada e desviados do entusiasmo de chegar à cultura, só podem comprometê-los num gregarismo pulsional fora dos limites. Como assegurar a substituição dos antigos, que, não os respeitando, lhes inculcam o irrespeito por si próprios e pela sua imagem futura? Nos meios abastados, o poder aquisitivo devolvido pelos pais permite o acesso às distrações mais ou menos dispendiosas em que muitos adquirem valor cultural, muito afortunadamente. Nos meios intelectuais, os valores culturais representados pelas trocas extra-escolares com o meio circundante servem ainda de compensação, salvo nos casos de neurose parental — à carência cultural escolar. Contudo, nos meios de trabalhadores braçais, de comerciantes, de funcionários públicos, o que podem fazer das suas energias em alqueive rapazes e moças até os 16 anos obrigados pela lei a uma escolaridade para eles sem interesse, à margem das trocas que os valorizariam? Como se integrar numa sociedade que os censura abertamente por não terem apreciado os bancos escolares, os conhecimentos livrescos, as lengalengas impessoais dos mestres, a disciplina passiva e os jogos sem riscos?

Se me pode ser permitido falar assim num prefácio a um livro tão notável que sublinha e ilustra o papel do psicanalista, é porque a nossa prática nos convida a constatar diariamente efeitos neurotizantes da vida escolar sobre crianças que tiveram uma sadia estrutura pessoal em família e um Édipo sadiamente vivido. As bases da sua vida simbólica são ordenadas, e é à sua criatividade de rapazes ou moças chegados ao estágio da vida social que não logra ser empregada, com as desordens secundárias provocadas pela escola, que os levam aos psicanalistas, desordens às vezes graves, por causa da angústia reativa de seus pais.

Se lanço esse grito de alarme, é porque estou convencida do poder emocional da vida de grupo em meio cultural, quando o grupo responde efetivamente ao desejo de criatividade e de fecundidade simbólica nas trocas inter-humanas de que uma criança é capaz dos sete anos em diante, enquanto a estrutura da sua personalidade é concluída no meio parental. Também estou convencida, e tive provas disso em certos casos privilegiados, do poder reparador que poderia ter em numerosos casos a vida de grupo de dois anos e meio a sete anos para a criança submetida em família a influências mórbidas parentais, e isso sem que ela tenha de deixar o seu meio inicial. Contudo, para isso é preciso que a escola dita maternal corresponda à sua denominação e sirva de prótese às imagos sadias das crianças que — em família — só encontrem apoios falhos...

É inadmissível que crianças de dois anos e meio cujas mães não podem pôr em contato diário com outras crianças fora da família não sejam admitidas no grupo social escolar porque são demasiado jovens ou porque, seja qual for a sua idade, não adquiriram o controle esfincteriano, enquanto a não-obtenção do controle corporal nessa idade é o sinal patente de relações perturbadas da criança a sua mãe no meio familiar. É inadmissível que a crianças que não falem aos três anos, ou que não ouçam, tenha sido recusado o livre ingresso em grupo escolar corrente antes da idade de instrução, as quais, de fato, necessitarão de métodos especiais. É inadmissível que toda criança deva ser submetida à instrução dos signos a partir de seis anos, quando ainda não está aparelhada para isso nem deseja fazê-lo. É inadmissível que turmas ditas de aperfeiçoamento, com métodos individualizados, só possam aceitar os inadaptados para a instrução antes dos oito anos de idade, enquanto dois dos mais importantes anos foram perdidos para o desenvolvimento verbal e psicomotor, e que o sentimento de não se haver integrado ao grupo estragou o coração dessa criança, freqüentemente mais sensível e mais vulnerável do que a criança dita "inteligente". A aquisição da autonomia torna-se impossível para a criança triturada nas engrenagens da escola e diante do casal formado pelos pais. A libertação libidinal da dependência aos adultos, que estimula a atração das crianças para a sociedade, é entravada, pois os professores se confundem com os pais. Agradar-lhes, não desagradar-lhes, sair-se bem para eles e não para si próprio — quer o saibam, quer não — e sem motivação pessoal, é perversamente inculcado nos jovens antes e no curso da adolescência.

O interesse compartilhado com pais e professores por uma disciplina cultural e o entusiasmo coletivo pelas letras, pelas matemáticas, pelas ciências não se verificam em horários dementes; é o conformismo psitácico eficiente, meio perverso de promoção social proposto a todos. Não basta aplicar vacinas contra as doenças do corpo, cumpre pensar em vacinar a criança contra o desespero e a angústia solitária, em vez de deixá-la afundar-se nas areias movediças, entregue aos seus instintos.

Se o papel do psicanalista é permitir a um sujeito neurótico ou doente mental encontrar o seu sentido, é também seu papel dar um grito de alarme diante da carência pública educacional, dos métodos e instituições escolares freqüentemente patogênicos, em face das carências e do papel patogênico individuais de muitos pais do mundo dito civilizado. A civilização é um estado que só se mantém pelo valor de cada um dos seus membros e pelo intercâmbio criativo entre eles. Não é necessário que o preço da civilização seja a existência de psicoses e neuroses devastadoras cada vez mais precoces.

Um imenso trabalho de profilaxia mental deve organizar-se, e isso não é função dos psicanalistas clínicos; esse trabalho, porém, não pode organizar-se sem a nova luz que a Psicanálise traz para o mundo civilizado. O que se poderia fazer a partir da idade conquistada (não antes dos sete anos, e variável para cada indivíduo) da possibilidade de acesso à cultura, para abrir o caminho à expressão autêntica dos desejos das crianças desde a freqüentação escolar, permitir que elas adquiram consciência do seu valor pessoal, inseparável do valor pertencimento a um grupo inteiro, permitir que elas se exprimam, que troquem com os seus semelhantes os seus desejos, os seus projetos de aprendizagem, que exponham os seus juízos sobre a sua escola, os professores, os próximos, os pais e que se autonomizem no acesso à instrução pessoalmente motivada? Uma expressão assumida com confiança em entrevistas livres leva consigo uma consciência de si e do outro.

Por que cada escola não teria um ou vários psicólogos, sem nenhum poder executivo nem legislativo, a serviço exclusivo das entrevistas livres solicitadas pelos próprios alunos, desejosos de exprimir as suas esperanças, as suas provações, as suas dúvidas e certos de se sentirem ouvidos, compreendidos e defendidos, sem angústia no seu interlocutor e também sem cumplicidade, para buscarem pessoalmente a solução das suas dificuldades?

Falta também à escola, para compensar a carência educativa do exemplo recebido em família, a instrução formadora social.

Quero dizer que as crianças civilizadas nunca ouvem da boca do seu mestre, e nunca os seus pais lhe disseram, por não sabê-la ou por julgar bom dizer-lhe, a formulação das leis naturais que regem a espécie humana: as leis da paternidade e da maternidade legais, as leis que regem os instintos naturais e o seu comércio em sociedade, a proibição do canibalismo, do roubo, do homicídio, do estupro e do adultério. Ora, elas estão mergulhadas numa sociedade onde, com exceção do canibalismo, todos esses comportamentos delinqüentes são propostos à sua observação.

Ninguém lhes diz a lei, os direitos e os deveres que os pais têm em relação a elas nem aqueles que têm em relação a si próprias e aos pais. Se interrogarmos qualquer criança de 12 anos, perceberemos que ela crê estar desprovida de direitos cívicos e à mercê de todas as chantagens de amor ou de abandono, enquanto o legislador formulou não somente uma declaração dos direitos do Homem mas também uma declaração dos direitos da Criança. Quantas crianças conhecem o recurso que podem legalmente pedir à lei, diante de pais absurdos ou que abusam dos seus direitos como maus professores? Existe aí todo um terreno que parece revolucionário e que efetivamente o é, mas que é imposto, pelo agravamento dos distúrbios da adaptação social precoce e pelo sentimento pungente, àqueles que são submetidos aos imperativos legais de uma vida escolar absurda, longe das realidades que seriam consideradas por um cidadão de sete a 15 anos como merecedoras do empenho de seu tempo e de sua coragem, do sacrifício de seu gênio criativo de filho de homens, de pobres homens ditos civilizados que não sabem respeitar a vida por eles gerada, não sabem abrir as vias do acesso à verdade às gerações que lhes sobreviverão.

Oxalá este livro de Maud Mannoni desperte o leitor para esses sérios problemas!

FRANÇOISE DOLTO

Prólogo

Reproduzo aqui algumas notas sucintas tomadas ao término da *primeira consulta*.

Elas resumem, em sua própria frieza, uma *situação*.

Quem são, pois, essas crianças cujos pais vêm consultar-me sobre problemas que vão desde dificuldades escolares comuns até manifestações psicóticas caracterizadas?

Crianças difíceis, crianças alienadas, crianças em perigo moral, crianças rebeldes a qualquer tratamento médico, quem são vocês, quem são seus pais?

Leitor, siga-me, este mundo também é o seu.

A entrada dos pais com a criança no consultório do psicanalista é geralmente o sinal de que se busca recorrer a um terceiro. Testemunha de acusação, confidente, conselheiro, o psicanalista é igualmente visto como juiz, perseguidor ou salvador supremo. Ele é a pessoa a quem nos dirigimos depois dos fracassos, dos dissabores, das ilusões perdidas, aquele a quem queremos agarrar-nos, mas também aquele de quem queremos servir-nos para fomentar querelas pessoais. Ele é, antes de tudo, o terceiro e desejamos que tome partido.

A tarefa do psicanalista é não se deixar prender nesses limites. Pela sua presença, vai ajudar um indivíduo a articular a sua demanda, a constituir-se na sua fala em relação à sua história, para finalmente extrair, a partir de uma certa seqüência, uma mensagem em que poderá ser veiculado um sentido. O analista visa mais a confrontar a tomada de posição do sujeito, por meio do seu mundo fantasmático, com um sistema que é da ordem do significante do que a dar a significação deste ou daquele distúrbio.

A linguagem desenha um sistema em que as palavras tomam um lugar em determinada ordem. O mesmo acontece com a noção de parentesco: o sujeito situa-se numa linhagem, e o lugar que nela ocupa supõe certa relação com os diferentes termos desse sistema. Um desses termos, o significante *Pai*, assume aí certa importância que se revela no discurso do sujeito. A palavra *Pai* revestirá um sentido relacionado, por exemplo, com a aceitação ou recusa de uma ordem estabelecida e rígida, e que é comandada pelo sentido que esse termo já adquiriu na mãe. É em função de acidentes nesse registro que se deflagram as formas de neuroses ou de psicoses.

Todo sujeito acha-se, portanto, inscrito numa linhagem, segundo certas leis. A análise nos mostra que a sua relação com essas leis adquire uma significação não só no seu desenvolvimento, mas também no tipo de relação que estabelecerá em seguida com o outro.

É a Jacques Lacan que cabe o mérito de ter apurado essas referências essenciais da tipologia freudiana. Ele nos permite assim entrar de uma forma orientada no universo do doente. Tenho-me servido de suas referências na minha escuta psicanalítica. Se ressalto a posição de todo sujeito em relação à imagem paterna e à lei, não é um contexto normativo e ideológico, é, lembremos, porque o significante paterno, em face de outros significantes, ocupa determinado lugar no inconsciente do sujeito, e as desordens se revelam no que nos é significado no nível do discurso. Se a mãe pode parecer, por meio destas linhas, como o único apoio de todos os erros e de todos os crimes, deve-se procurar não entender ao pé da letra, no nível do real, o que eu tento, muitas vezes desajeitadamente, distinguir como acidentes numa topologia abstrata. Quer queiramos ou não, estamos inscritos num determinado sistema de parentesco. A história de cada um reflete a maneira como nela se reage.

A criança trazida até mim está situada numa família e carrega o peso da história de cada um de seus pais.

Se, nos romances cor-de-rosa, todo final feliz se realiza com o casamento e a chegada de numerosos filhos, na vida o desfecho é às vezes menos otimista: é uma nova entrada num sistema, com as suas leis, os seus vínculos, as suas obrigações. A vida de um filho levanta um problema para cada um dos pais; desse modo, antes mesmo do seu nascimento, já se desenha para a criança um certo destino.

O primeiro relacionamento da criança estabelece-se com a mãe, que é, para ela, esse primeiro *Outro*, no qual o seu próprio discurso vai encontrar um sentido. Esse relacionamento é fundamental, ocupa um lugar definido num sistema em que o pai aparece, nesse jogo de xadrez, num lugar não

menos determinado. A seqüência da história nos é dada pela marcha dos peões, pela situação de um em relação ao outro.

As mulheres censuram-me às vezes por reduzi-las nos meus escritos a um papel de escrava submissa à Lei do amo. Todos nós estamos presos em certa engrenagem. Para que o mecanismo funcione, cada um deve encontrar-se em determinado lugar. O ser humano forma-se por meio das revoltas, das ilusões perdidas, das aspirações desesperadas. Está em movimento dentro de um sistema preexistente ao seu nascimento. Na vida, ele esbarra nas engrenagens políticas, nas exigências do trabalho, nas regras jurídicas e sociais.

"Não há lugar, no que dizeis" censuram-me "para a mulher emancipada. Ela está sempre submetida."

E porventura existe algum lugar para o homem emancipado? Ele também não está sempre submetido a alguém ou a alguma coisa, ou prestes a estar?

O próprio sentido de cada um não é poder reencontrar-se numa possibilidade de criação, com os seus dissabores, lutas e desilusões? E, em toda criação, mesmo a mais bem-sucedida, em toda superação, mesmo a mais afortunada, não existe sempre uma parte de si mesmo que se sente contida num espelho, eternamente em busca de uma felicidade sempre fugidia? E o que são, exatamente, a felicidade, o amor e a maternidade?

O ser humano constitui-se por meio dessas questões e do seu suporte de esperanças e desesperos. Nem sempre é cômodo ver claro nesse ponto. As páginas que se seguem descrevem, dizia eu, uma *situação*. Veremos, em seguida, como extrair dela um sentido para que o sujeito chegue a significar-se em relação a ela e a si próprio.

Segundo um método de exposição talvez discutível, vou apurar uma certa dimensão psicanalítica com base em 30 casos de primeira consulta.

O estudo faz-se em dois níveis diferentes: no primeiro capítulo exponho uma situação; no segundo, tento, a partir desses dados, dela extrair um *sentido*. O leitor encontra-se diante do seguinte plano:

A situação		*O sentido do sintoma*
Desordens escolares	pp. 39 a 51	pp. 81 a 85
Dificuldades caracteriais	51 a 65	85 a 89
Reações somáticas	65 a 75	89 a 92
Inícios de uma psicose	75 a 78	92 a 95

É a partir da apreensão psicanalítica do que se passa numa primeira consulta que serão discutidos a seguir alguns problemas de atualidade — os testes, o problema escolar — para nos propormos finalmente a questão: o que se passa durante essa primeira entrevista com o psicanalista, o que está em jogo por ocasião dessa primeira entrevista?

1 A Situação

1. DESORDENS ESCOLARES

Uma alta porcentagem de consultas é motivada, ao que parece, por "distúrbios escolares".

Se existem dificuldades escolares de origem puramente pedagógica, também não deixa de ser verdade que esse sintoma encobre, quase sempre, *outra coisa*. É não entendendo ao pé da letra o pedido dos pais que o psicanalista permitirá que a porta se entreabra para o campo da neurose familiar, dissimulada, fixada no sintoma do qual a criança se torna o apoio.

O interrogatório dos pais, a entrevista com a criança, visam essencialmente, numa primeira etapa, a um exame do diagnóstico elaborado e trazido pela família.

A cada vez é imposta a mim a mesma questão: que há, pois, de não comunicável em palavras que se imobiliza, se fixa num sintoma? É para essa investigação que convido o leitor. Nela não chego a qualquer conclusão, apenas proponho um problema.

Caso 1

A Sra. Bernardin[1] vem me consultar a respeito do filho de 11 anos, incapaz de acompanhar uma turma de terceira série. O menino tem dificuldades, especialmente em cálculo. "E pensar", acrescenta a mãe, "que tenho um irmão engenheiro e um filho assim."

1. Os nomes de família são evidentemente fictícios.

Desde os quatro anos, François é objeto de consultas médicas. A mãe procura saber se ele terá condições de (como o irmão dela) fazer um curso superior.*

Órfã de pai aos 14 anos, a Sra. Bernardin sentiu-se na infância em posição de inferioridade em relação aos colegas. De saúde frágil, chegara à conclusão, junto com a mãe, de que os estudos lhe seriam prejudiciais. Ficariam reservados ao irmão. Muito nova, atribuíram-lhe o lugar de "jovem dona-de-casa". "Desde os 14 anos, eu era a dona-de-casa, enquanto a mamãe trabalhava, e o meu irmão estava estudando."

Casa-se tarde e permanece no lar materno, sem outra ocupação que não seja cuidar do filho. Sua mãe, depois de abandonar as atividades profissionais, resolve dirigir sozinha o lar.

Quem é o pai de François? "O modelo da virtude", diz-me a mãe; "ele teria dado um padre bom e tímido."

O único elemento viril, aparecendo em pano de fundo, é precisamente essa avó, a quem a mãe só vai aludir por ocasião de lapsos, de esquecimentos.

"Fui criada num ótimo ambiente nocivo. Acrescentei essas palavras porque soa bem com ambiente", adita ela, "isso não tem sentido porque tudo era perfeito."

De fato, a sombra da avó paira sobre o casal, que se encontra despojado de autonomia própria. A criança dá uma arrancada difícil. Relações ansiosas mãe-filha criam um conflito em torno da alimentação — conflito ainda mais agudo porquanto a mãe se sente observada e criticada por sua própria mãe, convencida "de que ela não sabe tratar disso".

Desde o aparecimento da linguagem, a criança apresenta dificuldade no campo da comunicação. Desenvolve uma linguagem própria (*bodô* = aspirador), que só a mãe entende. Nunca se afasta dessa última. "Receamos que lhe aconteça alguma coisa", dizem-me.

Por outro lado, anoto: interdição de qualquer atividade motora e educação rígida no que se refere ao asseio. (A criança fica horas sentada no penico esperando "que tudo aconteça na hora em que tem de acontecer".)

É nesse clima de dependência materna, de não-autonomia perfeita, que a criança vai fazer, com insucesso, as primeiras tentativas escolares. Com insucesso a princípio, pois não tinha nem idade, nem amadurecimento para uma

* *Nota do Tradutor:* Em francês: *Grandes Écoles*, termo que não abrange todas as escolas superiores, mas apenas algumas, como a *École normale supérieure, polytechnique, navale* etc.

aquisição escolar. (Ela vivia a escolaridade aos quatro anos no sonho materno, antes que por si mesma.)

O que dá um exame escolar? — A *leitura* é uma série de contra-sensos. Os elementos disléxicos são aparentes, enquanto a ortografia (adquirida mais tardiamente) é relativamente correta.

Em *cálculo*, o raciocínio é sempre absurdo, e o pânico de não saber é total.

O nível intelectual é normal, mas no discurso da criança não há lugar para o *EU*. Trata-se sempre de *nós*. Esse *nós* é "mamãe e eu".

"É melhor", acrescenta a criança, "não ter sonhos do que ter sonhos ruins."

Tudo o que é agressivo é condenado. François prefere pôr-se entre parênteses a desagradar à mãe.

A única profissão vislumbrada é a de engenheiro-civil (ou seja, uma espécie de alienação do seu desejo no sonho materno).

O ideal paterno proposto pela mãe ao menino é o *tio materno*.

A imagem do pai parece afastada, não conta.

Só são levadas em conta como verdadeiros temas de preocupação para a criança as doenças da mãe: "Mamãe sente câimbra nos pés, nos braços, nas mãos, fica resfriada, pobre mamãezinha, e eu ainda venho preocupá-la."

Que fazer? — Impõe-se, sem dúvida, uma orientação escolar. Mas ela é de fato tão urgente? (Pode-se lamentar que a criança não tenha sido examinada antes, pois alguns erros e fracassos talvez tivessem sido evitados.)

De que se trata realmente?

De uma insatisfação da mãe enquanto filha. "Não passo de uma pobre mulherzinha." Essas palavras são pronunciadas pela criança em eco ("pobre mamãezinha") como que para acentuar a sua própria indignidade.

Essa mãe depressiva, que nunca pode chegar a satisfazer, o menino esforça-se ao menos em ocupá-la com os seus fracassos e com a sua conduta fóbica, conduta essa que aparece, aqui, mais como a expressão do desejo materno do que como a doença própria da criança.

E o pai? Homem resignado, ele me confessa: "Eu me censuro por ter entregue o meu filho às mulheres, mas não podia ficar permanentemente lutando. A vida teria sido um inferno."

Criança-joguete, entregue às mulheres da casa "para que houvesse paz", assim se mostra François.

Enquanto a sua escolaridade é a expressão do devaneio materno e de uma competição entre duas mulheres, a criança não pode, a exemplo do pai, deixar de se sentir envolvida por qualquer coisa — é a sua maneira de se proteger de conflitos neuróticos sérios.

É proposta uma tentativa de psicanálise. A mãe já recua. "Temo que tudo isso venha mudar os nossos hábitos."

"E o senhor, que pensa sobre isso?"

"Eu já lhe disse, renunciei há muito tempo. Quero paz, minha mulher é livre."

Livre para fazer o que quiser de uma criança quase não reconhecida pelo pai.

Que pode fazer o analista, a não ser esperar? Se forçarmos aqui uma psicanálise, que toca em problemas tão essenciais no nível do casal, correremos o risco de cair em dificuldades de outra ordem.

No imediato, resta ao menos a possibilidade de expor verbalmente à criança[2] (diante dos pais) a sua situação e significação dos seus fracassos escolares.

Um raio de esperança no menino que se julgava um completo idiota. Mas uma ansiedade na mãe, apenas dissimulada: "Eu vim para que me indicasse uma escola. Sinto que tudo isso vai me fazer ficar doente de novo."

"Não, mamãezinha, eu vou ficar comportado, você vai ver."

Saída do casal e do menino.

Por que, com efeito, mudar o que quer que seja, quando tudo parece estar no seu lugar?

Essa é a pergunta que se impõe, eu gostaria de afastá-la, de exortar esse casal a quê? A adotar uma conduta correspondente à minha ética?

Só posso ficar calado e esperar... Um dia talvez eles voltem e estejam maduros para *ouvir* as palavras do analista.

Caso 2

Victor, de 14 anos, é o mais novo de três filhos. Sempre teve dificuldades escolares, mas elas se acentuaram no primeiro grau.

"O mais velho", diz-me a mãe, "saiu ao pai, é brilhante."

"O último puxou à mãe", dizem os amigos, "e, infelizmente, comecei uma série de coisas, mas sem concluir nenhuma."

A filha é sem problemas e autônoma. Victor é difícil, julga-se rejeitado pelo pai. "De fato, meu marido identifica-se com o mais velho e sente-se estranho ao outro; ou melhor, o mais novo só lhe lembra os seus complexos, o mais velho enche-o de alegria com os seus êxitos."

2. Explico a François que os seus fracassos não estão vinculados a um déficit intelectual. Têm um sentido na maneira como ele cresceu, protegido contra tudo o que é vivo por uma mãe órfã de pai quando ainda era menina. "Se mamãe tivesse tido um papel, ela teria tido menos medo de que o seu marido se tornasse um papai encolerizado demais. A cólera de papai teria ajudado você a se tornar um homem, em vez de continuar sendo o bebê que tem medo da mamãe."

Victor, apesar de possuir um QI superior à média, fracassa nas provas escolares. Pretende ser brilhante, mas tem grande dificuldade. Rejeita todo e qualquer esforço, não suporta se cansar diante de um exercício. Do seu ódio ao irmão mais velho, conserva em si a imagem de um aluno brilhante. Esforça-se inconscientemente por imitar esse irmão mais velho a quem rejeita e despreza. Desejaria poder interessar ao pai... mas o trabalho, na medida em que não passa de um meio de sedução, corre o risco de permanecer sem sentido.

Victor imagina que o mundo lhe é hostil, está revoltado com os adultos. O fracasso escolar é sentido como uma injustiça.

Mas será que vale a pena centralizar tudo no fracasso escolar? Não existe porventura mais outra coisa que aflore?

Graças à sua situação a dois com a mãe, o menino sempre se ajeitou para não ter de passar pela Lei do Pai, a qual ele recusa tanto na competição escolar como nas suas relações humanas. Recusa-se a ser dominado, não tolera que os seus atos sejam discutidos. Proclama ser forte, sem ter de passar pela prova da fraqueza e do não-saber.

Não suporta a dúvida e busca uma forma de atenuá-la.

Um curso de recuperação? Sem dúvida, mas a criança só faz isso a partir da 5ª série.

De fato, enquanto não se apura a significação do bloqueio escolar, toda a reeducação corre o risco de favorecer as defesas da criança,[3] e de acentuar assim curiosamente as dificuldades ligadas à recusa do sujeito em aceitar as provas e o confronto com os irmãos mais velhos.

Toda idéia de psicanálise é, no entanto, recusada por Victor. "É um ataque à minha personalidade."

Realmente, ele teme que uma psicanálise provoque a perda dos seus privilégios, deixando-o assim desarmado diante da adversidade. Agora, praticamente não há fracasso, o indivíduo "se entrega" a fim de evitar qualquer confronto.

Ele procura esgotar todas as receitas educativas, usar de todos os subterfúgios, em vez de se envolver no teste de verdade que constituiria para ele uma psicanálise.

3. Defesas: as proteções psíquicas utilizadas pela criança para se proteger da sua verdade. Trata-se aqui sobretudo de atitudes de evitação, aceitas ou sugeridas pelos pais.

Agora o psicanalista só pode esperar. Sabe que, por trás do espectro do fracasso escolar, se esconde toda a insegurança existencial de Victor, expressa na sua revolta, na sua oposição. O seu desenvolvimento sexual normal de rapaz está mesmo em perigo, nessa aventura em que todo confronto com o Outro é sistematicamente evitado, onde todo desejo se fixa no universo fechado atrás do qual o sujeito se abriga.

Caso 3

A mãe leva ao nosso consultório o filho Nicolas, de 15 anos, que tem um estrondoso declínio escolar. "Quando estou deprimida, eu o ajudo em seus deveres, mas ele não quer mais saber do meu auxílio. O drama é que ele conta com o apoio do pai e sempre me vence quando ele se acha presente. Ora, para sua informação, o pai de Nicolas é uma criatura mole, distraída, cansada, inútil."

De fato, o declínio escolar do rapaz é o reflexo de um episódio depressivo sério em ambos os pais. A incontinência reapareceu. O sujeito está atormentado pelo pânico nesse ambiente fechado em que os adultos pensam apenas em se deixar morrer.

Passou anos cobrindo inutilmente sua mãe de satisfações. Atualmente, "tudo estala dentro dela" e a censura que ela formula é a seguinte: "Eu não queria ter filho, receava que isso provocasse a morte de minha irmã."

Quinze anos depois, a sua (brilhante) irmã efetivamente morre, e a mãe não consegue recuperar-se desse luto (expressão inconsciente no plano fantasmático de desejos infantis de homicídio.)

"Minha irmã era dotada, mas, quanto a mim, tinha sido menos aquinhoada em tudo. Quando minha irmã tinha 18/20 anos, eu estava com 12. Meu filho não é tal qual minha irmã, não amadureceu. Eu tenho o temperamento de papai, falhava em tudo, e ela era bem-sucedida. Ela se apoderava dos meus assuntos de conversa. Eu era a menos brilhante."

A morte da irmã põe a mãe em tal estado de culpa que ela já não se reconhece o direito de viver. "Em casa, é como um cemitério, somos todos mortos-vivos."

De fato, Nicolas não abandonou a mãe até o luto da tia e, no que diz respeito à depressão materna, não pode suportá-la.

Não podendo rejeitar a mãe, é o trabalho, elo de união entre eles, que ele rejeita.

O excelente entendimento com o pai (doente grave) não basta, contudo, para fazer com que o rapaz confie nele.

O exame intelectual apresenta um resultado muito superior à média, embora apareça no discurso do sujeito uma espécie de "estupidez neurótica".

Apanhado no mundo materno, Nicolas vive, como eco da mãe, o luto dela. Todo apoio masculino parece faltar-lhe, ele como que parou de viver. Culpado pelos seus fracassos, ele não pode fazer por conta própria. Examina uma possibilidade de internato, mas logo acrescenta: "O pretexto para isso não deve ser a tristeza no lar. Em que se transformariam os pais se eu não estivesse mais lá?"

Enquanto Nicolas é para seus pais um objeto de preocupação, eles têm com efeito um motivo para apegar-se à vida. "Meu marido está sempre me dizendo: acabou-se, vou morrer. Eu mesma sou um fracasso, agarro-me ao filho."

O declínio escolar não passa aqui de uma campainha de alarme, escondendo um risco de depressão num adolescente angustiado pela atmosfera de morte que paira sobre os vivos.

Somente uma separação do meio patogênico apoiado por uma psicanálise pode tirá-lo daí. No caso em questão, a coisa é possível porque os pais são bastante conscientes do drama para se tratarem e para deixar que seu filho seja tratado.

Caso 4

Michael tem 19 anos e não consegue ser aprovado no último ano do segundo grau, apesar de possuir um nível intelectual superior à média e de ter tido uma escolaridade sem problemas.

Pai e filho entendem-se muito mal. O pai desejou que o filho fosse bem-sucedido num campo em que ele próprio havia fracassado (Engenharia, Medicina). E é no momento em que a opção nos estudos corre o risco de tornar-se decisiva que o sujeito, curiosamente, "estaciona".

"Só trabalhei por obrigação. Não sei o que é ter vontade de trabalhar."

Sofre por ter decepcionado o pai. "Não posso fazer de outra forma." De fato, Michael sente-se muito desvalorizado, só pode relacionar-se com jovens "fracassados", procura consolo na dança, no prazer e nas meninas fáceis.

Esse rapaz, muito dotado, não pode, de fato, superar o pai. Foi incluído em demasia em seus devaneios para ter o prazer de realizar o que quer que seja em seu próprio nome.

Depressivo, tem a impressão de haver perdido antecipadamente a partida. Ele *nada deseja*, e é precisamente esse o seu drama. O mundo parece-lhe absurdo, "tudo é desprovido de sentido".

Aqui, trata-se menos de orientação escolar que da necessidade de uma ajuda psicanalítica.[4] A entrevista com o pai permitiu que ele reconhecesse o valor do filho. Começa a surgir uma esperança de diálogo em lugar do inútil devaneio.

Esse jovem não tardará a encontrar o seu caminho; houve necessidade de que, um dia, ele fosse autorizado e se sentisse reconhecido como um indivíduo válido por esse homem a quem julgava destestar e que, na qualidade de pai, encarnava valores essenciais que ele não podia renegar sem se renegar a si próprio.

Caso 5

Bernadette, seis anos, filha única de mãe solteira, nega-se a ir à escola. "A professora é má", repete a criança entre dois soluços.

Criada pelos avós, Bernadette tem reações fóbicas quando fica sozinha com a mãe. Habituada à vida no campo, sente-se perdida em Paris.

De inteligência muito superior à média (QI 124), adiantada nos estudos, a criança apresenta, porém, tendência a desenvolver mecanismos disléxicos; as inversões de sons são numerosas.

Os tiques da boca aparecem durante a entrevista. As histórias contadas pela menina giram sempre em torno da imagem de um casal feliz. A falta de pai coloca a menina em perigo de ser *devorada*. Toda aprendizagem é recusada, "pois, quando a gente sabe tudo, o que existe no fim é a morte".[5]

A professora "má", no caso de Bernadette, parece substituir a mãe, sentida como má e perigosa na falta de uma imagem paterna protetora. (Até os seis anos, a criança foi criada na casa de dois avós equilibrados.)

A criança sente-se pouco à vontade na situação a dois[6] que lhe propõem e, na falta de garantia, recusa-se a assumir riscos (riscos escolares, no caso), toma providências para não ter de passar pela Lei.

A intervenção do psicanalista permitiu que a mãe tomasse conhecimento do perigo que a espreita se ela apanha a criança no mundo fantasmático que é o dela e permitiu que a criança tomasse consciência da sua agressividade (disfarçada em crise fóbica).

4. De uma ajuda psicanalítica, por quê? Para se situar em relação ao mito familiar, descobrir o seu caminho fora de qualquer identificação ou projeção enganadoras.
5. Esse *saber* evoca de fato o conhecimento inconsciente que essa criança parece ter de uma situação familiar na qual, reconhecida civilmente pelo pai, vive com uma mãe solteira, sem nenhuma referência àquele que lhe deu o seu nome, ainda que se recusando a assumir a paternidade. Essa morte que ela evoca nada mais é que a perda do pai, à qual tem de se resignar, para não morrer por causa dela, nas suas possibilidades de realização simbólica.
6. Situação a dois: a mãe solteira não pode criar para si uma vida pessoal, nem dar a si própria interesses culturais ou profissionais suficientemente autênticos, que a poderiam ter protegido do perigo de transformar o seu filho em centro único de interesse, isto é, em lugar de angústia.

A recuperação escolar verificou-se depois de um mês de tratamento (mas nem por isso a cura psicanalítica se interrompeu).

É de fato importante tirar definitivamente a criança do seu mundo fóbico para permitir-lhe uma evolução autônoma.

O fator escolar, embora tivesse sido a causa da consulta, desapareceu muito depressa diante dos distúrbios que a princípio encobrira. Podemos até dizer que a criança teve a inusitada sorte de ter sido analisada a tempo de poder, graças à psicanálise, superar a dislexia reativa que estava em via de se formar.

Quanto ao problema da morte, a criança o formulou no início do tratamento. Cumpre ainda que ela possa enfrentá-lo e renunciar, ao mesmo tempo, à perda de uma imagem paterna estruturante. (O que pôs essa criança em perigo foi ter uma mãe não "marcada" pela Lei do Pai. Na imaginação de Bernadette, o que os seus sonhos de canibal traduziam perigosamente era o risco de "poder fazer qualquer coisa"...)

Caso 6

Martine, criança inteligente, tem um declínio escolar brusco ao cursar a 7ª série. A mais velha de duas meninas (a caçula, brilhante, satisfaz as ambições do pai), Martine só pensa em esportes. De fato, inconscientemente, ela parece tomar o partido da mãe contra seu marido: "Meu marido é um chato." "Que idéia ter casado com um cara assim", diz a menina.

Filha preferida da mãe, Martine alia-se a ela contra o pai, descrito como "carrasco". Somente no fim da consulta é que a mãe, em pranto, fala-me de sua filha, "que faz tudo para irritar o pai".

Intelectualmente dotada, a criança, durante a entrevista, repete o discurso da mãe. "Meu pai é um enjoado, está sempre gritando, nada lhe interessa a não ser o trabalho e, é claro, só a minha irmã lhe interessa."

O seu ciúme em relação à irmã é mal disfarçado; a exemplo da mãe, Martine apresenta-se como uma vítima insensível às censuras e às punições.

A recusa a trabalhar acompanha aqui uma situação edipiana rejeitada (não sem conflitos, pois é a propósito das dificuldades com o pai que a menina evoca os seus medos noturnos, as suas reações fóbicas, ou seja, toda uma situação perturbadora nascida da cumplicidade mãe-filha).

A Psicanálise, aceita pela mãe e pela criança, reintroduz o pai na vida de Martine. E temos exatamente aí o que há de mais importante, no início.

O declínio escolar, também aqui, não passa do indício de uma aflição de adolescente insatisfeita por não poder estabelecer um relacionamento correto com seu pai. Ela queria ser reconhecida, e não poupava meios.

Caso 7

A mãe quer levar-me a filha Sabine (11 anos), ameaçada de ser expulsa da escola. O pai opõe-se a qualquer exame.

Aceito receber a mãe, mas não a criança.

Quais os resultados dessa entrevista?

A menininha tem tiques que se repetem de 30 em 30 segundos; eles apareceram há três meses, depois de ter sido internada numa pensão familiar para crianças, contra a vontade do pai.[7]

De fato, esses tiques existem desde os seis anos de idade (data em que o pai abandona o domicílio conjugal em protesto contra uma operação feita em outro filho sem o consultarem).

A volta ao lar paterno coincide curiosamente com uma recrudescência dos distúrbios de Sabine (recusa escolar e crises fóbicas graves), que acarreta uma nova hospitalização "para observação de distúrbios nervosos", sem o consentimento paterno.

Ao regressar, Sabine traz, além dos seus tiques, também os dos outros...

Diante desse quadro, escrevo ao pai para lhe pedir autorização antes de proceder a um exame. Eis a resposta:

"Agradeço sua carta e aprecio a posição franca que a senhora adotou nesse caso particular.

Cumpre-me informá-la de que certas divergências de pontos de vista com minha mulher, quanto ao que foi feito e ao que resta fazer para o desenvolvimento moral dessa criança, fazem com que eu me veja obrigado a recusar a sua oferta de colaboração.

Cuido que cabe aos pais, e somente a eles, fazer com que o filho tenha um comportamento normal para a sua idade."

O casal era unido até o nascimento dos filhos. A vinda deles ao mundo assinalou o início do desentendimento (por ser impossível para a mãe suportar uma situação a três, isto é, uma situação em que o pai continua a existir na mãe apesar da presença dos filhos). Ao subtrair os filhos à autoridade do marido, servindo-se de todas as cumplicidades, a Sra. X fez a infelicidade dos seus.

A minha carta, por ter-me recusado a entrar no jogo da mãe, foi, em si mesma, uma intervenção terapêutica.

7. Pode parecer aberrante, à primeira vista, que um pai se recuse a hospitalizar o filho. Ao ver as coisas mais de perto, percebemos que essa recusa (no presente caso) é uma forma de prudência num homem que tem a intuição justa do perigo em que incorre o seu filho quando é utilizado como objeto único de troca entre sua mãe-médica e os seus colegas-médicos. Os tiques e as fobias são distúrbios reativos a uma situação neurotizante.

O pai tomou uma decisão contra uma possibilidade de tratamento psicanalítico? Isso pouco importa no momento, porque com a sua recusa, ele se torna presente à mãe e à filha, e decide fazer uma viagem com a última, o que já é em si uma coisa importante.

Mais tarde, talvez ele venha a concordar com um tratamento psicanalítico se perceber que tal tratamento não vai de encontro à sua autoridade.

Se eu tivesse começado uma psicanálise, teria me tornado cúmplice da mãe. Ao levar em conta a palavra do pai, deixei a cada membro da família a possibilidade de reencontrar o seu lugar.

Na verdade, a escolaridade deficiente somente servisse para mascarar desordens neuróticas de gravidade bem maior.

O que nos impressiona, nesses casos de desordens escolares, é que a acuidade do sintoma invocado esconde dificuldade de outra ordem. Os pais levam ao psicanalista um diagnóstico já estabelecido. O desconcerto dos pais começa no momento em que esse "diagnóstico" é questionado. Descobrem então que o sintoma escolar servia para mascarar todos os mal-entendidos, as mentiras e as recusas de verdade.

Vimos a importância do papel do pai na gênese das dificuldades escolares. Ou ele é excluído pela mãe, e a criança sente-se em perigo numa situação dual, ou então a imagem paterna aparece numa situação conflituosa: desencorajado com a idéia de não poder satisfazer o pai, o filho renuncia então a todo desejo próprio, enveredando assim por um caminho de abandono e depressão.

O que está em jogo não é o sintoma escolar, mas a impossibilidade para a criança de se desenvolver tendo desejos próprios, não alienados nos fantasmas parentais. Essa alienação no desejo do Outro manifesta-se por meio de toda uma série de distúrbios, que vão desde reações fóbicas leves até distúrbios psicóticos.

De fato, quando a mãe recorre ao psicanalista para um sintoma preciso, munida de um diagnóstico seguro, é geralmente porque ela deseja que nada se altere na ordem estabelecida. A aventura começa quando o analista questiona a resposta parental. Os pais têm dificuldade em perdoar-lhe por não continuar cúmplice da mentira que elaboraram.[8] Eis por que tantas vezes exigem endereços, orientações apressadas, em vez da tentativa de uma psicanálise.

8. A mentira em que toda uma vida pode basear-se é, de certa forma, a expressão de uma ignorância.

Caso 8 – Um disléxico reeducado

Simon foi examinado aos dez anos de idade, em virtude de dificuldades escolares. (Canhoto contrariado, é prejudicado por uma forte dislexia e não se sai bem nos estudos, apesar de seu QI elevado.)

Uma reeducação da ortografia e uma reeducação psicomotora foram tentados, às quais se acrescentaram sessões de psicodrama.

A criança guarda disso a lembrança de "lições de ortografia, de ginástica e de um jogo com um Doutor". "Eu já não tinha mais tempo para fazer nada, só me restava correr da escola para as lições."

"Por que você faz essas lições?"

"Quanto à ortografia, está melhor agora, mas não fui admitido na 5ª série quando tinha idade para isso." Atualmente com 14 anos, Simon está no quinto ano de recuperação* e, de fato, deve renunciar a estudos secundários normais.

O que surpreende num exame afetivo atento é a estrutura obsessiva[9] em que o sujeito parece fixar-se. Tudo o que ele enuncia é sistematicamente anulado no momento seguinte. A criança é sem desejos, parece blindada contra todo e qualquer sofrimento e questionada.

Muito fixada aos pais, não tem nenhuma vida pessoal além da que eles organizam para ela. Nenhuma emoção é traduzível em palavras, tudo é isolado. Uma não-lição constante aparece entre o que ela diz e o que faz.

Toda a gama das provas intelectuais enfatiza o fator "superdotado"... mas "isso não redundou em nada".

A questão que temos o direito de formular é saber se a indicação de reeducações maciças não se deu cedo demais, reforçando assim mecanismos de defesa de tipo obsessivo.

Atualmente, a estrutura obsessiva é tão rígida que praticamente não vemos o que uma psicanálise não desejada pela criança poderia proporcionar.

Aos dez anos, a criança apresentava, segundo nos dizem, "traços fóbicos acentuados", talvez tivesse sido então desejável começar por uma psicanálise, e não nos ocuparmos dos sintomas propriamente ditos a não ser numa segunda fase. Infelizmente, sob pressão social, o paciente procura muitas vezes "ganhar tempo", ocupando-se apenas do que ele acredita ser mais urgente.

* *Nota do Tradutor:* Sistema escolar francês.

9. Estrutura rígida no interior da qual o sujeito se encontra obstruído em toda expressão livre do eu e do desejo.

Ele nos faz, nesse caso, constatar o fracasso das reeducações propriamente ditas: elas agravaram as defesas do sujeito, aumentaram a sua inibição intelectual e chegaram ao seguinte paradoxo: desembaraçado das suas dificuldades ortográficas, Simon bloqueou-se no seu desenvolvimento intelectual a ponto de ficar inapto para os estudos, apesar de um QI elevado e de desempenhos felizes no plano da abstração.

Ao reeducarmos um sintoma que era para o menino uma forma de linguagem, isto é, o único meio de que dispunha para exprimir as suas dificuldades, nós o pusemos em perigo, e é de outra maneira que, desde então, as suas defesas vão organizar-se — à custa, dessa vez, de todo despertar intelectual.

2. DIFICULDADES CARACTERIAIS

Caso 9

Thierry, de oito anos, vem consultar-se por "dificuldades caracteriais e inadaptação escolar".

O segundo de três filhos, único filho homem entre duas meninas, foi adulado pela babá até os cinco anos, vale dizer, até o nascimento da irmãzinha. Esse nascimento coincidiu infelizmente com o retorno de Thierry ao lar. Ao chegar à casa da mãe, teve um ciúme comum. Mas a impossibilidade, para a mãe, de suportar a agressividade do filho, não tardou a instalar solidamente este último numa "maldade" "denunciada" pelo adulto.

Depressiva desde o nascimento do primogênito, essa mãe (órfã desde os sete anos) não era feita para ter uma família numerosa, na medida em que isso lhe tirava toda possibilidade de vida profissional. "Não sou feita para ser uma dona-de-casa. Fico nervosa, são os filhos que apanham."

Realmente, é sobretudo o menino que está no centro das disputas. Ele o exprime, aliás, com as palavras da mãe: "Quando eu era pequeno, quem apanhava era a irmã mais velha; agora, é a minha vez."

Os sonhos da criança são sempre de estilo persecutório. Ela deseja permanecer pequena "para ter pais menos maus que batam menos na gente".

Fixado em sua mãe, Thierry, no entanto, só consegue "irritá-la". Fazendo eco às palavras dela, ele me diz: "Papai está sempre atormentando mamãe e faz todas as vontades dos filhos."

Na verdade, ele procura insinuar-se entre os dois pais, reivindica o primeiro lugar junto à mãe e só fica satisfeito quando provoca brigas. Satisfeito

e infeliz ao mesmo tempo, pois acaba sendo rejeitado por todos e logo se esforça para assumir um ar de "falso durão".

O casal parental é unido, ambos ficaram órfãos muito cedo e o casamento para eles era antes de tudo uma segurança a dois. Os filhos vieram transformar os seus planos.

Uma psicanálise vai poder ajudar aqui uma criança perturbada que começa a traduzir, aliás, as suas dificuldades no plano de uma distorção gráfica (escrita em espelho).[10]

De inteligência superior à média, Thierry, sem ajuda psicanalítica, corre o risco de se transformar num revoltado e também num mau aluno.

Caso 10 – Onde as dificuldades de um filho são a expressão das dificuldades de um casal

Lucien veio ao mundo após 24 anos de matrimônio. "Eu tinha necessidade de um filho", diz-me a mãe, "porque havia um vazio."

De fato, o nascimento de um filho deu-lhe todos os direitos: desde esse dia, o marido já não conta. "O filho é assunto meu, *ele* nada tem de fazer lá dentro."

Todas as saídas do casal são eliminadas. Toda a vida dos pais passa a girar em torno da vida do filho. O pai sente-se, desde então, excluído, como que "expulso de sua casa". A mãe está na "dela", com um filho que ocupa todos os seus momentos e recorda-lhe as brincadeiras que, quando menina, fazia com o irmãozinho, morto quando ela tinha 12 anos.

O menino, de nível intelectual superior à média (QI 125), é completamente disritmado e deficiente no plano psicomotor. Ligado ao pai, não ousa, porém, desenvolver-se de forma viril, esquiva-se voluntariamente a todos os intercâmbios motores que poderiam ter com ele (jogos). Obedece, por temor, a um ideal materno, gentil, passivo. "O que vale é o que a mamãe decide", diz-me Lucien. No entanto, esse estado de coisas o põe inseguro. Procura refugiar-se numa conduta regressiva. Tudo o amedronta. "O melhor seria nada ver, nada ouvir de desagradável."

Lucien é a causa do desentendimento do casal. A mãe pressente o perigo que representaria para ela a análise do filho e opõe-se. O que ela deseja é guardar, só para si, um brinquedo do qual continuaria a ser dona.

10. Escrita em espelho: escrita que reproduz os caracteres tal como refletidos num espelho.

Todavia, as reações anoréxicas e fóbicas do filho a aborrecem; e depois há as ameaças do divórcio por parte do marido enervado.

Os sintomas da criança são, no caso, antes de tudo a expressão das dificuldades de um casal e da mãe em particular. Realizando já tarde o seu desejo de menina (ter um filho sem marido), ela cria uma situação insustentável para ambos.

Na entrevista, o analista não pode precipitar as coisas. Não pode deixar de sublinhar o absurdo de uma situação que aparece no discurso da mãe, e denunciar-lhe os malefícios.

Mas não era isso que a mãe vinha buscar; ela desejava ouvir uma sentença que lhe confirmasse os direitos. Talvez já esteja à procura de outro analista... tanto mais que ela necessita encontrar uma garantia para a sua mentira...

Caso 11

Catherine é uma revoltada, dizem os adultos. Ela consegue ser expulsa de tudo quanto é lugar. Dezesseis anos, rabugenta, mal-amada. Na verdade, uma criança abandonada pelo pai ainda na primeira infância. "Por que é que eu vou me chatear por causa de crianças, farei outras em outro lugar." A menina tinha então cinco anos...

Quando bebê, a babá a fazia comer o que vomitava, amarrava-a em um penico para poder se dedicar melhor aos seus afazeres.

O divórcio dos pais é seguido por um episódio depressivo da mãe e por uma mudança de vida completa. Catherine cresce numa atmosfera cheia de rancor. Agarrada ao pai, ela fica ressentida quando ele mostra preferência pelo irmão[11] e a abandona a uma mãe depressiva.

"Para mim teria sido melhor se mamãe tivesse se casado de novo, pois assim ela sentiria menos necessidade de mim. Eu sou de tal forma tudo para ela, e por isso, quando ela está presente, não sou mais nada, estrago tudo."

De inteligência superior à média, essa menina sente-se desanimada, sem força, e vive, por identificação com a mãe, o abandono dela.

Esse divórcio de certo modo a deixou órfã: ela perdeu, de uma só vez, uma imagem paterna e uma imagem materna estruturante e ficou, ao mesmo tempo, privada da companhia de um irmão dinâmico.

11. A guarda do irmão foi, com efeito, confiada ao pai, a pedido dele, e a menina, por ser menina, deixada sob os cuidados de uma mãe neuropata. Catherine tem, desde esse momento, a impressão de que deve esse abandono à sua condição de menina.

Reivindicadora, insatisfeita, Catherine não se integra em nenhum lugar e faz tudo para ser sempre expulsa e detestada.

Somente uma assistência psicanalítica pode aqui salvar um indivíduo alienado na história da mãe e que, de certa forma, repete uma situação de abandono vivida em outra geração.

Caso 12 – Criança em perigo moral

Simon tem 13 anos, furta e é recusado no exame de admissão à 5ª série.

Ele é o mais velho de três filhos, seu pai é um homem de grande valor, que luta muito pelo seu país (jovem Estado que alcançou a independência), mas a criança não tem a menor participação em algo que poderia entusiasmar um jovem dessa idade (a revolução vitoriosa, a conquista da estabilidade política, a construção do país). Não, ele pertence a uma turma "que se bronzeia ao sol e freqüenta assiduamente as prostitutas". "A gente vai assaltando e roubando de brincadeira."

O pai nada sabe sobre o comportamento do filho. A mãe, com efeito, esforça-se por camuflar, por esconder todas as más ações do filho mais velho, que, desse modo, toma consciência do seu poder.

Um dia, o drama: o pai toma conhecimento de tudo e resolve enviar o filho à Europa para livrá-lo da influência moral de um grupo de adolescentes transviados. O nível intelectual de Simon é bem mediano. Ele possuía um lado "pseudo-adulto" muito acentuado; a sua honestidade é desconcertante: "Quando estou aborrecido, quebro os lampiões de rua. Nada me interessa, salvo as moças, a dança, o cinema." A cumplicidade da mãe é incessantemente buscada. "Ah, se um dia eu conseguisse assaltar um banco sem ser preso." Por trás de tudo isso, encontramos o *desvario* de um adolescente insatisfeito de poder assim enganar seu pai, insatisfeito de ter tão pouca presença paterna.

Na medida em que a mãe não soube introduzir no seu discurso o *nome do pai*, é por identificação com uma mãe abandonada que a criança vai construir-se, em vez de se mostrar o filho digno de um pai valoroso.

Uma psicanálise foi aconselhada, assim como uma viagem ao exterior. O prognóstico, no entanto, é reservado: 13 anos, nível de 4ª série, um estilo de vida falso adulto, a recusa a todo e qualquer esforço e um desejo muito relativo de fazer uma psicanálise. O pai, consciente do perigo que o filho corre, deixa, porém, sua mulher pilotar o barco; ele necessitava, para a sua própria tranqüilidade, escapar a toda confrontação com uma verdade penosa.

O adolescente em perigo moral, o delinqüente, foram crianças difíceis em determinado momento. A crise, caracterial a princípio, pode não ser mais

que a expressão de um mal-estar no interior da fratria (ciúme, incompreensão) ou de um mal-entendido com os pais. Mal-estar e mal-entendido podem-se acentuar se não são compreendidos, podem-se traduzir em distorções escolares, e depois em comportamentos agressivos.

Não é comum encontrar-se, no nível do casal parental, a falta de presença paterna. A presença real do pai não é indispensável: o que parece indispensável é a presença do pai no discurso da mãe. Quando o pai não faz a Lei para a mãe, quando essa não o estima ou não o respeita suficientemente, sempre encontramos os efeitos disso na criança, particularmente na de sexo masculino. Essa introduz-se nesse jogo de dissensão parental, ou de cumplicidade materna; faz geralmente a Lei para a mãe (por identificação com ela), seguindo assim o caminho das inversões, das fobias ou da delinqüência.

Insatisfeito, pouco seguro de si, tendo renunciado às verdadeiras competições, desejoso de conservar todas as vantagens da infância (apego edipiano não-liquidado) e de não ter nenhuma obrigação de adulto, mas todos os direitos, o sujeito envereda então por uma via que o afasta do social, e o admoesta e condena. Mas esse encadeamento é progressivo, as ocasiões são múltiplas quando ainda há tempo para intervir, para salvar o que não passa de uma criança desorientada e infeliz.

Caso 13 – Ciúme de um irmão mais moço

Emilie, de nove anos, a mais velha de três irmãos, é descrita como instável, má, exigente, bulímica. Ela tentou estrangular a irmãzinha de três anos.

Em conseqüência de dificuldades de alojamento, essa menina nunca dormiu em casa, por falta de lugar. Somente com o nascimento do terceiro filho, Emilie pôde reincorporar-se ao lar, graças a uma mudança de residência.

De repente, ela embirra com o bebê, ele lhe lembra confusamente o nascimento do irmãozinho (dois anos) que provocou a sua saída de casa.

A não-aceitação dos irmãos mais novos foi alimentada pela avó paterna, que nunca perdoou a nora por ter tido vários filhos e por se achar na obrigação de repartir assim "os bens" da família. Mais vale, repetia ela, "conservar as vacas do que as crianças".

Emilie, ainda muito jovem, favoreceu assim involuntariamente a dissensão dos adultos, e é como inimiga da mãe que ela se reintegra à família com seis anos.

Embora possua inteligência normal, o seu aproveitamento escolar é nulo. O que aparece sobretudo durante o exame é o seu desejo de permanecer "pe-

quena para poder ser muito mimada". Ela, além disso, tem "medo dos trens que podem cortar a gente em dois". "Medo de crescer, pois isso traz a morte."

Não lhe é possível situar-se no presente ou no futuro. "Não seria mau se eu me tornasse a pessoa de bem que não posso."

Emilie porventura é má? Não. Perigosa? Talvez.

Trata-se, antes de tudo, de uma criança insatisfeita, separada cedo demais da mãe. O seu ciúme, "utilizado" pela família do pai, converteu-se na única possibilidade de que dispunha para se comunicar. Emilie morde, arranha, reivindica, estrangula. De fato, ela procura ser o único bebê da mãe e tenta, ao mesmo tempo, eliminar a imagem do pai.

Ela guarda ressentimento contra o casal parental, a quem imagina detestar, ao mesmo tempo que procura amá-los (mas ela perdeu a possibilidade de resolver corretamente o seu Édipo). Somente uma psicanálise pode tirar de dificuldade uma criança em perigo de ser rejeitada por sua família e pela sociedade.

Caso 14

Pierre, de sete anos, só pensa em "matar" o irmão...

O mais velho de três irmãos, sente-se infeliz em casa e na escola. Tem em toda parte reações persecutórias. Essa perseguição traduz-se nos sonhos, nos quais ele faz que "os touros o chifrem e os cavalos o derrubem".

A presença dos irmãos mais moços perturba-o em todas as suas atividades. Reclama um quarto só para si. "Gosto de ficar sossegado, tenho horror de que me sigam por toda parte. Tenho horror de que se metam com os meus negócios."

De fato, Pierre encontra apoio para as suas reivindicações junto ao avô materno. Para ele, Pierre é "o seu único netinho". As outras crianças praticamente nada representam. Na casa dos avós, Pierre é rei. "Sou", diz ele, "o filho de vovô"... ou seja, filho edipiano de uma mãe ainda muito ligada ao seu próprio pai...

O desconforto de Pierre, a insegurança que sente em relação ao pai, na verdade não passa de expressões da inquietude materna. "Não posso deixar de comparar meu marido com meu pai; é meu pai que conta pra mim."

A criança, por isso, é submetida à palavra do avô, que faz a Lei para a mãe, mas recusa com pânico a palavra do pai. "Foi por causa dele que eu quebrei a perna, é ele que me manda fazer coisas perigosas."

O primeiro efeito de uma psicanálise seria esclarecer o próprio conflito [illegible] em torno da figura do marido e do pai — ajudando o filho, dessa

forma, a colocar-se corretamente numa situação edipiana tornada confusa pela culpabilidade da mãe, que sente não ter o direito de ser a dona de sua casa e de deixar o marido ser o senhor do lar.

É no desejo de assassinar os mais moços que Pierre exprime da melhor maneira a sua rejeição do casal parental, isto é, a rejeição inconsciente da mãe ao seu próprio casamento.

Pierre é o filho que a mãe desejaria ter tido quando era menina... Essa criança, nascida de um sonho, só pode deparar com uma realidade embaraçosa...

Toda criança, quando nasce um irmão mais moço, sente um ciúme que, em si, nada tem de patológico. Esse ciúme, em geral, é apenas a expressão de um sentimento interior de perigo diante dos mecanismos de identificação (que levam a criança a renunciar aos seus progressos para regredir à condição de bebê, ou a sentir-se ameaçada de ser comida, tal como a mãe o é pelo bebê). A criança, confusa, reage então por meio de mecanismos de defesa que a levam a se mostrar agressiva (trata-se, na realidade, de uma proteção narcisista do sujeito, lutando pelo seu direito de viver).

Uma atitude compreensiva do meio circundante ajuda a criança a superar esse mal-estar, a atravessar uma etapa necessária à sua formação de ser social.

Ocorre, entretanto, que os sentimentos de ciúme correspondem a dificuldades não resolvidas num dos dois pais. Desde esse momento, a criança deixa a experiência normal de um conflito de ciúme para entrar no terreno patológico. Exprime então, de maneira violenta, aquilo que, na mãe, permaneceu "inconfessável". É esse inconfessável, esse não-sublimável, que a criança vai mandar pelos ares, produzindo o pânico no mundo adulto.

Caso 15 – Conduta associal

Christian tem dez anos. É o mais velho de três irmãos. "Faz maldades deliberadas e põe as crianças em perigo. Morde o professor e também os colegas. Já foi expulso do colégio três vezes..."

O que logo surpreende quando é examinado é a consternação do pai e a expressão de contentamento da mãe, "que acha tudo muito divertido".

As condições de habitação são más, a criança sofre com isso.

De inteligência claramente superior à média, Christian, por trás da rudeza, esconde uma sensibilidade à flor da pele. Indispõe-se com todos os amigos; suscetível, perseguido, pode-se dizer que ele está, sempre, à espreita do mal que alguém se sentiria tentando a infligir-lhe.

De fato, Christian sofre de uma insegurança materna total. A mãe, pouco inteligente, intervém nas brigas das crianças entre si e agrava uma situação que, sem ela, se resolveria por si mesma.

O pai é o único que defende Christian. Mas ele, em seus pesadelos, vê o braço do irmão converter-se num forcado ameaçador; em outros momentos, tem a impressão de ser atirado numa caverna.

Christian não quer crescer. "Quando a gente cresce, não pode fazer mais nada."

Inconsciente das suas tolices, não se sentindo nunca envolvido pelo mal que pode fazer, o menino isola-se e desenvolve temas persecutórios.

Somente uma psicanálise pode chegar a dar uma estocada certeira nesse comportamento associal e ter assim efeitos felizes antes que um mal-entendido se instale para sempre entre a criança e o mundo adulto. Christian aparece, com efeito, sobretudo como um doente. As suas relações com a mãe são do tipo "de abandono"; ele reclama e reivindica um laço afetivo que nunca pôde existir em virtude da carência materna.

As dificuldades entre irmãos descambaram para o drama, por causa do intervencionismo adulto, responsável por essa situação de "irmãos inimigos", que favoreceu no mais velho a eclosão de sentimentos persecutórios.

Caso 16

Etienne, de dez anos, é o mais velho de quatro irmãos.

"Ele corta o rosto do irmão, quebra o braço da irmã, põe os outros em perigo. Furta e marturba-se abertamente."

De inteligência superior à média, Etienne diz sempre estar *cansado*. Sonha com uma cabana e com uma casa cheia de animais. Sonha com mar, com sol. De fato, ele procura sobretudo escapar de uma atmosfera familiar nefasta: odeia a mãe ao ponto de lhe recusar água à mesa, enquanto passa vinho para o pai. Contudo, trata-se apenas de um longo mal-entendido: mãe perfeccionista,[12] que se colocou no caminho do filho mais velho, para impor o seu desejo em vez do dele. Deseja ele sair de bicicleta? Ela lhe propõe um trabalho no campo. Quer ficar sozinho? Ela convida um bando de crianças.

12. Mãe perfeccionista: mãe que busca a perfeição nos mínimos detalhes, de tal maneira que a criança já não se sente senhora dos seus atos, entrega a direção desses atos ao Outro "que tem a fama de saber".

Etienne sente-se, assim, na impossibilidade total de fazer o que quer que seja, qualquer projeto já se acha abortado antes mesmo de ter podido amadurecer.

E é de um modo persecutório que ele vai se desenvolver, já que a sua maldade não passa da expressão de uma defesa contra uma imagem materna sentida como obstáculo a toda possibilidade de evolução viril.

O que impressiona nesses dois casos é o conteúdo neurótico de um comportamento que (sem intervenção psicanalítica) corre o risco de se consolidar no caráter associal que o adulto lhe conferirá. Quando se denuncia a maldade em crianças desse tipo, não se pode deixar de desenvolver um sistema de defesas que é, para elas, uma proteção narcisista contra uma agressão adulta sentida como perigosa.

É contra a mãe que essas crianças guardam ressentimento. Não tendo podido encontrar as palavras para expressar a sua sede de amor, é por meio de atos destruidores que elas se esforçam por iniciar o diálogo...

Caso 17

Denis, nove anos de idade, o mais velho de dois irmãos, rouba, põe fogo, destrói os móveis, é expulso de todos os lugares...

Casal desunido. O pai diz ao filho: "As mulheres foram feitas para comer os homens, nunca se case." E a mãe transforma Denis em testemunha da sua infelicidade: "Papai nunca quer sair conosco." A criança, apanhada entre os dois, faz, com palavras de adulto, censuras ora a um, ora a outro.

De inteligência superior à média, Denis só aspira a uma coisa: voltar a ser bem pequenino, para escapar à tristeza do mundo adulto. "Se houvesse uma fada, eu lhe pediria para fazer com que os pais fossem gentis uns com os outros."

Confidente do pai, o menino rejeita qualquer identificação masculina. Hipersensível, sente-se culpado pela situação imposta à mãe: procura a qualquer preço uma evasão.

A delinqüência nada mais é aqui do que a expressão de uma desordem.

Somente uma psicanálise pode conseguir ajudar o menino a fazer uma evolução autônoma, a ter desejos próprios não alienados nos desejos dos adultos.

Caso 18

Antoine, de 15 anos, ateou fogo na fábrica do pai. Sendo o segundo de três filhos, viu-se ainda muito moço envolvido nos dramas familiares, dos

quais foi motivo. Rejeitado pela família do pai como "filho da nora", Antoine, em contato com um pai que se proclama fracassado, tornou-se pouco comunicativo, taciturno. Os fracassos escolares acentuaram o caráter depressivo do sujeito. "Eu botei fogo tal como poderia ter me suicidado, ter me matado."

Indivíduo inteligente, em quem se pode recear uma evolução psicopática.

Todas essas crianças que têm precocemente procedimentos associais não são perversas,[13] mas sujeitos cuja evolução é comprometida por uma situação familiar nociva que as impede de resolver corretamente o seu Édipo. Identificadas alternadamente com o pai ou com a mãe "vítimas", num momento só acham a violência para escapar ao perigo de se tornar, por sua vez, "vítimas" ou "fracassados".

O que caracteriza esses sujeitos é a rejeição da evolução no sentido do devir do seu sexo. A imagem materna é sempre eminentemente castradora, há carência afetiva total nas trocas mãe-filho.

Não é a desunião do lar que cria distúrbios graves, mas o caráter patogênico de um dos pais que comparece para reforçar uma situação real penosa; e introduzir esse algo insustentável que cria na criança um pânico e uma fuga num *acting out*[14] de suicida ou de assassino.

É porque, em determinado momento, toda referência de identificação falha nesse ponto, que o sujeito busca numa ação um meio de sair de uma angústia, como se, em última análise, ele tivesse necessidade desse ato brilhante, para poder em seguida falar e fazer intervir esse terceiro, que parece ter sempre lhe faltado (nos casos 17 e 18, é a partir do ato incendiário que a criança, servindo-se indiretamente da consulta psicanalítica, pôde formular o seu problema em face de pais até então inconscientes do drama que se apresentava).

Caso 19 – O delinqüente

Samuel, 15 anos de idade, pais divorciados. Furta, provoca a polícia. Foi expulso de alguns estabelecimentos escolares. Fracassou no C. E. P.* — desde essa ocasião, porta facas afiadas e se veste de mulher.

13. Um perverso é aquele que se situa, de certa forma, numa estrutura psicopatológica. O que se manifesta na análise é a posição do sujeito numa relação fantasmática em que ele procura tornar-se objeto e dar o que não tem. A construção perversa organiza-se em torno do significante falo que se apresenta como símbolo do desejo materno.

14. *Acting out* [passagem ao ato]: conversão em ação de uma expressão verbal que não encontrou meio de se formular ou de se fazer ouvir.

* *Nota do Tradutor:* C. E. P.: Certificat d'Études Primaires.

"Só gosto dos vadios, não quero fazer nada."

Suas lembranças de infância?

"Tenho apenas uma: a infância é um embuste. Aos nove anos, estava de férias com minha mãe, ela levara consigo o amante. Quando papai vinha vernos no fim de semana, o amante desaparecia, e eu ouvia a zeladora cantar: 'Eis o corno subindo.' Isso eu jamais lhe perdoei. Se voltar a vê-lo algum dia, eu o matarei."

O tema em torno do qual Samuel cristalizou tudo foi o de a mãe ter zombado do pai, chegando até a identificar-se com essa mãe odiada, escarnecendo por sua vez da autoridade para se vingar.

De fato, Samuel sempre foi uma criança mal-amada, protegida por um pai que não ditava a Lei em casa.

"Posso muito bem morrer", diz ele, "ninguém irá chorar."

Em segundo plano, perfila-se a sombra do irmão caçula, menino bemcomportado, querido de todos... Samuel não pode suportá-lo, quer-lhe mal por ser o preferido da mãe.

Intelectualmente dotado, esse adolescente sabota a *si próprio*, em todos os exercícios escolares, como se apenas o fracasso fosse desejado. Muito sensível, acha-se em permanente estado de revolta e de perseguição.

A sua delinqüência manifesta-se, para testemunhar ao mundo a sua condição de mal-amado.

Toda psicanálise no momento presente é recusada. "Tudo isso são tolices, o mundo inteiro é tolo, e eu tenho de lhes *dizer* isso."

Essa palavra, que ele não pode dizer, é traduzida pelos seus atos.[15]

Caso 20

René, 15 anos, expulso de vários internatos e do I. M. P.* "Ele quebra tudo em casa, furta, bate em nós e, se deixássemos, botaria fogo na casa."

O pai reage a esse comportamento com episódios depressivos.

Uma irmã deixou a família. "Todos ficam doidos quando ele está em casa." A madrasta ameaça divorciar-se.[16]

Com três anos, René, o caçula de três irmãos, ficou órfão de mãe. Até os oito, foi criado por uma sucessão de empregadas e tias. "Ele era tão difícil que ninguém queria cuidar dele", e foi um rosário de consultas psiquiátricas. Aos

15. O prognóstico é sombrio na medida em que a criança recusa qualquer investigação analítica.

* *Nota do Tradutor:* I. M. P.: Institut Médical Psychiatrique.

16. Ela casou-se com o pai de René quando o menino estava com oito anos.

oito anos, permaneceu vários meses na seção de homens do hospício. Aos nove, internou-se num hospital que o enviou a um I. M. P., que o transferiu para outro etc. Aos 15 anos, foi devolvido à sua família.

Que fazer? De uma psicanálise já nem se cogita. "Os psiquiatras me conhecem, e eu não vou lhes dizer nem uma palavra."

A única saída imediata para esse rapaz é a possibilidade de formação profissional, e que ele saiba que o dia em que tiver necessidade de ser ouvido estamos dispostos a fazê-lo.

Atualmente, René sente o mundo adulto unido contra ele. Necessita pô-lo à prova e, dessa maneira, avaliar até onde pode ir o amor do Outro para com ele.

A depressão do pai, o pânico da madrasta, a fuga da irmã, a revolta dos educadores são, de certa forma, a própria expressão da queixa do adolescente. "Vejam o que minha mãe fez comigo, abandonando-me com três anos de idade."

Enquanto houver um Outro a perturbá-lo, René continuará...

Ele talvez não seja mais inteiramente o mesmo no dia em que, sozinho, for responsável pelo seu trabalho e sustento, embora pudéssemos prever relações complicadas entre empregado e empregador.

Será que René se tornará de fato um delinqüente? Um psicanalista está muito mal situado para auxiliar um sujeito que acaba de recorrer a uma série de estabelecimentos com as suas equipes de educadores e psiquiatras.

A psicanálise deveria ter sido tentada muito antes dos oito anos. Talvez até aos três anos, na idade da eclosão dos distúrbios.

Citei aqui toda uma gama de distúrbios que vão desde a dificuldade caracterial até a delinqüência caracterizada. Basta, às vezes, um excesso de malentendidos para transformar um neurótico que pede ajuda num delinqüente que a recusa.

Quando o sintoma se torna a única possibilidade de comunicação do sujeito, ele não quer abrir mão dele. Trata-se da sua linguagem, e ele quer que ela seja reconhecida como tal. Ou melhor, está decidido a só oferecer uma máscara fechada impenetrável, indecifrável para aquele que não lhe possui o segredo.

Caso 21 – Criança perversa

Emilienne tem cinco anos.

"Não se pode mais mantê-la em casa. Ela deu sumiço em todas as jóias da mãe, rasgou casacos de pele, a licença do carro e carteiras de identidade, destruiu máquinas fotográficas. Estimam-se em cerca de um milhão os prejuízos causados por essa criança no espaço de um ano."

Mãe obsessiva, tendo criado a filha com toda a higiene, sem o menor contato afetivo. Desejou *um* marido, para ter *um* filho, mantendo ao mesmo tempo *uma* profissão brilhante.

Até ela completar quatro anos, diz a mãe, "estávamos esquecidos de que tínhamos uma filha". Essa foi, com efeito, "emprestada" a uma amiga íntima da mãe e em seguida "retomada" depois de uma desavença com a amiga. Tratava-se, efetivamente, de relações homossexuais inconscientes e a briga foi ainda mais violenta.

A imagem paterna não importa: nos primeiros anos foram inúteis os esforços do pai, no sentido de opor-se a que Emilienne passasse o tempo todo na casa da amiga da mãe, tanto mais que essa o desprezava, como desprezava qualquer indivíduo do sexo masculino.

Com quatro anos, a menina deixou de ser "emprestada" à amiga íntima da mãe e vem tomar o lugar do marido em sua cama. "Preciso dela para ficar quente."

A menina é admitida como animal, mas rejeitada como objeto de ternura. A mãe não é dada a esse sentimento, tal como é estranha a toda sexualidade: "De vez em quando temos relações, mas eu de bom grado as dispensaria."

O único amor da mãe são as *flores*: foi quando a filha começou a investir contra as flores que se considerou a hipótese de interná-la.

Emilienne não é infeliz: muito dotada, sente prazer em ver "o que acontece quando faço uma arte"... Ela sempre procede com mão de mestre, nunca podemos pegá-la em flagrante.

A psicanálise encetada foi interrompida pela mãe após três sessões. Por quê?

Ela incumbira Emilienne de me prestar uma homenagem em nome dela (flores). De imediato, a criança foi o instrumento utilizado para me seduzir.

Quando chamei a atenção da mãe para o fato de que a menininha parecia vir, não em seu nome (ela era antes de tudo negativa em relação a mim), mas alienada no presente materno, o que tornava então impossível toda e qualquer expressão de palavra autêntica, interromperam-se as entrevistas. A criança foi "colocada" numa instituição.

É porque Emilienne se sente eliminada no plano simbólico, ou seja, na mensagem-mesma que ela pode dar, que procura fazer chegar a sua mensagem própria em tentativas sistemáticas de destruição.

Toda existência de indivíduo lhe é de certa maneira recusada. Ela só tem sentido para a mãe quando serve ao desejo dessa.

Emilienne, uma pequena dona-de-casa de cinco anos, conserva no fundo das suas mentiras uma calma, uma tranqüilidade que o delinqüente não possui.

Muito bem dotada intelectualmente, não tarda a se tornar uma aluna exemplar. É impossível reintegrá-la, mesmo por apenas um dia, ao ambiente familiar, sem que recomece a tarefa de destruição.

Caso 22 – Fobia

Christian, de cinco anos, não pode deixar a mãe, sendo tomado de pânico toda vez que se separa dela. Ora, o que me surpreende de imediato é a que ponto esse comportamento fóbico é *induzido* pela mãe. "Você vai ficar sozinho enquanto eu vou falar com a senhora. Não tenha medo, meu coraçãozinho, não virá nenhuma pessoa má."

Urros da criança, até então muito calma.

Quando bebê, Christian era um pequeno vomitador. Foi em seguida confiado a uma babá não afetuosa que não falava. Quando a mãe o retoma aos quatro anos e meio, o menino apresenta um sério atraso de linguagem. Na pracinha, nega-se a brincar com as crianças: "A senhora entende, ele gosta de brigar, mas eu não quero."

O pai de Christian foi marcado na juventude por um drama familiar sobre o qual não quer falar. Ele só vive para o trabalho, é taciturno, sem amigos.

A mãe sofre de desmaios desde os 15 anos. Não tem amiga, o casamento a isolou de todos.

O menino acalmou-se; quando volto a trazer a mãe, está ocupado com revistas ilustradas que a secretária lhe deu.

Peço a Christian que me siga para batermos um papo. Levanta-se sem dificuldades, quando a mãe de novo intervém: "Vai, meu anjo, meu santinho, não vão te dar injeção."

Urros do menino.

Sem ter examinado o sujeito, já posso registrar um tipo muito especial de relacionamento mãe-filho: são os fantasmas de agressão da mãe que mergulham a criança na angústia repentina de ser agredida, de onde vem a fusão com a mãe para evitar qualquer ameaça.

Durante a entrevista, Christian informa-me que é enurético.

"Isso o aborrece?"

"Mamãe é que cuida disso, não eu."

O menino admira o pai, mas esse aparece distante demais, e Christian pressente que a única pessoa com quem está envolvido é a mãe.

Todas as figuras femininas do T. A. T.[17] são vistas como más, "pois são contra os meninos e contra as bagunças".

A natureza do perigo vem quase à consciência do indivíduo. Ele deseja crescer e tornar-se senhor do seu sexo desde que lhe deixemos a possibilidade.

Uma psicanálise pode ajudar a criança numa arrancada que a atitude hiperansiosa da mãe tornou impossível.

Pelo seu sintoma, a criança exprime de maneira bastante clara a ansiedade materna. Podemos inclusive apontar de passagem o sentido desta frase: "Meu sexo diz respeito a mamãe e não a mim." Essa mãe, sempre à beira do desfalecimento, recebe aqui do filho um sexo masculino de presente. Estabelece-se um elo em que um não pode dispensar o outro sem se sentir em perigo.

O tema fantasmático construído pelo menino parece girar em torno de uma recusa a vislumbrar o problema da castração no Outro. Ao dar o seu sexo à mãe, ele a institui como mãe poderosa, mas isso provoca em Christian uma recusa a propor-lhe o problema do seu lugar. A criança quer que essa garantia de mãe poderosa derive da garantia de que ela não seja perigosa, e isso pode ser comprovado pelos seus pedidos de ajuda.

Para conservar o amor da mãe, Christian inicia um jogo de engodo muito especial. Existe cumplicidade mãe-filho em torno do sintoma e recusa quanto a ver instaurar-se uma ordem diferente na qual o lugar do pai estaria marcado.

Christian tem muita vontade de identificar-se com um pai valoroso, mas teme deixar a mãe sozinha, em luta contra os seus desmaios... e arriscar assim com ela Deus sabe o quê.

3. REAÇÕES SOMÁTICAS

Caso 23 – A incontinência

Charles, seis anos, é trazido ao consultório por incontinência. O pai do menino passa a maior parte do ano na África. A mãe vive sozinha com os dois filhos (Charles e uma menina de um ano). A vida de dona-de-casa, as longas

17. T.A.T.: *Thematic Aperception Test*. Teste projetivo elaborado em 1935 por Morgan e Murray. Em 1943, Murray publicou-o em sua forma definitiva, acompanhado por um manual de utilização. Uma edição brasileira do trabalho de Murray foi publicada pela Ed. Mestre Jou, com o título de *Testes de Apercepção Temática* (T. A. T.). São Paulo, 1973, trad. de Álvaro Cabral.

ausências do marido a "abateram". "Se não tivesse tido filhos, poderia ter acompanhado meu marido em suas mudanças."

Desorientada, isolada, sem trabalho e sem amigos, a Sra. X vai fazer as crianças pagarem o ônus da sua presença.

Charles não tem a menor liberdade psicomotora. Instável, desritmado, é castigado tanto em casa como na escola. Entretanto, nada lhe parece dizer respeito. "Ele é blindado", diz a mãe; realmente ele está "em outro lugar"; está em outro lugar, mesmo na consciência que poderia ter do seu corpo. "Quando vai ao banheiro", acrescenta ela, "nunca sabe se fez xixi ou não. Ele passaria o dia inteiro sem fazer se não o obrigássemos." Mas aí está, nós o *obrigamos*, o menino aceita e, ao mesmo tempo, se esquiva: esse sexo lhe diz tão pouco respeito que não pode dizer o que fez com ele. E depois, devo falar disso? O que ele faz com o seu sexo, afinal de contas, diz respeito somente a ele.

A incontinência noturna torna-se um estado de fato diante do qual a criança não reage. Por que reagiria? A sua única forma de não entrar no desejo da mãe não é justamente fazer-se de morto, guardar uma distância em relação a esse corpo que, em grau tão elevado, diz respeito à mãe? Que a envolve de tal maneira que ela não lê mais, que ela já não existe fora dos filhos. Charles, em contrapartida, não tem pensamentos fora de sua mãe. "Não posso saber, porque não aprendi as palavras necessárias; não me disseram a idéia que eu devia ter, então não posso."

Contudo Charles tagarela, tagarela muito. Cerca-se de um mar de palavras à guisa de defesa contra uma situação sentida como perigosa (relacionamento com uma mãe proibidora, sem intervenção de imagem paterna).

"Eu quero", diz Charles, "me tornar uma pessoa grande que nem mamãe." No entanto, ele se opõe a ela, revolta-se e a desafia: "Você pode me dar palmadas que eu não vou chorar."

O pai existe não obstante, visto que o menino relata as suas viagens e feitos. Tem orgulho do pai, o qual, porém, continua a ser uma imagem masculina insituável: Charles não consegue aceitar-se num devir de homem. Ele permanece voluntariamente esquivo, tanto no plano intelectual, como numa tomada de consciência do seu corpo de menino.

O sintoma incontinência é aqui, para o sujeito, a expressão de uma recusa de confronto com uma imagem masculina. "O meu corpo", parece dizer-me a criança, "eu deixo para minha mãe, eu fujo, é dessa maneira que fico protegido das ameaças e do medo."

Somente uma psicanalista pode prestar socorro à criança. A mãe, no entanto, só encontra lágrimas para responder às propostas de tratamento.

O que é então que ela veio procurar? Ajuda para si própria por meio desse menino, que é um testemunho da aflição em que ela se encontra. Uma ajuda? — nem mesmo isso é certo.

Ela já não sabe por que veio, desde o instante em que algo de positivo lhe é proposto. "Não agüento mais, e é no filho que a gente pensa."

Foi somente por esse filho que a Sra. X pôde formular o seu problema, sem, no entanto, estar madura para uma análise pessoal: ela necessita desse filho como um fetiche, para traduzir a sua aflição. Se lhe tiram, sente-se tomada de angústia.

No presente caso, em virtude da ausência do pai, só se pode esperar que a mãe seja capaz um dia de aceitar a idéia de uma existência própria, independente da dos filhos. Somente nesse momento e com essa condição, a cura da criança ou mesmo a assistência à mãe seriam possíveis.

Caso 24 – Enxaqueca

Monique é uma menina de 12 anos que foi levada a consultar-se em razão de sofrer freqüentemente de uma enxaqueca rebelde a todos os tratamentos. O rendimento escolar dessa criança inteligente acha-se comprometido.

Monique apresenta-se a mim por meio das suas desventuras somáticas: dores de cabeça aos seis anos, ao entrar para a escola, tornando-se, ao mesmo tempo, asmática. Essa asma é associada pela criança à asma da mãe; explica como a mãe vem ficar junto dela na cama, nas noites em que a asma e as dores de cabeça são violentas demais.

O pai aparece afastado, numa família em que dominam a mãe e os avós maternos. "Meu pai nunca está em casa, nada tem a dizer. Ele não fala mais. Esquece a sua tristeza no trabalho." "Mais tarde", acrescenta a menina, "quando eu me casar, não vou levar atrás de mim os meus pais, como a mamãe. Mamãe, aliás, tem sempre necessidade de alguém. Quando não são os pais dela, sou eu. E, é claro, como estou o tempo todo doente, ela se aproveita."

Objeto fóbico da mãe não autônoma mas autoritária, assim se apresenta Monique. A exclusão do pai é por ela ludicamente sublinhada.

"De 15 em 15 minutos mamãe me pergunta se estou com dor de cabeça. Papai não quer, mas não é ele que manda. Então, mamãe me interroga, me faz tomar comprimidos, sempre para o meu bem ela quer me fazer alguma coisa."

Monique não tem direito de praticar esporte ou de dedicar-se à música. Tudo lhe é proibido em função da sua enfermidade orgânica. Monique não tem desejos, ela *é* o desejo materno.

O seu mal-estar orgânico é a expressão da ansiedade da mãe. A criança, com o seu corpo, traduz uma angústia que tem sua sede na mãe. A ausência de um pai que proíbe introduz, na criança, a ausência de todo mediador simbólico.[18] O que não pode ser expresso em palavras é vivido como mal-estar corporal.

Monique parece entrever o perigo ao começar uma anorexia: "Na casa dos outros eu posso comer, mas não na minha."

Mas, responde a mãe, o que fazer "se ela me disser um dia: Na casa dos outros eu posso viver, mas não na minha"?

Ali se encontra, com efeito, o próprio nó do problema, e a mãe parece finalmente querer tomar consciência dele. "Eu sempre lhe disse", replica o marido, "que a menina servia para você se afastar de mim." A mãe chora então baixinho, ela não quer que tudo isso possa ser verdadeiro. Confessa enfim, a contragosto, as suas crises fóbicas, e a maneira como ela se defende delas usando os filhos (o mais velho é uma criança-problema, o mais novo também começa uma anorexia).

Uma psicanálise para Monique? Talvez, mas, à parte Monique, se a mãe não se modifica, é todo o equilíbrio familiar que corre o risco de se comprometer cada vez mais. Os sintomas de Monique surgem aqui como sinal de alarme, anunciam um mal-estar que se localiza em outra parte.

Caso 25 – Incontinência – magreza patológica

Arthur, de sete anos, chamado pelos seus de "Bebê", é o segundo de quatro irmãos. Ele não distingue "o avesso do direito, nem a esquerda da direita". Em estado de grande depressão durante a gravidez, a jovem mulher receou que ele nascesse idiota.

Criado por uma série de babás rigorosas, em regiões e climas diferentes, Arthur "cresce" mal; anorético até os três anos, só começa a falar aos quatro. O irmão mais velho, inteligente, é rejeitado pelos pais e quase não vive com eles (é criado pelos avós). Arthur vê-se assim como o único varão entre duas irmãs mais jovens. É como criança doente que ele encontrou o seu lugar na família.

18. O ensinamento de Lacan centralizou-se em 1950 na distinção entre o simbólico, o imaginário e o real. Ele estudou a posição do Pai na relação mãe-filho e apurou os fatores que permitem o acesso à "ordem da cultura, da linguagem, da Lei", isto é, o acesso a um mundo carregado de sentido. Esse ponto de referência que é o significante paterno constitui para a criança um elemento essencial que vai permitir-lhe deixar o mundo fechado materno para entrar como *indivíduo* no universo dos signos.

Ao ser examinado, mostra-se temeroso, em estado de pânico, sempre que uma opinião pessoal lhe é pedida. Rói as unhas, desviando o olhar. De inteligência normal, esse menino de sete anos tem o comportamento retardado, tão regressiva é a sua conduta. Toda afetividade é desprovida de cor, há falta de vida. Toda evolução viril está bloqueada: nos desenhos, as árvores estão cortadas, os combatentes não têm braços, e as crianças aparecem sem as mãos.

Arthur mais parece uma estátua que um ser vivo e foi dessa forma que ele caiu nas graças da mãe (criada sem pai por um casal homossexual).

Fóbico, em pranto diante do menor ataque dos colegas, Arthur tem muita dificuldade em efetuar uma evolução correta.

Uma psicanálise é indicada, mas só pode ser posta em prática se a mãe aceitar ser questionada dentro dela. A enfermidade orgânica da criança tapa, no caso, a angústia materna; é em linguagem corporal que a criança exprime ou traduz o desconcerto da mãe. "Meu filho sou eu, somos parecidos." Essa frase resume, na sua própria simplicidade, o vínculo mãe-filho no que ele suporta poderosamente como drama, incompreensão, mal-entendidos e contra-senso.

Em todos esses casos, os pais estão ausentes, talvez porque já tenham desistido de se fazer ouvir.

Caso 26 – Anorexia – insônia

Paul, de dois anos e meio, está às vésperas de uma nova hospitalização. O pediatra, diante da indecisão do pai, sugere que se consulte um psicanalista.

O mais novo de seis irmãos, Paul é insonioso desde que nasceu. Começa uma anorexia no momento do exame. Nascido com uma alergia de pele, aos dez meses começou a ter crises de violência contra si mesmo: batia na própria cabeça com o risco de se ferir (isso coincide curiosamente com a cura da alergia). Ministra-se *librium* à criança, mas espasmos de soluço logo começam a aparecer. Diante da mãe transtornada, a criança chega a perder de todo a consciência, com emissão de urina. O psiquiatra consultado nessa época sentenciou: "Essa criança vai acabar com a senhora, se antes a senhora não acabar com ela. Não há tempo a perder." É numa relação de força que mãe e filho vão desde então se enfrentar.

Paul está então com dez meses: "Em cada crise, dão-lhe brometo", acrescenta a mãe.

Como ele reage a isso?

"Com ereção e masturbação aos 18 meses."

O psiquiatra, novamente consultado, explica diante da criança em que consiste a ereção e a dor. Essa dor que *assusta*.

Paul completou dois anos. Sai dessa consulta guardando o ensinamento do médico: desde então todas as noites a mãe vai ser acordada por uma criança em ereção que lhe diz: "Está doendo", e volta a adormecer... depois de lhe "contar".

O equilíbrio nervoso da mãe acha-se comprometido, e, para que ela volte a recuperar o sono, o bebê é enviado a uma instituição infantil. Se ele aí consegue (à semelhança da mãe) conciliar o sono, perde a fala.

Reintegrado à família aos dois anos e meio, recomeça a falar, mas perde o sono e rejeita a comida, fazendo oposição a tudo.

Exclusivista em relação à mãe, não admite que ela cuide de outra criança a não ser ele. Sem demora, a angústia de ser remetido para essa instituição vai traduzir-se em diversas indisposições somáticas, entre as quais uma laringite estridente que instala o pânico na mente da mãe.

Diante dessa angústia que a criança tem o dom de provocar na mente da mãe, essa tem a impressão confusa de já ter vivido alguma coisa dessa ordem durante a gravidez: "Desde o quinto mês, eu fiquei com a barriga muito dura, tinha tais contrações do útero que julgava que perdera o filho. Durante o parto, ele não queria vir, foi preciso ir buscá-lo."

E é desde o princípio que Paul, lembremos, vai mostrar-se vomitador, insonioso, contraditor. A sua fragilidade física o destina a ser o objeto da mãe, sem intervenção suficiente da imagem paterna. As múltiplas consultas médicas criam um conluio de adultos em torno da criança, na ausência do pai.

Quando a mãe vem consultar-me, Paul encontra-se, lembremos, às vésperas de uma hospitalização por uma série de distúrbios psicossomáticos, (entre os quais insônia e anorexia) que deixam os médicos perplexos. O pai opõe-se a toda idéia de hospitalização, como se opusera a mandar a criança para uma instituição infantil.

É em torno do *tema do pai* que vai desenvolver-se o essencial das duas entrevistas que tenho com a mãe, em particular. Isso a leva, por sua vez, à seguinte reflexão. "Com os meus filhos mais velhos, eu me esqueço de Paul, é quando ele se mostra difícil que me lembro da sua existência."

Paul é muito ligado ao pai, a quem raras vezes vê. O horário do menino é concebido de tal maneira que ele praticamente não tem contatos com os adultos. A mãe faz questão absoluta de respeitar um programa estabelecido de modo arbitrário, por temer "que a criança a domine".

Dou à mãe os seguintes conselhos:

- Liberdade total, enquanto essa liberdade não perturba os outros (direito de não ser castigado, de não comer, de não se lavar, desde que um ritmo de vida "à parte" não seja criado em uma função dos caprichos da criança).
- Se Paul chama durante a noite, quem deve levantar-se é o pai. "Você pode fazer o que quiser, mas me deixe dormir com minha mulher... nós precisamos dormir."

Sem que eu tenha tido necessidade de ver a criança, todos os distúrbios cessam como que por encanto.

"Quem é tua mulher?", pergunta Paul ao pai.

"É tua mãe."

"Ah, não! Ela é *minha* mulher."

Uma crise de laringite estridulosa provoca posteriormente reaparecimento dos antigos distúrbios, e concordo em ver o menino.

Vejo-o com sua mãe e faço-lhe, em linguagem de adulto, a síntese dos seus distúrbios desde que nasceu, salientando a situação a dois que se criou assim com a mãe, e sobre o caráter *incômodo* da ausência de linguagem no bebê. A criança deixa então o colo da mãe e inicia um longo diálogo totalmente incompreensível para mim.

Respondo: "Eu gostaria muito de falar a respeito disso tudo com papai."

"Ah, não. Paul é que é o chefão."

Respondo: "Não, o chefão é papai. Ele achou que a mamãe já era velha demais para levar umas palmadas e por isso deixou que Paul e mamãe se virassem. Mas papai bem sabe que se isso vai mal demais, ele pode dar uma surra em mamãe e em Paul, pois todos dois têm de lhe obedecer."

"Ah, não, mamãe é boazinha. Paul é o chefão de mamãe."

Na sessão seguinte (dez dias depois), Paul entrega-me uma carta de seu pai. Satisfeitíssimo com a mudança, ele nota "um progresso assombroso na conversação". Nesse meio-tempo, Paul freqüenta a escola maternal do bairro...

Espontaneamente, a criança traz o tema "Paul é chefão, papai não deve dar as ordens". Isso me é confirmado pela mãe quando me fala do abandono total em que se achou a criança ao nascer: "Eu entregava o cuidado de Paul à minha filha e às empregadas."

A criança prossegue: "Não querer dormir não é bom."

Respondo: "Não há *mal* algum em não dormir: é apenas incômodo." Segue-se todo um animado discurso da criança, que não compreendo, mas anoto...

Três ou quatro consultas psicanalíticas foram suficientes para evitar que recomeçasse o rosário das hospitalizações e os seus efeitos neuróticos desagradáveis.

Paul conserva certamente à sua disposição uma felicidade enorme de conversão psicossomática. Ao isolarmos a doença, na mente de uma criança para quem essa doença tem um sentido no seu relacionamento no seio da família, provocamos mal-entendidos, e lhe fechamos uma possibilidade de acesso ao mundo simbólico.

Os sintomas de Paul desapareceram porque o analista deles se serviu como de uma linguagem, procurando introduzir um sentido no ponto em que a criança havia parado, imobilizada pelo pânico diante da amplitude das suas exigências libidinais. Ao culpar essas exigências, só podíamos levar a criança a prosseguir a luta no campo somático, reforçando as defesas. Foi precisamente isso que procurei evitar.

Somente o acesso à palavra (revelando o desejo oculto de Paul: ser o chefão de mamãe) pode ajudá-lo a afastar-se de uma angústia vivida como mal-estar do corpo.

Caso 27 – Mutismo

Raoul tem quatro anos e não fala. É o caçula de uma família de seis crianças. Alegre, de trato fácil, aceita as bagunças com os irmãos. Muito laborioso, as suas atividades são exclusivamente calcadas nas da mãe. Procura monopolizar a atenção dela e, longe da sua presença, tem medo de escuro, da água, dos animais.

Uma septicemia aos 15 dias de vida veio prejudicar o desenvolvimento físico da criança. Uma separação com um ano de idade, por razão de saúde, encerrou um período penoso em que os cuidados com a saúde do bebê prendiam a atenção dos que o cercavam.

Raoul retorna da instituição infantil já sabendo andar, embora não utilize os braços, como se fossem para ele um corpo estranho e incômodo. Aos 18 meses, instala-se uma anorexia que cede de modo espontâneo no dia em que o pai volta a incorporar-se à família. O menino inicia então uma fase de cóleras ruidosas seguidas de sono. As cenas terminam facilmente quando o pai aparece.

A hipersolicitude materna acha-se felizmente contrabalançada pela atitude rígida do pai (no entanto, o estado doentio do bebê faz dele o objeto eletivo da mãe).

O exame da criança é quase impossível de efetuar. Quando vejo Raoul na presença da mãe, ele chupa o polegar, a parasiteia. Se o vejo sozinho, ele rola no chão, contrapõe um "não" sonoro a todas as minhas perguntas, alternando pontapés com uma atitude regressiva. Quando chamo de volta a mãe, ele se encontra num estado de ansiedade patológica, rejeita qualquer atividade e procura refúgio no colo materno, onde adormece, enrolado em si mesmo, de polegar na boca. Se lhe dirijo a palavra, Raoul projeta-se sobre a mãe e chora. Se lhe peço que desenhe, estende o papel e o lápis à mãe, para que ela faça o desenho. Ele acaba me desenhando um boneco, representação da imagem de um corpo fragmentado. Se utiliza massa de modelar, tudo fica igualmente fragmentado. O nível intelectual de Raoul parece normal, a ausência de linguagem vem aqui acentuar uma estrutura de grande fóbico. A criança não pode assumir a sua agressividade, sob pena de ter medo de perder a mãe.

Das suas produções plásticas, que, como dissemos, eram todas elas imagens de corpos fragmentados, o tema central era um disco encimado por um falo *arrancado* de sua base. Podemos perguntar aos nossos botões se a separação precoce da criança não foi vivida por ela como uma mutilação impossível de assumir. Para que a mãe continue a viver para Raoul, ele tem de introduzir entre ela e a sua pessoa alguma coisa da ordem da morte (o seu sono, o seu mutismo). É nessa morte que o indivíduo encontra uma possibilidade de eternizar o seu desejo, podendo assim alcançar o mundo dos símbolos que havia corrido o risco de desaparecer com a perda da mãe. As suas cóleras e a sua rejeição da mãe nada mais são que o inverso do desejo da presença materna. Se as cóleras com a mãe terminam em sono (ou seja, numa espécie de união com a mãe), as que visam ao pai têm por objetivo a introdução de um terceiro termo: uma instância superior que lhe faça a lei e o devolva assim ao seu estado de indivíduo.

Raoul procura visivelmente ser marcado pela ameaça paterna para que, por meio dela, o seu desejo possa formular-se. Mas ele esbarra então na mãe, que teme para o filho doente toda e qualquer intervenção da Lei, privando-o ao mesmo tempo de toda possibilidade de identificação com o pai.

O papel de uma psicanálise aqui seria justamente levar a criança a resolver corretamente o seu Édipo, introduzindo-o na linguagem dos desejos de morte ou homicídio vividos no nível do corpo.

É tão-somente numa dialética verbal que Raoul pode chegar a assumir-se num sexo de menino, a palavra tomando então o lugar de um sintoma, para superar os seus efeitos neuróticos.

As informações recebidas posteriormente (da psicanálise que se encarregou da criança) vieram confirmar a exatidão da compreensão psicanalítica do caso, tal como me foi possível obter na primeira consulta.

Foi no dia em que os desejos de morte puderam ser conscientes que a criança, sem demora, adquiriu a linguagem, *e isso, por meio de uma inversão total de sons.* No dia em que o confronto com o pai foi possível, Raoul abandonou uma forma de dislexia puramente reativa.

Caso 28 – Atraso da linguagem

Lina tem quatro anos. Inteligente e viva, ela apresenta um sério atraso da linguagem. A sua instabilidade e os seus distúrbios caracteriais tornam problemática toda e qualquer inserção escolar. A criança tem uma irmã três anos mais velha, grande fóbica. Nasceu numa fase particularmente dramática da vida da mãe (divorciada, sem ter onde dormir, sem recursos). Indesejada, Lina cresceu entretanto sem problemas até completar um ano de idade. Colocada então em uma instituição infantil serrana, a criança aí perde a sua alegria. Permanece por mais de um ano nesse lugar e definha fisicamente (sem que os médicos descubram qualquer causa para isso).

A mãe recupera a filha com dois anos e meio, coberta de furúnculos e com incontinência diurna e noturna. Nesse meio-tempo ela se casou pela segunda vez. Lina passa a dividir um quarto com a irmã na nova moradia. Uma pessoa idosa cuida das crianças e Lina, pouco a pouco, vai reencontrando certo equilíbrio e recuperando sobretudo a saúde. Linguagem, praticamente não há. A mãe, com grande participação na vida profissional do marido, só cuida das crianças aos domingos. "O domingo", diz ela, "é para mim um verdadeiro pesadelo, Lina se agarra a mim, não me dá um momento de descanso."

Os dois pais tiveram uma infância triste, marcada tanto para um como para outro pelo divórcio dos próprios pais e pelo quase estado de abandono em que o divórcio os mergulhou. Com poucos atributos para serem pais, pouco amadurecidos para o serem tão cedo, não toleram o menor constrangimento por parte das crianças.

Lina, menininha esperta e persistente nos seus jogos, fica perdida sem a presença de um adulto. Ela passa a parte mais importante do seu tempo a quebrar os objetos, a perdê-los. Trata-se, de fato, de assegurar assim a perenidade de uma presença.

Uma psicanálise parece aqui indispensável para ajudar a criança a superar um período traumático (perda da mãe) quando ela só teve à sua disposição o seu corpo para exprimir o seu sofrimento. (É, lembremos, como agressão somática que a separação foi vivida.) Presentemente, ainda lhe falta a linguagem: no dia em que, pela Palavra, Lina puder exprimir o seu desespero (agressividade), ela não terá mais necessidade de parasitear um adulto para sentir-se em segurança.

4. INÍCIOS DE UMA PSICOSE

Caso 29

Noëlla, de quatro anos, é a penúltima de cinco irmãos (os dois últimos nasceram por descuido).

A mãe, muito ocupada com a vida profissional, não desejava ter mais do que três filhos. Uma quarta gravidez colocou-a em grave estado de depressão. "Eu tinha a impressão", diz ela, "de que alguma coisa acabaria."

Desde o nascimento, o bebê ficou separado da mãe, ainda nesse momento em tratamento psiquiátrico pelo episódio depressivo que, com o parto, se traduziu num acesso delirante.

Entregue a uma ama-de-leite, a criança apresenta, desde o início, dificuldades alimentares. "Quanto ao mais", dizia o pai, "era uma pequerrucha que não se mexia."

Quando Noëlla completa seis meses, a mãe reintegra-se ao lar, retomando a sua vida profissional. Engravida pouco tempo depois (suporta essa gravidez com resignação), deixando Noëlla aos cuidados de uma ama-de-leite, que também cuidará do futuro irmãozinho. A mãe escolheu este meio-termo: aceitar ter as duas crianças, mas não criar aquelas que não quis pôr no mundo. Seu marido, órfão de pai desde muito cedo, trata bem das crianças e é particularmente apegado a Noëlla. Faz tudo o que ela quer, deixa-se arranhar, morder. Censura a mulher por não amá-la, durante os raros momentos em que a menina vem passar com eles.

"O que a senhora quer", diz-me a mãe, "aquela menina não me atrai, não há nada que me empurre para ela." Mimada durante a juventude, a Sra. X nunca pôde decidir-se a se tornar, como era de agrado do marido, "uma dona-de-casa".

"Ser uma dona-de-casa, ter sempre um pouco menos de dinheiro do que se necessita, ter sempre de privar as crianças e a si própria de alguma coisa é uma armadilha na qual me recuso a cair. Dizem que sou uma mãe má. No restaurante, sou responsável por 30 refeições diárias. Quase não sou ajudada. O meu tempo livre é para os meus filhos. Gostaria de não ter todo o tempo livre devorado por eles. Ler um pouco, ficar em contato com o mundo. Os

três mais velhos eu assumo. Os dois últimos, os que vieram depois, estão acima das minhas forças. Se eu perder a razão, quem ganhará com isso? Moro numa cidade isolada, meu marido só vai em casa duas vezes por semana. Sou capaz de cuidar ao mesmo tempo de tudo o que eu quis. Tenho agora a impressão de ter de lutar para me salvar."

"Essa pequerrucha", acrescenta o pai, "provocou a nossa desunião."

E, aproveitando-se disso, fala-me da sua infância infeliz, da perda de um pai "amado pelos homens e pelos animais", de uma tia inválida, que ocupou para ele o lugar de uma mãe pouco afetuosa.

Que a sua mulher não queira nunca mais ter filho é sentido por ele como o sinal de que ela, a exemplo de sua própria mãe, é uma mãe má. (O internamento dos mais velhos evoca para ele a Previdência Social... ou seja, as profecias da tia: "Tua mãe é bem capaz de te entregar a um orfanato da Previdência, agora que teu pobre pai não está mais entre nós.")

O problema de Noëlla, menina psicopata, não tardou a desaparecer por trás do sério problema do casal. E foi o problema do casal que eu examinei durante uma entrevista de mais de três horas. Era importante antes de tudo mostrar ao pai o drama pessoal que se desenrolava na pessoa da filha inválida, e revalorizar aos seus olhos sua mãe, neurótica sem dúvida, mas cujo equilíbrio devia ser mantido no que ela era capaz de dar e de assumir.

Noëlla arcava com o ônus de ter sido, com a sua vinda ao mundo, a marca da discórdia do casal. Isso a mãe não lhe perdoou de modo algum; e ela foi sempre, no casal, o motivo das brigas, o objeto de um aumento de amor ou de ódio. Em resposta, Noëlla fazia-se ausente, a toda presença humana.

Uma psicanálise da criança impõe-se sem a menor dúvida. Mas como fazer isso, a 300 km de Paris? Tudo o que se podia fazer era devolver um pouco de paz ao coração dos pais.

Caso 30 – Uma criança psicótica

Henri, de oito anos, foi levado ao meu consultório por um parente afastado. Ele é o membro mais novo de uma família numerosa (todos os irmãos são casados, salvo um deficiente mental grave de 25 anos, que mora com os pais). Henri é o caçulinha; vive numa cidade distante, entre pais idosos; um pai "ausente", obcecado pela idéia da morte próxima, uma mãe hiperansiosa, que sufoca a criança com um excesso de atenções. É o confidente da mãe e participa dos seus temores, esperanças e sonhos. Tem um lugar definido nos fantasmas maternos.

Ouçamos o seu discurso:

"Papai devia ser cirurgião, mas fizeram dele um clínico-geral. Depois o aposentaram, e ele cultiva macieiras. Atualmente ele passou a ser médico da Previdência Social. Meu irmão de 25 anos fez progressos: ele aprendeu a limpar a casa. Sempre lhe damos alguma coisa para fazer, e ele não leva uma vida infantil. Não é que nem a tia de minha nora. Ela não sabe ler apesar de ter 40 anos, e brinca de boneca. Meu irmão dorme e toma remédios, coisa que, aliás, também faço: estou cansado, o que é um mau sinal para mim, sinto sede o tempo todo. Você vai me dizer o que é preciso. Tenho também uma coisa curiosa, é meu pai que trata dela: ele me passa pomada. Toda vez que há um homem que mata sua mulher, ela me anuncia. Então eu digo a mamãe: 'Por que é que o pessoal daqui se casa, se tem de brigar?' Nos sonhos, quem morre é a mamãe, entre meu irmão infantil e meu pai eu não posso viver. Então, mandam-me escolher com quem eu quero viver. Se é com a minha irmã que a senhora já conhece ou com a minha cunhada. Uma criança sem pais, eu entendo por que ela tem vontade de partir com a sua filha."

"As pessoas que se separam, é assim a O. A. S.:* as pessoas brigam, mas aquele que está chateado não quer se separar, então tudo continua. Enquanto, para o divórcio, nada se pode fazer. A gente passa a ser dois sozinhos numa casa, para sempre; o casamento é feito para isso."

Vemos Henri alienado nas preocupações maternas ao ponto de não poder mais situar-se numa linhagem: é ele o filho, a filha, o pai ou o companheiro da mãe? Ele é, talvez, tudo isso ao mesmo tempo e, enquanto tal, perdido como sujeito.

Esse discurso não é a sua palavra, é uma palavra impessoal, que não lhe pertence, a palavra de outro, de todos os outros: o registro que ele dá aí não é de sua autoria.

Nesse discurso que não lhe pertence, a criança expõe no entanto o seu drama, o drama de espectador numa família que despiu a vida de todo o seu sentido. Que é o casamento? "A gente passa a ser dois, numa casa, sozinhos para sempre, o casamento é feito para isso."

Também Henri escolheu uma forma de solidão para não sofrer com o papel de fantoche que lhe é atribuído. Ele ingressou no mundo da loucura.

Somente uma psicanálise pode tirá-lo de lá.

Por sorte, uma parenta está prestes a acolhê-lo em Paris a fim de permitir que ele prossiga um tratamento. Quanto aos pais, não percebem muito bem

* *Nota do Tradutor:* O.A.S.: Organismo de l'Armée Sécrète.

o que lhes aconteceu. Já romperam relações com os seres humanos, a vida e a morte são para eles um mesmo mundo. Essa criança os encantava, mas, se é melhor que ela vá embora, assim seja. Entretanto, com ela, quem parte é o último interlocutor que restava aos pais. Desse momento em diante, somente o retardado está presente para receber as confidências deles e cultivar com eles as flores e as plantas da propriedade.

Trinta consultas... Todos os pais me são encaminhados por médicos, pediatras ou psiquiatras que, um dia, diante de tal criança, hesitaram em prosseguir um tratamento tradicional. Eles levantaram a questão de saber o que o sintoma podia ocultar como tensões ou como dramas. "É necessário", dizem-lhes, "mandar aplicar testes ao seu filho. Depois veremos o que convém fazer."

Testes, por que não? Não se trata, no espírito do público, de alguma coisa de objetivo, de impessoal, que permite dar uma resposta aos problemas dos pais, possibilitando até aliviar esses últimos de toda e qualquer preocupação. *Textos,* dirão alguns, isto é, uma regra escrita, que virá substituir a Lei Parental. A Instância Superior, é a isso que os pais recorrem, prontos para se demitirem ou para passarem o seu encargo a outro Responsável... "Os senhores devem passar a tratar", parecem dizer, "dessa criança (ou seja, da nossa angústia)."

Eu sou psicanalista. Isso me marcou para sempre nas minhas relações. Não acredito nos instrumentos de medida, ou melhor, só os utilizo durante uma entrevista ou, se dispuser de muito tempo, procuro, antes de mais nada, aprender, compreender, o discurso do Outro. É por meio da mentira que uma certa verdade pode ser apreendida. Verdade de hoje que talvez não seja mais a de amanhã, mas verdade em movimento, em busca de uma autenticidade. Foi isso que eu tentei apresentar nas páginas precedentes. Vamos tentar agora, indo além da concisão dessas notas tomadas, apurar um sentido.

2
O Sentido do Sintoma

Agrupei ao acaso as entrevistas precedentes, obedecendo ao *motivo da consulta.* Dela se extrai uma classificação forçosamente arbitrária (uma vez que a queixa parental encobre com freqüência sintomas mais sérios, ou pelo menos diferentes daqueles que motivam a consulta), classificação que, no entanto, vou respeitar atendendo à comodidade da exposição.

Pegando por acaso as minhas fichas, trouxe à luz o problema das *dificuldades escolares e das dificuldades caracteriais* (que vão desde os distúrbios do comportamento até a conduta associal e a delinqüência). Aflorei a questão da *perversão*, a *fobia,* abordei casos de *reações somáticas* e o problema da psicose.

Essas crianças, repitamos, eu as vi em primeira consulta, o que equivale a declarar a insuficiência do material para tratá-las em seguida de maneira teórica. A minha intenção não é, evidentemente, desenvolver aqui a teoria psicanalítica das neuroses e das psicoses, mas, antes, circunscrever uma questão que os próprios psicanalistas são às vezes levados a deixar de lado. Em psicanálise infantil, por ocasião da primeira consulta, estamos submetidos ao pedido dos pais, que pode ser extremamente urgente. Tendemos, pois, em relação aos pais, a resvalar para uma posição de psiquiatria ou de psicopedagogo, com o risco de deixar escapar a dimensão essencial, que é justamente a apreensão psicanalítica do caso. É da sua posição de analista que o consultor pode evitar orientações açodadas, colocações precipitadas, e também pode tentar mostrar uma verdade num lugar que está ocupado por uma mentira. Para isso, é ainda preciso que ele alcance uma compreensão suficientemente aprofundada da situação familiar. Nem todas as consultas resultam

na indicação de uma psicanálise, mas em todas é certamente possível salvaguardar a dimensão psicanalítica, ou até vir em auxílio do pediatra ou do médico de família, que tem a seu cargo o tratamento da família.

Muitas vezes, é numa segunda fase que os pais poderão de maneira correta formular a sua pergunta, de um modo que permita a entrada do sujeito numa psicanálise.

As minhas notas, tomadas ao término da primeira consulta, resumem, dizia eu, na sua própria concisão, uma *situação*. Tentei explicar isso. Neste momento pretendo tentar compreender o que, nessa situação, pôde determinar, na criança, tal ou qual distúrbio. É comum ouvir dizer que, a toda criança-problema, correspondem pais-problemas. É raro, com efeito, que não se perceba, por trás de um sintoma, certa *desordem familiar*. Entretanto, não é certo que essa desordem familiar tenha, por si mesma, uma relação direta de causa e efeito com os distúrbios da criança.[1]

O que se mostra prejudicial ao sujeito é a *recusa* dos pais a ver essa desordem, o esforço deles em *palavra*, para aí substituir uma ordem que não é apenas uma.

Não é tanto o confronto da criança com uma verdade penosa que é traumatizante, mas o seu confronto com a "mentira" do adulto (vale dizer, o seu fantasma). No seu sintoma, é exatamente essa mentira que ele presentifica. O que lhe faz mal não é tanto a situação real quanto aquilo que, nessa situação, não foi claramente verbalizado. É o *não-dito* que assume aqui um certo relevo.

Por meio da situação familiar, a minha atenção vai, portanto, recair na *palavra* dos pais e na da mãe em particular, pois veremos que a posição do pai para a criança vai depender do lugar que ela ocupa no discurso materno. E isso tem importância para a maneira como a criança vai poder, desde então, resolver corretamente ou não o seu Édipo, chegar ou não a processos bem-sucedidos de sublimação.

Tentemos agora rever os casos apresentados no capítulo anterior.

1. Se essa desordem, na sua *realidade*, era a causa direta das dificuldades da criança, a atitude psicanalítica seria bem inútil, já que bastaria corrigir uma situação defeituosa aconselhando medidas reais. Ora, esse gênero de intervenção não é eficaz nos casos que são do domínio da Psicanálise.

1. DESORDENS ESCOLARES

Ouçamos em primeiro lugar o discurso da mãe:

"Dizer", acrescenta ela, "que tenho um irmão engenheiro e um filho assim." (caso 1)...

"O mais velho", dizem-me, "saiu ao pai, é brilhante. O mais novo puxou à mãe; e infelizmente eu comecei uma série de coisas, mas nada terminei." (caso 2)

"Quando estou deprimida, eu o ajudo em seus deveres, mas ele não quer mais saber do meu auxílio... Ora, para sua informação, o pai de Nicolas é uma criatura mole, distraída, cansada, inútil." (caso 3)

"Quando a gente sabe tudo", confessa Bernadette, seis anos de idade, "o que existe no fim é a morte." (caso 5)

"Meu marido é um chato", "Que idéia ter casado com um cara assim", diz a menina. (caso 6)

"Trago-lhe minha filha, por indicação do Dr. X, sem o consentimento do pai." (caso 7)

Essas amostras são muito modestas para que possamos, a partir daí, fazer um estudo exaustivo do problema dos distúrbios escolares. Como eu já disse, desde o começo não é essa a minha intenção. Desejo chegar a salientar apenas certo *clima* que, em geral, se torna a encontrar em toda situação neurotizante.

O que nos impressiona aqui?

De pronto somos apresentados (pelo "sintoma escolar") ao mundo fantasmático da mãe. A criança tem por missão realizar os seus sonhos perdidos. O seu erro reside quase sempre em não aceitar colocar-se no lugar que lhe está reservado de antemão. Porque, se jogasse o jogo da mãe, a criança se veria imediatamente exposta a outros problemas bem mais graves, principalmente o de um Édipo impossível. Assim é que François (caso 1) rejeita a imagem do tio materno (proposta como ideal do eu pela mãe), centralizando, como que por acaso, as suas dificuldades na matemática. Todavia, pela culpa, ele se identifica com tudo aquilo que, na mãe, é aleijado, colocando-se no final das contas sob a dependência dela, em vez de pôr-se sob a Lei do Pai. A identificação com uma imagem masculina parece impossível, em função da demissão paterna. "Quero tranqüilidade", diz o pai, deixando desse modo a esposa como única responsável pelo destino do filho.

Resignado, velho antes do tempo, tal se afigura François. Os seus fracassos são uma forma desajeitada de se defender contra a influência da mãe. Uma forma desajeitada, já que, de fato, ele se convertera no "seu" objeto exclusivo de solicitude.

Casal perfeito? Aos olhos do mundo, sem dúvida. O que se deixava em silêncio era o lugar impossível reservado pela mãe ao marido. "Ele teria dado um padre bom e tímido." Isso equivaleria a convidar a criança a questionar a posição do pai e a sua própria. Para fazer isso, somente uma assistência psicanalítica poderia ser verdadeiramente eficaz, ainda que fosse necessário que a mãe pudesse suportar. A criança, nesse caso, estava prestes a entrar num circuito no qual seria incluída para ela uma imagem masculina estruturante; entretanto, o medo de, com a sua própria cura, causar a doença da mãe, o mandava para um lugar que ele desejaria ter abandonado. Esse pai era sem dúvida uma pessoa válida, mas, para a criança, ele como que havia renunciado a viver. Ele queria para si uma paz total que já possuía o antegosto da morte.

Lembremos aqui como a entrevista sublinhou a própria história da mãe, que, não marcada por um pai morto demasiado cedo, não esteve disponível para deixar falar nela o marido. Embora se defenda disso, ela preferia a mãe ao marido, colocando de fato o filho no lugar menor ocupado por ela, na infância. A imagem do irmão ideal achava-se assim salvaguardada mesmo por meio do filho. Para ele, toda e qualquer identificação masculina era recusada. "Eu não sou um idiota", responde a criança, depois de eu ter verbalizado o conteúdo fantasmático da história familiar. A consulta decerto não foi inútil. Ela ressaltou, aos olhos de François, a fragilidade de uma mãe todo-poderosa, e o papel impossível que ele era obrigado a desempenhar nesse contexto familiar. Entretanto, para que os pais aceitem a idéia de uma análise para o filho, é também necessário que tenham a coragem de ser desalojados (pelo filho) do conforto que dá a cumplicidade da mentira.

Vimos, no caso 2, que as dificuldades escolares de Victor ocultavam um conflito de ciúme com o irmão mais velho, que, com os seus êxitos, monopolizava toda a atenção do pai, impedindo assim que o caçula, acreditava, tivesse qualquer acesso ao mundo paterno.

Essa situação de irmãos inimigos só pôde, porém, instalar-se em conseqüência da inabilidade do meio circundante, fixando na realidade o primogênito e o caçula num estatuto inamovível. Um achava-se designado, *aos olhos dos outros*, como tendo saído ao pai, e o outro como tendo puxado à mãe. Se, para o mais velho, o caminho da identificação masculina se achava inteiramente traçado, o mesmo não acontecia com Victor. Renunciando a ficar preso nos limites maternos, ele procura numa conduta de falso durão uma afirmação viril, como se tentasse dessa maneira desviar de si a fatalidade do destino. De fato, vimos que aquilo que Victor teme é tornar-se um fracassado, refletindo assim a angústia parental: "Ele só lembra ao meu marido os seus complexos", afirma-me a mãe...

Toda idéia de psicanálise é, sem dúvida, recusada pelo sujeito, como se se tratasse da própria confissão de sua fraqueza.

É esse gênero de conflito que produz, infelizmente, os comportamentos associais, por não ter o meio social sabido apreciar a tempo a sua gravidade.

Teria sido necessário preocupar-se com a situação de Victor aos sete anos de idade. Agora o adolescente, amargurado pelos fracassos, e por um futuro escolar claramente comprometido, pôs em ação defesas de cunho obsessivo. É a resposta que ele traz. Está longe de aceitar que alguém a questione. Enquanto Nicolas (caso 3), às voltas com dificuldades aparentemente idênticas, está pronto, na mesma idade, para permitir que alguém o ajude, e mesmo para romper com um meio familiar sentido como patogênico. De fato, a situação dos dois meninos é inteiramente distinta. Se Victor cresceu como um estranho para seu pai, Nicolas sempre se sentiu muito perto do seu. O declínio escolar só se verificou aos 15 anos de idade, como eco, lembremos, à incapacidade da mãe de se resignar à perda da irmã (ao perdê-la, ela perdeu todo o desejo de viver). Na verdade, um feixe de circunstâncias provocou nos pais um episódio depressivo agudo com uma angústia de morte, que Nicolas não podia suportar viver. Ele só pede que o deixem fugir dessa atmosfera lúgubre, somente uma culpabilidade o reteria no lar. Sente confusamente que é a razão de vida dos seus pais, mas, tal como eles, percebe que, se se tornar o objeto utilizado para lhes tapar a angústia, estará fadado ao fracasso.

O sintoma do declínio escolar é, na verdade, um grito de alarme lançado por um adolescente que clama por ajuda. Os pais de Nicolas, ao contrário dos de Victor, estão cônscios de um perigo e é mesmo, paradoxalmente, por causa da aflição do filho que aceitam por conta própria um tratamento psiquiátrico; mas, para que se sintam cônscios de seu próprio drama, é mister que o filho o exprima.

As dificuldades escolares estrepitosas de Martine (caso 6) só surgiram para salientar uma situação familiar impossível. Elas são, para a menina, um apelo ao pai no sentido de que ele a reconheça, e ela utilizava todos os meios ao seu alcance para conseguir o que queria; para a mãe, uma espécie de advertência obrigando-a a desmascarar-se. "Meu marido é um chato", "Que idéia ter casado com um cara assim", diz a menina... Para Martine, trata-se quase de um convite ao divórcio endereçado à mãe.

Foi preciso essa crise para que percebesse qual era efetivamente o problema em casa.

É também por causa de um declínio escolar, reforçado por perturbações nervosas, que Sabine (caso 7) designa a mentira dos pais. "Vejam" parece ela dizer, "o lugar impossível que ocupo no coração da mamãe; lugar impossível na medida em que, para ela, eu vim substituir meu pai." O caráter de urgência enfatiza aqui mais um limiar de tolerância do que a gravidade do mal. É por esse motivo que era importante, na primeira consulta, que eu rompesse, mediante o meu apelo ao pai, um processo de cumplicidade mãe-médico, mãe-professor, que transformava essa menininha no objeto exclusivo de uma mãe neurótica. A recusa do pai ao tratamento psicanalítico é, nas suas conseqüências, menos grave do que a entrada nesse tratamento em cumplicidade com a mãe-médico contra o pai; isso equivaleria a ter criado para a criança uma situação pervertida, sem outra saída para ela a não ser o nascimento de novos sintomas que parecem aparecer com tantas mensagens endereçadas ao pai a fim de torná-lo ciente do que lhe foi mantido oculto. É essa tomada de consciência de alguma coisa que poderia ser verdadeira (mas que não lhe foi formulada) que provocou em Bernadette (caso 5) essa brusca recusa escolar sob a forma de uma crise fóbica. Ela nos diz claramente, lembremos, que a aprendizagem escolar, *o saber*, constitui um perigo.

"Quando a gente sabe tudo, o que existe no fim é a morte." A questão do *Nome do Pai*[2] foi com efeito levantada diante dela, eu diria quase para ela, na escola. Como dizê-lo à mãe, sem que ela morra de desgosto? Tal é a questão proposta por Bernadette (a sua mãe) no momento em que um mal-estar se faz sentir no relacionamento das duas. Essa testemunha que ela busca para o seu mal-estar acha-se na pessoa da analista que ela finalmente encontrou.

Ela precisava de um terceiro para que a sua questão ganhasse forma. Alguns meses de análise permitiram a essa criança sair das dificuldades (é mesmo certo que ela teve necessidade dessa crise fóbica para poder equacionar a sua relação impossível perante a Lei).

Vimos, ao longo dessas entrevistas centradas em dificuldades escolares, a que ponto o sintoma é uma linguagem que nos cabe decifrar. O indivíduo propõe a sua questão por intermédio dos pais, para eles ou contra eles. O

2. Como vimos na p. 46, a criança, tendo sido reconhecida pelo pai, ostentava seu nome. Até entrar para a escola, era chamada pelo nome de sua mãe. O ingresso na escola vai coincidir com a [illegible] do *Nome do Pai* e do que isso implica.

apelo à opinião surge aí quase sem o conhecimento dele.[3] A angústia é o seu motor, o sintoma aparece como uma solução; em outros momentos, como um pedido de ajuda. Em todos os casos, trata-se, para o sujeito, da busca de um reconhecimento — eu quase diria de uma tentativa de afirmar-se no próprio seio de um símbolo.

Por isso é importante, para a consulta, entender essa mensagem no nível em que ela é efetivamente formulada (nível simbólico) e evitar o perigo de fechar uma possibilidade de diálogo intervindo no nível do real[4] (isto é, em falso), pois é uma porta aberta a todo gênero de mal-entendido.

2. DIFICULDADES CARACTERIAIS

No primeiro capítulo, dei exemplos clínicos de gravidade crescente de crianças revoltadas, mal-amadas, incompreendidas, em permanente estado de aflição moral, cuja atitude de protesto, em relação ao adulto ou ao mundo, as transformou, um belo dia, em delinqüentes. Nesse estágio, elas são irrecuperáveis, a não ser que comecem a ser tratadas bastante cedo, antes que o meio da reeducação as marque talvez para sempre, num papel de fora-da-lei.[5]

O que está em causa nessas crianças é a vontade de ver o desejo delas reconhecido por uma luta de prestígio, sem ter podido exprimi-lo no domínio da palavra. É nos símbolos do sintoma (atitude caracterial ou delinqüência) que o indivíduo vai desde então exprimir-se. O que se apura nesses casos é a maneira pela qual essas crianças fracassam em determinada fase de seu desenvolvimento. Elas se recusam a ser marcadas pela prova da Lei, ou, como dizem os psicanalistas, pela ameaça de castração. Os efeitos dessa recusa são as diversas formas de comportamento de protesto.

No entanto, a causa dos distúrbios que devemos estudar reside na relação do sujeito com aquilo que, durante o seu desenvolvimento, é chamado a marcá-lo, a sujeitá-lo. É por esse motivo que aquilo que nos interessa no sintoma não é o *objeto* sobre o qual as dificuldades parecem canalizadas, mas certa forma de relação no mundo do sujeito.

3. A saber, a busca, no discurso do Outro, de uma resposta ao sentido das suas dificuldades.
4. A intervenção no nível do real supõe que o analista tome o pedido dos pais ao pé da letra, impedindo assim a questão (que subtende o pedido) de se formular.
5. É a influência dos outros delinqüentes ou caracteriais que é nefasta para o indivíduo. Ele corre o risco de adquirir o hábito de considerar-se solidário dos "oprimidos" (os seus condiscípulos) em face do "opressor" (e adulto, seja qual for o seu procedimento).

É mérito da Lacan ter insistido no fato de que um sintoma se endereça a uma espécie de anonimato a "essa pessoa"; que ele é subjacente a um desejo, que não é desejo de um objeto, mas "desejo de uma falta, que no outro designa um outro desejo".[6] Isso equivale a dizer mais uma vez como é importante para o psicanalista evitar intervir no campo da realidade, a fim de deixar ao sujeito a possibilidade de uma dimensão nova que o tire de uma relação de servilismo ou dependência para com o Outro.

Ora, quando uma criança tem distúrbios caracteriais, o consultor é, de diversos lados, solicitado a responder por meio de receitas educativas. Aqui, mais do que em outros lugares, importa salvaguardar uma dimensão simbólica, ajudar o indivíduo a articular o seu pedido, para que possa dar-lhe um sentido. Não se pode evidentemente, numa única consulta, apurar o que seria revelado ao longo de uma psicanálise, a saber, a fixação do sujeito a tal ou qual significante que lhe serve para articular o seu pedido. Pode-se, no entanto, quando não se intervém em um nível pedagógico, deixar em aberto uma questão e, com ela, a possibilidade de acesso a uma psicanálise.

Procuremos agora compreender o sentido dos sintomas caracteriais e delinqüentes mediante casos clínicos presentes no capítulo anterior.

"Não sou feita para ser uma dona-de-casa. Fico nervosa, são os filhos que apanham", diz-nos, convém lembrarmos, a mãe de Thierry (caso 9).

Pode-se dizer que a criança exprime, pelos seus distúrbios, o mal-estar materno. Se a mãe reagiu ao nascimento de filhos não desejados por um "nervosismo", esse nervosismo é de fato subjacente a uma vontade de substituir pelo seu desejo o desejo dos filhos. Thierry sente-se esmagado pela impossibilidade de exprimir o negativo sem provocar de imediato um drama. Sensibilizado para a rejeição materna, tornou-se, por compensação, o "durão" que pode dispensar a ajuda de todos, mas que, na realidade, traduz no seu comportamento uma aflição moral.

Ao contrário de Thierry, Lucien (caso 10) é desprovido de "mordacidade" para tornar-se caracterial, é o objeto passivo de uma mãe que decreta "o filho é assunto meu", "ele (o pai) nada tem de fazer lá dentro". Ele não tem desejos, não pede um reconhecimento. Entretanto, existe um mal-estar, uma vez que ele sente a necessidade de traduzi-lo em distúrbios anoréxicos e fóbicos. É mesmo dessa forma que ele esboça uma tentativa tímida para sair do circuito materno.

6. Lacan — *Formations de l'Inconscient*, 1917.

Catherine (caso 11) é, à semelhança de Lucien, o objeto exclusivo de sua mãe, mas de uma mãe depressiva a quem o marido abandonou. Catherine suportou mal o peso desse abandono na mãe. Lembremos as suas próprias palavras: "Eu sou tudo para ela, quando ela não está presente, não sou mais nada, estrago tudo."

O fracasso do relacionamento de Catherine com a mãe eliminou nela qualquer possibilidade de relacionamento com o pai, o que fechou depois para ela a possibilidade normal de identificação feminina (por não ter tido de confrontar-se com as "insígnias" do pai.[7]). Os abandonos, em Catherine, foram tão precoces (lembremos o papel traumatizante das babás) que ela não soube encontrar mais tarde em si própria com que simbolizar o que atuou como privação nos seus pedidos.

Para Simon (caso 12), ao contrário, todos os pedidos sempre foram satisfeitos, mas eles não tiveram de esbarrar no significante paterno (já que a mãe, lembremos, empenhava-se em manter o pai afastado de qualquer sanção).

Não marcado pelas insígnias cujo suporte é o pai, Simon achou-se incapaz de dar aos seus pedidos uma significação distinta da que tinha no plano da estrita realidade. Não há lugar nele para uma assunção da sua masculinidade. Por lhe faltar um pai interditor, ele continua a ser o adolescente eternamente insatisfeito. Lembremos aqui esta frase: "Quando estou aborrecido, quebro os lampiões de rua", isto é, meço a minha força em estado bruto e não suporto encontrar um interlocutor nesse nível. Uma psicanálise foi empreendida por Simon, mas ela se revelou difícil, pois o sujeito já encontrara uma espécie de equilíbrio em atos delinqüentes que se inscrevem numa ideologia neofacista. Ele havia tentado encontrar esse pai, de quem a mãe o havia subtraído, por meio de uma miragem de força política, a partir da qual uma psicologia simplista o levava a reduzir todo pedido ao nível das necessidades, aceitando assim a violência e o roubo.

De fato, para Simon, o importante é encontrar a qualquer preço um Outro que não aceite ser marcado pela Lei (esse primeiro Outro, na verdade, foi a mãe, esquivando-se sempre à Palavra do Pai).

Essa cumplicidade mãe-filho, que, na falta de identificação masculina válida resulta em comportamentos delinqüentes, é encontrada também entre criança e avós maternos (os casos 13 e 14 são uma ilustração disso). As más ações

7. Insígnias do pai: o que o pai representa para o sujeito num plano inconsciente, como suporte simbólico.

deles que aparecem nesses casos são idênticas, pois a criança não-marcada pelo pai é entregue a todos os seus caprichos e a todas as suas experiências. A sua onipotência é o reflexo da onipotência materna. Ela vive de certa maneira presa num sonho que, por vezes, tem as cores de um bom faroeste.

Esse mesmo esquema familiar, cópia de uma carência ou de uma falta de afetividade materna, precipita conduta associais, que são de fato reivindicações de amor. Elas só encontram para se exprimir um protesto estrepitoso. Mal-instaladas em sua crise de oposição, essas crianças estão freqüentemente prontas para serem ajudadas. O absurdo ou a gravidade dos seus gestos (incêndio, acidentes provocados) é muitas vezes o equivalente de um suicídio. É pela morte de alguma coisa ou de alguém que esses indivíduos tentam fazer e nascer um processo de simbolização que os ajudaria a viver (mas que talvez não passe de uma tentativa no sentido de eternizar os seus desejos).

Se o delinqüente oferece, de um lado, certa segurança e uma perseverança na vontade do mal — "Só gosto dos vadios, não quero fazer nada" (caso 19) — isso não é mais do que o avesso de uma aflição muitas vezes pungente: "Posso muito bem morrer, ninguém irá chorar." Poderíamos acrescentar a isso: para que serve ter desejos, na ausência de um Outro? Já que não há Outro existente para ele, não há a menor possibilidade de ser reconhecido como sujeito. A partir daí, nada tem mais importância: "Tudo isso são tolices, o mundo inteiro é tolo e eu tenho de lhes *dizer* isso." Ou seja, lhes dizer isso com seus atos delituosos. É essa, como vimos, a posição de Samuel (caso 19).

"Os psiquiatras me conhecem, e eu não vou lhes dizer nem uma palavra." De fato, René nunca foi *entendido* pelos seus sintomas; gozou de sete anos de uma casa de reeducação. Reeducação que tornou impossível qualquer expressão do pedido na fala, daí o drama de ter diante de si, aos 15 anos, um delinqüente fortalecido, por haver compreendido que somente o seu sintoma lhe permitia uma possibilidade de expressão, ou melhor, de protesto, num mundo sentido por ele como perigosamente hostil.

Esse exemplo é, para nós, extremamente instrutivo. Foi a partir dos sete anos de idade que o menino entrou no círculo da primeira consulta. É por não ter ouvido a tempo o seu pranto e o seu desespero, por meio das suas crises caracteriais, que chegamos a fazer dele um revoltado fortalecido, que, segundo suas palavras, "conhece um bocado do meio médico"[8] e está farto,

8. É evidente que o meio médico e o dos educadores tomou para o sujeito, no plano *imaginário*, o lugar da imagem paterna. A introdução de um terceiro termo (psicanálise) teria permitido ao sujeito aceitar esse meio que, *na realidade*, fez o impossível para ajudá-lo.

enojado dos médicos, educadores, assistentes sociais, em suma, de tudo aquilo que poderia ter sido, para ele, o símbolo de uma tentativa de recuperação ou de cura. Essa angústia que voltamos a encontrar dentro do delinqüente praticamente não existe no perverso. Tentei salientar esse fato no caso 21. Emilienne, criança perversa, acha-se suprimida no plano simbólico, não existe como indivíduo, serve ao desejo materno, em função do que ela se entrega com toda a tranqüilidade ao seu jogo predileto: a destruição às ocultas dos objetos preciosos e das flores. Não há nenhum pedido de socorro, nenhuma mensagem para fazê-lo chegar. Enquanto no delinqüente, mesmo o mais revoltado, existe sempre — ao que parece — um brilho de pedido de socorro que se faz ouvir no fundo da sua aflição e do seu fracasso.

3. REAÇÕES SOMÁTICAS

Relatei, no primeiro capítulo, dois casos de incontinência (um dos quais associado a uma magreza patológica), um caso de enxaqueca numa criança asmática, um caso de insônia numa criança alérgica, insônia seguida de anorexia. É pouco demais para tratar esse problema de maneira pertinente (estudado, de outro lado, por autores como Balint e, na França, Valabrega). Mas, como já disse, trata-se apenas para mim de dar um testemunho sobre o que o sujeito pode trazer na primeira consulta. Essas crianças, vindas com sintomas orgânicos, foram-me encaminhadas pelo pediatra, preocupado com o número de consultas médicas de que já haviam sido objeto.

Aqui como em outras partes, vejo-me quase que de imediato confrontada com a palavra da mãe: "Se eu não tivesse tido filhos, poderia ter acompanhado meu marido em suas viagens" (caso 22). Que fazer, "se ela (a filha) me disser um dia: 'Na casa dos outros eu posso viver, mas não na minha'?" (caso 24). "Meu filho sou eu, somos parecidos" (caso 25).

A doença, nesses casos, parece sempre ser uma *garantia* para a mãe contra as suas próprias tensões libidinais;[9] ela se inscreve num contexto fóbico. O sintoma da criança mascara a angústia da mãe; a principal preocupação desta torna-se, como observou Freud para a histeria de conversão, o combate contra o sintoma. Este serve às vezes à mãe de pretexto para se eximir às solicitações do mundo exterior (a fragilidade da criança é invocada para não

9. A mãe de Charles (caso 23) sofre com a ausência do marido, a mãe de Monique (caso 24) rejeita as relações sexuais com o dela, a mãe de Arthur (caso 25) se angustia com a idéia fixa de estar grávida, a mãe de Paul sentiu-se envergonhada de engravidar numa época em que o seu filho mais velho tinha 25 anos.

viajar, não sair, não trabalhar). Se não se compreende a tempo a natureza do sintoma na vida fantasmática mãe-filho, corre-se o risco de fixá-lo e de ver o indivíduo estruturar-se num modo de defesa obsessiva, sendo o benefício secundário para a mãe o prolongamento da repressão. Mãe e filho escapam assim pela doença da situação de perigo presente na angústia.

Quando a mãe de Charles (caso 22) vem me ver é para falar antes de tudo da sua solidão e da sua mágoa de ser separada do marido "por causa dos filhos". Ela acrescenta que desejaria trabalhar, mas que não pode fazê-lo "por ter de tomar conta, de cuidar das crianças". Ela nem sequer encontra tempo para ler, já que Charles monopoliza todos os seus instantes com a sua incontinência. Ela deve, em última análise, pensar nas necessidades físicas do filho,[10] e vimos como a única forma que ele tinha para escapar do desejo materno era não ter mais corpo nem desejos. A recusa, por parte da mãe, a um tratamento psicanalítico parece aqui ainda mais curiosa na medida em que o sintoma da criança já constitui o objeto de tantas consultas médicas. Propor-lhe alguma coisa que correria o risco de ter êxito coloca brutalmente a mãe diante do seu próprio problema (a saber, a sua angústia); "é cedo demais", parece ela me dizer, "não se precipite, deixe-me mais algum tempo em segurança" (em segurança: protegida pelo sintoma do filho).

Vimos a gravidade das enxaquecas de Monique (caso 24) que tornam quase inválida uma menininha de 12 anos (classes de tempo parcial, ausência de esportes). A asma é compartilhada com a mãe, de tal forma que não se sabe mais quem inaugura a crise e a propósito convida o outro a compartilhar sua cama. É acaso a ansiedade da criança que chama a mãe? Não creio. É antes o contrário que é posto em evidência, e é a palavra da criança que nos faz apreender uma certa verdade. Lembremos (caso 24): "De 15 em 15 minutos, mamãe me pergunta se estou com dor de cabeça. Papai não quer, mas não é ele que manda. Então, mamãe me interroga, me faz tomar comprimidos, sempre para o meu bem ela quer me fazer alguma coisa."

Se a criança pode sustentar esse discurso, com tamanha lucidez, é porque ela já esboça, com a sua anorexia, uma fuga para fora do universo fechado materno. O sentido das suas dificuldades foi explicado ao casal, em referência ao mundo fantasmático da mãe, e *é o pai* e não o analista que diz a sua mulher que "a menina servia para você se afastar de mim" (de fato, na maioria das vezes, para evitar as relações sexuais).

Qual dos dois necessita aqui de uma psicanálise?

10. Diz-me a mãe: Eu é que sei quando meu filho quer fazer xixi.

A mãe, por ousar viver com o marido, enquanto está alienada nos seus próprios pais, ou a filha, por sentir em si o direito de não ser mais para a mãe um objeto contrafóbico?

A questão nunca é simples nesses casos em que mãe e filha sofrem nos seus corpos idêntico mal-estar.

Para Arthur (caso 25), a solução não é fácil. Temos às vezes o direito de perguntar a nós mesmos se a doença da criança não intervém como uma peça essencial ao equilíbrio da mãe: "Meu filho sou eu, nós somos parecidos." Tal resposta evoca uma situação em que a mãe e a criança têm, no plano fantasmático, quase que um só e mesmo corpo. A mãe freqüentemente é muito mais afetada do que o filho, mas ele paga perigosamente com o seu corpo a neurose materna. O caso de Paul (caso 26) é interessante na medida em que essa mãe, relativamente equilibrada, não teve aborrecimentos graves com os seus outros filhos. A chegada de um último bebê, no momento em que os mais velhos estão em idade de se casar, encheu a mãe de culpa e de vergonha. "Que vão elas dizer (as outras mulheres) quando virem que fiquei grávida na minha idade?"

E é desde os primeiros meses, como vimos, que Paul vai manifestar sintomas ruidosos (uma impressionante alergia cutânea, soluços espasmódicos, insônia e, mais tarde, anorexia) em eco, ao que tudo indica, à angústia materna.

Criou-se uma relação fóbica mãe-filho, que cedeu bruscamente com a introdução do pai na vida mãe-filho. A analista, ao ajudar a mãe a apelar a um terceiro termo (o pai, que estabelecia a Lei para ela e o filho), permitiu à criança e à mãe não mais continuarem a se interrogar ansiosamente sobre seu desejo recíproco e porem fim a uma questão que não podia permanecer sem resposta ("Que quer ele de mim para me chamar desse modo?"). A partir desse momento, o filho pôde ter desejos externos à mãe, e a mãe ocupações outras que não esse filho. A situação pôde ajeitar-se facilmente porque se tratava, lembremos, de uma mãe relativamente equilibrada, em aflição passageira, aflição essa gravada pelas profecias do médico tal como a mãe as ouvira: "Essa criança vai acabar com a senhora, se antes a senhora não acabar com ela." Somente o apelo ao pai podia romper essa relação de forças, que se instalou desde então entre mãe e filho para tapar a angústia de um e de outro diante das suas respectivas exigências.

Esses exemplos sublinham a utilidade, para o pediatra, do recurso a uma investigação psicanalítica quando os casos são sérios e rebeldes a todo tratamento tradicional.

A formação psicanalítica do pediatra permite-lhe (como nos lembra o Dr. P. Bernoît)[11] fazer frente a casos de urgência nos quais a criança, em perigo de vida, é claramente salva pela Palavra do médico (endereçada ao indivíduo ou à família). É decifrando o seu segredo incluído no sintoma que lhe permitimos exprimir-se numa linguagem diferente da do corpo.[12]

4. INÍCIOS DE UMA PSICOSE

Se, nos casos de psicossomatismo, o sujeito exprime em termos de mal-estar corporal dificuldades que não chega a traduzir em linguagem articulada, o psicótico vive ao nível do corpo toda ameaça que uma relação com o Outro implica para ele.

O que existe de perturbado na mãe, para que a resposta do indivíduo ao seu discurso seja a alienação? Que lugar a criança ocupa no mito familiar, para ser nesse ponto condenada a certo papel, de onde nada nem ninguém possa desalojá-la?

Temos aí questões, entre outras, que se impõem por ocasião das minhas entrevistas com a família do psicótico. Relatei no primeiro capítulo dois casos de mutismo psicogênico. Se Raoul (caso 27) teve uma arrancada física penosa desde o seu nascimento, ao qual se acrescentou (lembremos) uma separação da mãe com um ano de idade, Lina (caso 28) nasceu em boa forma física, e não teve de sofrer, durante o primeiro ano de vida, nenhuma agressão somática. Foi da mesma forma com um ano que uma separação lhe foi imposta.

É em função, ao que parece, do primeiro relacionamento com a mãe que a separação tanto na mente de um como da outra vai adquirir uma marca significativa determinante para a sua evolução futura.

Raoul perde, com o desaparecimento de sua mãe, o interlocutor de seus mal-estares somáticos; a separação permite-lhe refazer a saúde, mas é como fóbico grave que ele se reintegra ao lar. Ele já não sabe, por outro lado, que uso fazer dos seus braços. O traumatismo da separação é vivido em linguagem do corpo (o qual perde toda e qualquer função dinâmica), mas Raoul

11. Numa obra de próxima publicação.
12. Isso evidentemente só é válido para casos visivelmente graves (sem organicidade francamente estabelecida) que apresentam relacionamentos perturbados com um meio circundante patologicamente angustiado. O mérito do médico é saber reconhecer o fator neurótico por meio do perigo real de vida, isto é, não ser iludido com a pura "organicidade" do sintoma apresentado.

parece ter guardado em si uma possibilidade de simbolização. Ele brinca de rejeitar a mãe, para aferrar-se tiranicamente à sua presença.

Quanto a Lina, nunca existiu para sua mãe. A separação vai provocar uma *aflição física*: é no seu corpo que a criança se definha. Ela é devolvida doente a sua mãe. A presença de um adulto seguro permite-lhe recuperar certa saúde, mas é pelo seu mutismo que ela continua a exprimir a sua aflição. "Essas crianças são um pesadelo", diz a mãe. Lembremos que ela nunca toma conta dos filhos, salvo aos domingos, e nesse dia Lina se agarra desesperadamente a ela; a mãe, em resposta a esse apelo, só encontra palavras de rejeição. É num casal de pais *abandônicos* que a menina esbarra, ela não é, como Raoul, "impelida a viver" por um pai que tem existência na mãe. O seu transtorno é mais intenso, a sua oposição caractericial, apesar de tudo, protege-a de uma psicose. Ela busca na sua relação com o Outro uma possibilidade de comunicação. Não seria mesmo inexato dizer que ela existe agressivamente, em face de um casal depressivo, e que é a sua maneira de obrigá-los a ser.

A gravidez foi para a mãe de Noëlla o sinal de um perigo vivido no seu próprio corpo; "alguma coisa acontecerá", diz para si mesmo... e pouco tempo depois desencadeia-se para ela um episódio depressivo agudo.

Se Lina foi rejeitada, Noëlla, antes mesmo de nascer, pôs em perigo a mãe e foi a causa da desagregação do lar. "Essa pequerrucha provocou a nossa desunião", diz o pai. Noëlla, efetivamente, herda a incumbência de traduzir aos pais o seu próprio mal-entendido. Ela ocupa na fratria o primeiro elo de uma corrente, onde, a partir dela, os futuros filhos, de acordo com a confissão materna, não serão mais assumidos por ela. Noëlla, antes mesmo de nascer, põe à prova a saúde e a razão maternas. E é na fenda dessa ferida que ela deve se desenvolver. Para responder ao discurso da mãe, a criança encontra apenas a alienação, faz-se de todo ausente, de todo indiferente a qualquer presença humana.

Vimos, por outro lado, como Henri (caso 30), em seu discurso, exprime a sua alienação. Não pude, nesse caso, ver a família, mas o menino soube situá-la admiravelmente e presume-se em que clima familiar ele soube escolher a sua resposta psicótica.

Apenas uma psicanálise pode, nesses casos, tentar restituir o sujeito à razão desalienando a sua palavra. Se Noëlla não tem linguagem à sua disposição, Henri nos submerge numa linguagem que exclui toda fala suscetível de pertencer somente a ele.

Noëlla é, por acaso, uma criança com retardo mental grave? Como estar certo do contrário? E é isso muito útil? Num primeiro estágio, não é melhor

compreender o lugar ocupado pelo indivíduo no mito familiar a fim de, se ainda há tempo, poder dar-lhe uma significação distinta de que era fixada exclusivamente pelo devaneio materno?

Raoul e Lina vão poder escapar por meio de uma ajuda psicanalítica. Para Noëlla, por ocasião da primeira consulta, alguma coisa de importante foi compreendida pelo casal parental, e ele poderá talvez desse modo não prolongar o seu mal-entendido. Quanto à criança, está muito comprometida, talvez mesmo condenada a não se curar, em virtude da distância geográfica que separa os pais de um centro psicanalítico. Henri tem mais possibilidade, são antes os seus pais que deixamos entregues à noite deles, eu diria quase: tendo a morte por companheira...

As entrevistas com os pais de crianças psicóticas podem revelar-se não só "pungentas" como desesperadamente "vazias". Uma criança muito afetada, duas horas de conversa corriqueira com a mãe, uma impossibilidade de captar o que quer que seja na gênese do caso: tudo aparece como normal. A analista procura em vão confrontar uma anamnese "pobre" com os resultados de exames psicológicos às vezes completamente precários, hesita em fazer um diagnóstico... A introdução da criança no local às vezes basta para modificar uma situação, ou melhor, para fazê-la aparecer sob a sua luz verdadeira. Se existem crianças esquizofrênicas que "falam" na ausência da mãe, oferecendo um discurso de surpreendente riqueza, são também numerosos os que não têm sequer linguagem à sua disposição. Separados de suas mães, ficam perdidos, e elas ficam também perdidas, já que são incapazes de se lembrar de qualquer coisa patológica na história do sujeito, fora da presença deste. A entrada da criança dá imediatamente à mãe possibilidade de expressão. Há, em primeiro lugar, o encontro dos corpos: a criança procura enterrar-se no seio materno, refugia-se claramente nela antes de tomar conhecimento dos objetos da sala. A mãe pode então comentar a situação: "Eu me esqueci de dizer que ela precisa sempre de um intermediário para exprimir a fome, a sede, os desejos."

"É curioso, basta que ele esteja presente, para eu me lembrar... Ele sempre foi alvo de muitas atenções, foge a cada colherada de alimento. O que ele quer é alimentar-se no meu colo. Como está doente, obrigatoriamente meu marido nunca intervém"...

Em outros momentos, ela encontra ensejo de se desculpar: "Estou tão acostumada que me esqueço de como ele é tirano, ficamos contentes de que ele esteja vivo, e então, quanto ao resto, aceitamos tudo."

Esse vínculo tão especial mãe-filho nem sempre podemos percebê-lo na hora, ou melhor, a mãe não é livre para fazer parte dele, fora da presença dessa criança. A sua presença permite-lhe chegar a uma certa verdade no discurso. Quanto à criança, a presença materna permite-lhe significar a um terceiro o seu modo de relacionamento com o Outro, é com o seu corpo que ela nos mostra como deseja formar apenas um ser com sua mãe; trata-se, no entanto, de uma forma de parasitação a que ambos se agarram. A constatação da ausência de pai nesse relacionamento é evidente para a análise, praticamente não é para o par mãe-filho. O tratamento da criança, se tem de ser aplicado, não pode desenvolver-se, nesses casos, senão na presença da mãe; tanto a necessidade de um tem necessidade do Outro para se fazer entender — e muitas vezes será somente ao longo do processo analítico que o drama familiar poderá ser claramente vislumbrado. Na primeira consulta, esse tipo de família oferece-nos certa resposta que lhe serve de solução para determinada situação. É essa resposta que, por muitos desvios, temos de chegar a examinar, não sem algumas dificuldades (pois a "cura" da criança vai modificar uma *situação*, o que a mãe inconscientemente recusa).

Para crianças psicóticas, crianças com retardo mental, a primeira consulta pode ser a oportunidade de entrar pela primeira vez em diálogo a partir de uma ausência de discurso. É uma situação familiar que cumpre aqui chegar a verbalizar, a fim de desmistificar ligações e revelar um relacionamento impossível, onde nenhum lugar está previsto para a criança enquanto indivíduo.

3

Os Testes

Se a anamnese, no momento da entrevista com os pais, permite ao paciente fixar certa estrutura familiar, a entrevista com a criança enriquece a compreensão de uma situação e revela-se, na maior parte do tempo, decisiva no diálogo que vai depois estabelecer-se com a família.[1] O exame da criança adquire para os pais valor de testemunho. São *textos*, dirão alguns, neles poderemos ler, como num rádio, o quadro das deficiências, a causa do mal. "A avaliação da aptidão", tendo em vista o melhor rendimento possível, é uma idéia que agrada ao público, convencido de que o psicólogo detém o segredo de uma orientação bem-sucedida.

Em inglês, a palavra "teste" significa "prova", e é exatamente sob o signo do exame que a criança situa a entrevista com o psicólogo. No decorrer dos últimos 50 anos, o esforço dos pesquisadores concentrou-se nas possibilidades diversas de avaliação das aptidões mentais; a inteligência não é apenas avaliada quantitativamente, mas analisada qualitativamente. Procura-se apreciar com precisão as possibilidades de atenção, de memória, do indivíduo. Provas de lateralidade são, por outro lado, postas a funcionar para compreender a organização no espaço da criança, provas motrizes são utilizadas para avaliar o seu desenvolvimento motor. Em síntese, existem possibilidades múltiplas de "avaliações" tanto no plano intelectual como no pedagó-

1. Na qualidade de não-médica, dirijo sempre o dossiê da primeira consulta (entrevista com os pais, exame da criança) a um psicanalista médico, a um psiquiatra ou a um pediatra. São eles que, de alguma forma, sancionam o que posso apurar como perspectivas. Esse trabalho de equipe mostra-se muito valioso, dá aos pais e à criança o tempo para se preparar, depois de um questionamento às vezes penoso.

gico. A isso, veio acrescentar-se uma gama não menos considerável de testes para avaliar o caráter, até mesmo a "moralidade" do indivíduo. Em suma, procura-se cada vez mais entender a sua personalidade, que, de resto, não se hesita em avaliar com o auxílio de critérios estatísticos. A criança, verdadeiro animal de laboratório, é quase fichada segundo critérios universalmente reconhecidos. É óbvio que um exame desse gênero terá de saída um alcance diferente conforme seja efetuado por um psicólogo ou por um psicanalista. Não é minha intenção criticar aqui aquisições psicológicas de importância primordial. O que farei intervir é a dimensão psicanalítica, que somente o psicanalista pode introduzir por ocasião do estabelecimento de um balanço psicológico. Com efeito, ele não pode deixar de ser imediatamente sensível a essa "testagem" da criança, e ao perigo que implicaria toda cotação impessoal. Quer o queira, quer não, ele, de certa maneira, ocupa, na qualidade de examinador, um lugar no fantasma parental. Pedem-nos que nomeemos essa criança, que a façamos sair de uma penumbra, para com ela fazermos o quê? Orientá-la, tratá-la, decerto. Entretanto, jamais se trata exclusivamente disso. Trata-se sobretudo, ao *nomeá-la*, de dissolver, na mesma oportunidade, a angústia parental.

A criança, imobilizada às vezes numa espécie de pânico, espera também a palavra do psicólogo, o seu veredicto, como uma libertação. Libertação de algo que não está claro. "Você vai me dizer o que deseja fazer." "Você vai me dizer o que acha que devo fazer." Quer o examinador queira ou não, é proposto, em última análise, incluir essa criança no seu próprio fantasma fundamental, fazê-la testemunha das suas exigências pessoais. É justamente nessa armadilha que temos de nos esforçar para não cair.

A criança deve ser ajudada a se reconhecer e, para isso cumpre, que evitemos declarar o que ela deve ser (pois, desse modo, ela toma o lugar do significante do Outro e não pode mais significar-se). Não fazemos, então, mais do que perpetuar certa história familiar em relação à qual a criança, justamente, não chega a tomar o distanciamento necessário. A exemplo dos pais, corremos o risco de lhe designar um lugar, o vazio que ela é convidada a preencher. Esse vazio, se é o do Outro, ela só pode preenchê-lo à custa de distorções intelectuais, escolares ou caracteriais. O exame da mais anódina sempre impulsiona, pois, imediatamente ressonâncias familiares.

"Quem é você que vem me ver?"
"Você vai me dizer quem sou eu."
"Por que você vem? Que deseja?"
"Nada, levam-me, é tudo."

"O que não vai à escola? O que não vai para casa?"
"'Eles' tiveram de lhe dizer isso, não?"
"É por você que quero saber mais sobre isso."
"É a escola, 'eles' não estão contentes em casa, brigam comigo."
"Isso o aborrece?"
"Decididamente, não estão contentes comigo."
"Você quer, então, que procurem ver juntos uma forma de ajudá-lo?"
"Bem, quero sim."

É geralmente assim que tem início o diálogo com uma criança que, quase sempre, na hora, se situa em relação ao desejo parental. "Que querem, então, de mim, e que posso fazer para melhor entrar no sonho deles?". Essa questão implícita é freqüentemente o ponto de partida das entrevistas. Ao desprezá-la, omite-se uma dimensão essencial. Os "testes" são para mim apenas um meio e não um fim. Utilizo-os num diálogo, durante o qual procuro apurar um *sentido*, um sentido, sem dúvida, em função de certo esquema familiar. E é, pois, ao *discurso* do sujeito que, sobretudo, vou prender-me. É por isso que me recuso sempre a estabelecer exames fragmentários. O nível do QI, a precisão dos distúrbios da atenção, as dificuldades no domínio da abstração, um distúrbio escolar definido, tudo isso só tem sentido situado numa história.

Robert, de 15 anos, tem dificuldades em Matemática. A queda escolar é tamanha que o colégio "orienta-o" aconselhando-o a abandonar os estudos... O sujeito está na 8ª série. Nível intelectual acima da média. Dotado no plano de abstração, mas nulo escolarmente, assim aparece o adolescente, preso, por outro lado, numa estrutura obsessiva.

"Na minha família, todos são uma nulidade", diz um dia. "Tive um avô engenheiro. Depois ninguém mais conseguiu chegar a tanto."

Que fazer? Encaminhá-lo para as Letras, em função de ser inapto para a Matemática?

Foi escolhida uma psicanálise, aqui, para ajudar o sujeito a sair de uma identificação com um pai cujo valor nunca foi reconhecido pelo seu próprio pai.

Era uma vez um avô engenheiro... Desde então, tudo parou, cada um ficou preso na atitude que a neurose lhe conferiu.

Enquanto Robert permanece no lugar designado pelo pai, não pode deixar de fracassar. Com o seu fracasso, ele desempenha o conflito de outra geração. "Se meu pai me tivesse tratado de outro modo, eu não seria 'complexado' como sou", diz o pai de Robert, que, sem saber, utiliza o seu filho mais velho em reivindicações estéreis. É o fracasso que Robert deve significar;

entretanto, esse pai sonha ao mesmo tempo com um filho que, com o seu êxito, o vingaria do seu próprio fracasso; daí as crises de raiva impotente, e os dramas familiares em torno das más notas. A verbalização dos resultados dos testes apresenta-se antes de tudo como uma reformulação, para o pai, de significado dos distúrbios do filho. Com a ajuda indireta do exame psicológico, pode ser denunciado o lugar ocupado pelo indivíduo no mito familiar; é certo que nem por isso, no entanto, trouxemos a cura do pai, mas o esvaziamos de certa mentira, o que permitiu em seguida ajudar o filho a evoluir "por sua própria conta". Tomar ao pé da letra o fracasso em Matemática a fim de orientar o sujeito para as Letras (ou para o abandono dos estudos secundários) é não entender a mensagem incluída no sintoma, que serve para garantir a função do pai. A seqüência da história ensina-nos efetivamente que o pai, abalado pelo sucesso do filho em curso psicoterapêutico, vai desempenhar com outro filho o mesmo tema familiar, colocando-o da mesma forma no lugar do mau aluno. Essa situação não se torna, de fato, possível porque se perfila, além disso, por trás da imagem paterna, da figura da mãe, muito mais fixada a seu próprio pai do que a seu marido, mas isso é outra história. Basta-nos, por enquanto, estar sensibilizados para as ressonâncias inconscientes desse exame psicológico a fim de podermos dar-lhe a única dimensão que permite a sua utilização eventual, a saber, a sua dimensão histórica.

O exame psicológico estabelecido por um psicanalista nunca será um relato rigoroso de "medidas intelectuais ou escolares", não mais que a descrição de um comportamento. Não é por meio da apresentação do sujeito ou do seu rendimento que o balanço será estabelecido. O que me é dado, procuro sempre situá-lo numa dinâmica que considera o jogo recíproco do pedido e do desejo nos elos pai-filhos.

A priori, jamais "oriento" e fico sempre espantada com as "orientações" imperativas dadas a algumas pessoas. É o fracasso dessas orientações que nos permite compreender que o psicólogo, ao pronunciar-se ao nível de uma objetivação dos resultados, fez o jogo das dificuldades familiares. "Reorientada", a criança encontra-se às vezes apanhada na armadilha, no interior de um mal-entendido do qual nem sempre se mede suficientemente o alcance ou a extensão. O programa escolar foi concebido para todos, as causas de fracasso merecem ser estudadas antes de qualquer proposta de orientação. Há, evidentemente, os alunos dotados e os medíocres; as "nulidades" em Matemática, os "cê-dê-efes" e os disortográficos. Nem toda deficiência escolar significa "perturbação efetiva". A deficiência intelectual existe e não pretendo negá-la; também não procuro questionar um tipo de orientação oficial que, levando em consideração o desejo das famílias, as possibilidades da criança, encaminha esta para o setor que se supõe ser o melhor para as suas aspirações. Questione toda orientação, todo exame, efetuado numa criança sujeita a dificuldades neuróticas. É em semelhante caso que a orientação corre quase sempre o risco de se fazer a partir de um fracasso, em vez de se basear nas possibilidades reais do sujeito. É aqui que uma mensagem deve ser ouvida acima de qualquer avaliação.

A má organização espaço-temporal, a descoordenação psicomotora do sujeito não necessitam automaticamente de uma reeducação. Acontece que para a criança esse pode ser o seu único medo de expressão: "Veja", parece dizer, "esse corpo que não me pertence. Não sou o seu dono, então pouco me importa minha posição num dado ponto de espaço. Vivo sem pontos de referência. A bússola está em poder de minha mãe." Que deseja minha mãe? É a pergunta que ela parece fazer, mas responde-lhe impedindo a motricidade. O seu corpo se imobiliza. Um estudo mais ousado ensina-nos efetivamente a importância dos fantasmas de agressão nessas crianças para quem o voto materno "que ele seja inteligente e ágil" encobre às vezes um outro desejo: "que ele morra". Ao reeducarmos de uma só vez o único sintoma, corremos o risco de imobilizar a criança numa estrutura obsessiva, de tal sorte que ela nem sequer poderá utilizar o que foi "reeducado", donde a importância para a analista de chegar a extrair da anamnese e dos testes:

1. O sintoma que tem valor de mensagem (e que tem necessidade de ser entendido durante uma psicanálise).
2. O sintoma que não tem valor de mensagem e que pode ser reeducado sem perturbar o sujeito na sua relação com o mundo.

Se é útil poder investigar a tempo as diversas formas de inaptidão para trazer um remédio a isso, não é menos importante desdramatizar tais exames, ou, antes, compreender o alcance psicológico dessas "avaliações da inteligência" tanto na criança como junto à família. É sempre num certo conteúdo fantasmático que esses resultados se encontram em suspense. Se pode ser benéfico dizer a um pai que "Seu filho não é o que você pensa, ele é inteligente, mesmo se, em aula, se mostra um mau aluno". Isso só pode ser entendido à medida que o adulto está disposto a ouvir. Quantas vezes não nos apoderamos de trechos de provas escolares para dizer: "Eu bem sabia, ele não pode deixar de ser assim". Isto é: "É nesse lugar e não em outro que o meu filho ou a minha filha deve ficar, não me agrada que a senhora o transfira daqui." A criança, por seu lado, é sensível a todo veredicto que corrobore a condenação

paterna, e por esse motivo a multiplicação de exames psicológicos na instituição escolar comporta um perigo que depende do cunho por demais afirmativo dado às conclusões pelo psicólogo ou pelo orientador. Depois de tudo, nunca será demais repetir, um "teste" deveria ser compreendido como um ensaio (com as suas possibilidades de erro) e não como um texto legislativo que ordenasse esta ou aquela orientação.

Ainda uma vez, não se trata aqui de uma crítica da psicologia como método de pesquisa, mas de uma desconfiança do público contra uma vulgarização demasiado simplista dos diversos modos de investigação psicológica. Há sempre um risco em querer catalogar uma criança encerrando-a num âmbito estreito de avaliações ou de observações experimentais. Passa-se, então, ao lado do essencial que é alguma coisa da ordem da relação do indivíduo com o seu ser. É durante uma análise que se vai revelar de maneira impressionante a que ponto o fator "dificuldades escolares" foi artificialmente isolado como "sintoma" no exame. Com efeito, não se pode, como já ressaltei, compreender a significação do sintoma que fixa o lugar que ele ocupa na articulação dos efeitos do pedido e do desejo, suportes da relação do sujeito com o Outro.

"Venho me consultar para poder trabalhar"... quantas vezes ouvimos essa frase entre os estudantes. De fato, trata-se sempre de uma máscara que esconde uma verdade situada além disso. O desconcerto do sujeito ultrapassa quase sempre o âmbito dos motivos pelos quais veio se consultar. É por isso que é bom nunca os tomarmos ao pé da letra, mas nos atermos a essa escuta daquilo que, para além do sintoma, pode surgir num discurso. É assim que, depois de ter formulado o desejo de poder trabalhar, Félix foi levado em seguida a perguntar para si mesmo: "Mas por que temos de estudar?" "Para nos tornarmos o quê?"

Não havia o seu irmão "lucrado" com os fracassos escolares, ao passar a tomar parte nos negócios do pai? Que tem ele a ganhar, então, com o sucesso nos estudos? Apanhado no mundo fantasmático da mãe, tem a impressão de que nada lhe pertence a título exclusivo. Quando uma orientação escolar ou profissional é escolhida por ele, reage imediatamente a ela por uma espécie de fuga, de não-compromisso, como se a escolha devesse ser assumida por outro que não ele próprio. O dinheiro que ele poderia ganhar é igualmente desprovido de sentido, como é todo desejo sexual. "Quando tenho desejos, isso dá idéias. Eu estou no meio mas não há como ajeitar isso tudo, e o amor também pode muito bem converter-se em morte. Para mim, num desejo, tanto há

morte como vida e, depois, o que é a vida? A vida não tem sentido, a morte é que tem um sentido."

Desde o instante em que Félix ganha dinheiro, ele se priva, não vai mais ao espetáculo, nem sequer ousa mais beber um copo no bar. Ele tem, nesse momento, para com as suas necessidades, a mesma atitude rígida que sua mãe e torna a vida impossível para si próprio. Todo desejo sexual o mergulha da mesma forma num estado de pânico, como se se achasse sempre preso numa alternativa de agressão (do eu ou do outro) ou de regressão (fixação num tempo de sua história com, como desejo fantasmático, a parada do tempo e do mundo). O tratamento, nessa perspectiva, é sentido como um perigo. "Não quero me curar muito depressa, tenho vontade de frear. Tenho medo de que a senhora me lance num precipício." Toda escolha na orientação dos estudos é vivida como um dilema impossível. O que, de fato, se lhe depara é, ao mesmo tempo, a necessidade e a recusa de superar o pai. "Não quero me sentir só. Tudo o que me falta está no Outro. Para ser completo, tenho de ser dois." Ele cria o pai que não teve de modo paradoxal, tornando-se mais fraco do que ele. Procura negar a importância deste último, fracassando. Enquanto, nos seus sonhos, solicita a intervenção de uma imagem paterna severa que o *expulse* dele (como se esperasse ser afastado dos negócios do pai para existir em seu próprio nome). Félix, efetivamente, nunca pôde formular na vida a sua própria pergunta, uma vez que os pais se apoderaram das próprias indagações dele para colocá-lo ao abrigo de qualquer prova. Ora, no sonho, ele solicita o direito de ser posto à prova para poder viver. "Dê o fora", dizem-lhe então, e acrescentam: "Saia, agora você nasceu." Essas palavras, entretanto, são ouvidas pelo sujeito como um aviso que não se deve seguir, no próprio sentido da superproteção materna. "Sem dúvida, ainda estou doente demais para trabalhar", diz-me, e acrescenta: "Estou me arriscando demais."

"Um dia", anuncia-lhe em sonho, "você deverá trocar seu pai e sua mãe por uma mulher e filhos" e Deus para ajudá-lo dá-lhe gotas para ver claro...

"Que referência ter?", é o que, a seguir, o sujeito pergunta aos seus botões, já que, na sua história, a palavra do pai ficou sempre letra morta, convertendo-o num ser morto, sempre a esperar em vão um apelo de fora. Nada é possível, acredita ele, em certo momento, a partida não lhe foi significada. Procura, então, imobilizar-se numa relação de dependência para persuadir-se de que sempre teve um pai, o que lhe permite negar, na mesma ocasião, a falta de pai.

Entretanto, graça aos progressos da análise, Félix compreende que tudo isso é apenas um engodo e deixa então escapar estas palavras amargas: "Até Deus me deixou cair. Para mim, Deus é uma velha senhora que me quis sem corpo nem sexo." Esse mestre de vida que Félix parece buscar nos seus sonhos tem também de algum modo necessidade de desembaraçar-se disso para se tornar um indivíduo autônomo, livre do seu eu. "Tenho vontade", afirma-me, "de dizer a meu pai: você não me ouviu. Mandou-me a alguém que me ouve, mas isso não me serve de nada."

Exprime assim o desejo de anular-me, para poder provavelmente, a partir daí, encontrar identificações masculinas válidas que possam ajudá-lo a situar-se.

Mas não é êste o lugar para desenvolvermos a análise de Félix. Se me entendi nesse caso, foi apenas para destacar os conflitos subjacentes a um problema aparentemente objetivo, como pode ser o de uma simples orientação profissional. Todo indivíduo que teve de parar os estudos por causa de uma *inibição* tem necessidade de uma investigação psicanalítica mais audaciosa, sem a qual corre o risco de ser erradamente orientado no próprio sentido das suas dificuldades.

Ora, é freqüente, mesmo em casas de saúde (casas de tratamento para estudantes) promover, antes de toda e qualquer idéia de tratamento, a necessidade da *reorientação*. Acontece que assim se vai mais ao encontro do fracasso do que do sucesso. É um mito querer encontrar um mundo melhor ou um meio mais adequado a tal forma de neurose ou loucura. É quase sempre mais sensato ser menos apressado, esperar primeiro que o sujeito se situe na sua própria história, antes de conduzi-lo autoritariamente por um caminho que ele deveria, de fato, poder descobrir sozinho.

Mas, então, a senhora me dirá: será que é todo o problema dos testes que a senhora torna a questionar?

Não é tanto a sua elaboração pelo pesquisador que está aqui em causa, mas a sua aplicação muitas vezes excessivamente ingênua.

O próprio psicanalista, tanto quanto o psicólogo, não está protegido contra o erro, de tal modo a pressão dos pais ou a pressão social ordenam às vezes que responda a um pedido "de orientação" não raro injustificado. A tentação é ainda maior quando quem o formula é o próprio sujeito. Cabe, pois, ao analista situar o pedido de tal modo que possa pelo menos ser percebido ou entendido o seu aspecto de engodo.

4

O que é então a Entrevista com o Psicanalista?

A vulgarização das noções psicanalíticas corre o risco de dar uma imagem falsa da entrevista com o psicanalista, se acreditarmos que essa entrevista possa se reduzir a um relacionamento dual em que o paciente se limita a projetar sobre o analista tudo o que ele carrega consigo sem saber: o seu inconsciente. Nessa concepção, o papel do analista iria reduzir-se a constatar o caráter imaginário, quase irreal, dessas projeções, e a informar isso ao paciente. Em suma, a análise iria limitar-se a uma redução do imaginário em nome da realidade.

Uma análise, porém, não se desenrola dessa maneira. Estamos em presença de um discurso — quer se trate do discurso dos pais ou daquele do filho — que pode ser qualificado *"de alienado"*, no sentido etimológico do vocábulo — em vez de mentiroso, como somos tentados a dizer por imagem — porque ele não é o discurso do sujeito, mas dos outros, ou da opinião. Não sairíamos desse discurso alienado se a experiência analítica não fosse mais do que uma objetivação psicológica do sujeito, de um sujeito que continuaria a apresentar uma máscara social — que nem mesmo é dele — para que o outro, o analista, lhe interprete o sentido dela.

Se Lacan, para voltarmos às fontes freudianas, enfatizou tanto o discurso do sujeito, mais do que a elaboração dos estágios do desenvolvimento instintivo,[1] é porque o sujeito de certa forma incorpora a sua história ao seu discurso e é pela palavra que ele constitui o seu pensamento numa dialética. "É

1. Toda uma literatura psicanalítico-médico-pedagógica desenvolveu-se em torno dessa vulgarização errônea da Psicanálise.

decifrando essa palavra", diz-nos Lacan,[2] "que Freud reencontrou a língua inicial dos símbolos que vive no sofrimento do homem e da civilização (hieróglifos da histeria, brasões da loucura)."

Essa palavra nem sempre é fácil de aprender, porque o homem utiliza muitas vezes a linguagem para mascará-la ou para afogá-la.

Este não é o lugar para examinarmos o que é uma Psicanálise. Eu quis apontar posições essenciais, mal conhecidas de um público habituado a uma vulgarização simplista e errônea da Psicanálise. Quantos meses perdidos em virtude do nosso "medo de transferência". "Prometi a mim mesma", disse-me uma estudante, "que comigo isso não seria assim, não me deixarei envolver."

"Espero", disse-me outro, "que a senhora seja sucessivamente meu pai, minha mãe, meu irmão e a mulher de minha vida."

E o paciente, na sua conduta e no seu discurso, vai libertar em primeiro lugar esse folclore psicanalítico. Ele precisa de tempo para compreender que a sua verdade se situa além, e nem sempre é fácil para um analista poder restituí-la ao paciente.

Se aborda essas noções, é porque a entrevista efetuada numa primeira consulta, tanto com a criança como com os pais, traz a marca da minha escuta psicanalítica. É em função de certa escuta que uma mãe muito segura, equilibrada, deixou escapar certo dia, no fim de uma consulta, esta palavra-chave: "Essa criança me desgasta, não posso mais com ela, não agüento mais esse papel de mãe dona-de-casa, eu gostaria de trabalhar." Essa palavra não é abandonada em momento algum. Ela aparece freqüentemente depois de uma verbalização do exame da criança feita por mim aos pais. O diálogo que então mantenho com eles é uma continuação da entrevista inicial. Muitas vezes essa entrevista teria de ser inteiramente repetida, de tal forma o primeiro discurso dos pais é, antes de mais nada, o discurso dos outros. O sofrimento deles somente pode ser expresso na medida em que podem assegurar-se de que são ouvidos. Por que uma criança não seria "desgastante"? Por que uma mãe não estaria tão bem na fábrica ou no escritório quanto na cozinha? Essas perguntas só podem ser feitas à medida que o Outro se torne educador ou juiz, à medida que o Outro, enfim, aceite que brote uma verdade não necessariamente conforme a sua.

"Eu não disse a ninguém que esse filho não é de meu marido." Se essa mulher pode fazer-me essa confissão, *essencial* enquanto confissão *dela própria*, e não como fato em si, perturbador para a criança, é porque ela sabia

---

2. La Parole et le Language. *La Psychanalyse.* Vol. I, PUF.

que eu não daria uma resposta mutilante para o seu ser. Não que eu procure dirigir os pais, não é esse o interesse deles nem o da criança. Mas tenho o cuidado de respeitar "confissões" que têm um sentido, não porque pertençam a outro sujeito, mas porque reconstroem, a partir daí, o sujeito de algum modo. O que para uma criança é perigoso é a mentira da mãe a si própria. "Eu sabia que essa criança não era de meu marido, *mas não queria saber.*" Estar consciente disso e também assumi-lo plenamente no seu destino de mãe e de esposa. É porque isso lhe diz respeito que é prejudicial que ela proceda como se isso não lhe dissesse respeito. A criança é sempre sensível a essa espécie de mentira. É sensível, aliás, a *tudo o que não se diz.*

"Muito jovem", diz-me uma criança de sete anos, a quem ninguém havia ainda falado do divórcio dos pais, "eu era arrastado por todos os cantos. Quando estava bem instalado, tinha de ir para outro lugar. Eu era arrastado, ah!... minha mãe prometia vir e não vinha. A princípio, eu a chamava, depois compreendi que isso não era muito normal."

Sua mãe estava drogada, será que ele não sabia disso?

"Mamãe estava sempre deitada, se fazia de doente. Eu nunca ia à escola, talvez uns 15 dias por ano. Desde o tempo em que tinha três anos, faço por ela os trabalhos da cozinha e da casa."

Nem toda criança tem a oportunidade de guardar de um modo tão claro na memória a lembrança do que a marcou. É da perda da lembrança dessas coisas que pode nascer a neurose.

Nas mães de crianças psicóticas, a confissão de uma situação familiar perturbadora às vezes só é dada após algum acidente espetacular, como um suicídio. O marido descrito como "gentil", "de admirável dedicação", aparece depois, com uma natureza diferente. "Só agora é que vejo como ele era um tirano, batia, ofendia, dizia sem parar que eu o enganava, eu não ousava mais sair, e o menino nem sequer ousava chorar mais, ficava imobilizado diante dele, como uma estátua de mármore."

Num filme recente, mandou-se cada um dos atores de um drama sentimental representar a sua história, dando assim duas visões diferentes de um acontecimento comum. Uma situação familiar é geralmente vivida por cada membro da família de um modo pessoal. Vivem juntos um do outro e efetivamente não sabem nada um do outro. Dividir os talheres, um teto, prazeres, uma cama, parece que isso basta, já que poucos seres procuram saber de que é verdadeiramente feito aquela com quem dizem "viver". Talvez esteja aí a verdadeira forma de pudor: o íntimo de cada indivíduo não é dado tão facilmente em partilha, a começar por si próprio. Eis por que a primeira entrevis-

ta com o psicanalista é mais reveladora nas distorções do discurso do que no próprio conteúdo. Esse conteúdo — e isso por vezes nos surpreende — varia de sessão para sessão, de analista para analista, e isso acontece, jamais o repetiremos suficientemente, porque é no Outro que a verdade desse discurso (como nos lembra Lacan) se constitui, sempre mediante certo engodo. "É curioso, percebo que lhe digo coisas que são o contrário do que digo ao Doutor."

"Contrário, por quê?"

"Porque fiquei surpresa e disse em primeiro lugar o que julgava que tinha de dizer, tive agora tempo de *me* refazer e de confessar a mim mesma o que eu preferia manter escondido."

No entanto, raras são aquelas que percebem com tanta nitidez que comunicam dois discursos diferentes...

Ao viver com o filho, a mãe acaba às vezes se esquecendo do ser que se esconde atrás do objeto que deve ser cuidado. Falta-lhe em relação a si própria certo distanciamento que lhe permitiria às vezes espantar-se com determinado estilo de comportamento. Como perfeita dona-de-casa, ela se sente tranqüila quando cada objeto está no lugar; marido e filhos desempenham certa função nesse universo fechado que exclui uma possibilidade de evasão. Acontece que a criança, não tendo melhor escolha, procura na doença essa evasão. Submetida à mãe como objeto que deve ser cuidado, a criança lhe dá a entender ao mesmo tempo que a mãe nada pode fazer por ela, nada salvo ter desejos exteriores a ela.

Escutemos os depoimentos dessas mães:

"Minha filha sofre de uma asma que não tem cura. Os médicos são unânimes em dizer: é o subconsciente dela. *Chorei* quando essa menina veio ao mundo. Dizia aos meus botões que nunca teria bastante em mim para proporcionar-lhe a imensidão de coisas que eu desejava lhe dar. Ela se recusava a comer, sim, ela *me* fazia isso, a mim que tinha tanto cuidado com ela. Eu a colocava perto de minha cama para vigiá-la, e ela não dormia. Ah! Quantas lágrimas derramadas por ela! E então, eis que um dia ela se pôs a tossir, a sentir-se oprimida. Nesse dia, a asma entrou nela. Disseram-me que não era uma asma verdadeira, apenas um mal-estar respiratório. Deram-lhe cortisona, não tinha o menor efeito. A menina tornava-se exigente. Abandonei o meu trabalho para me dedicar inteiramente a ela. Desde então tudo foi piorando. Disseram-me um dia: 'É uma doente grave, está com a respiração bloqueada em toda a parte inferior do tórax.' 'Sei que nunca vou ficar boa', minha filha me diz, isso me põe louca, e eu me apresso em consultar outro doutor. Meu marido e eu deixamos de ter uma vida própria. É inevitável que fiquemos o tempo todo espreitando a sua respiração.

"Há realmente um médico que ficou surpreso ao verificar que, *de maneira inesperada,* quando a gente não está de olho nela, a menina passa a respirar normalmente. Não acredito nisso. Temos de evitar as cóleras, as contrariedades, o ciúme de minha filha: 'Você é minha mamãe', diz-me ela, 'não quero dividir você com ninguém.' Tenho de ficar atenta, pois a menina não gosta que eu me ocupe do pai. Ela, de resto, lhe diz: 'Para mamãe você tem palavras carinhosas, e para mim, nada.' Minha vida está estragada. Toda hora estou pensando nos seus brônquios, quero aplicar eu mesma os supositórios, cercá-la de cuidados, mas não há jeito. Por outro lado, venho vê-la, mas você, como outros, *nada poderá fazer.*"

O que podemos acrescentar a esse discurso que, em alguns momentos, tem ressonâncias poéticas? Ele está marcado, sublinhado pela própria neurose da mãe. Antes mesmo de nascer, essa criança é a sede do fantasma materno. Essa necessidade de amor imenso porventura também não evoca a angústia, o perigo do asfixiamento mais completo? Essa criança está de tal forma incorporada à mãe que essa *sabe* que ninguém poderá fazer nada. De fato, ela não deseja que seja de outra forma. Carne de sua carne, sofrimento do seu coração, mortificação íntima, é preciso que seu filho permaneça assim dentro dela. Transtornada pela idéia de que possa ser assim, a Sra. Robertin me diz: "É cedo demais para que eu possa lhe dar essa criança, quero recuperar o meu próprio domínio, depois virei sozinha. Não lhe falei das minhas angústias, tinham desaparecido com a doença de minha filha, é tudo isso que está arriscado a reaparecer, tenho medo. É horrível a idéia que me ocorre de repente, é absurda, é como se alguém me pedisse que escolhesse entre a minha morte e a de minha filha. Que contra-senso, não é mesmo? Quando a gente fica tanto tempo assim em casa, acaba por desarrazoar, por perder todo o bom senso."

Ora, se temos de perder alguma coisa no confronto com o analista, é certa mentira; por meio desse abandono, o sujeito recebe de volta, como verdadeira dádiva, o acesso à verdade.

Limitei-me à *primeira entrevista.* Deixo portanto em suspenso a seqüência das sessões, insistindo, porém, no seguinte: quando os pais fazem uma consulta em nome do filho, cabe ao analista apurar, para além desse objeto trazido, o sentido do seu sofrimento ou da sua perturbação, na própria história de ambos os pais. *Empreender uma psicanálise da criança nem por isso obriga os pais a trazer à baila a sua própria vida.* É no início, antes de a criança entrar na sua própria análise, que convém pensar no lugar que a criança ocupa no fantasma parental. A precaução é necessária para que os pais possam aceitar

que, em seguida, o filho fique entregue ao seu destino. Uma criança sadia arranca essa autonomia da necessidade por meio de crises caracteriais, de oposições espantosas.

A criança neurótica paga esse desejo de evolução da sua pessoa até no dano orgânico mais sério. Certas afecções (epilepsia) encontram-se desse modo agravadas pela ansiedade do meio social, comprometendo o sucesso de um tratamento médico. Mãe e filha têm então de ser escutadas no terreno psicanalítico, a evolução de uma só é possível se pode ser aceita pela outra.

"Essa criança", diz-me a mãe, "devorou toda nossa vida pessoal, ela cai, não podemos deixá-la sozinha. Ela não sabe utilizar as mãos. Contrai-se. Foi muito afetada. Não podia escrever. De tanto ficarmos atrás dela, pusemo-nos os três a fazê-la progredir, até que conseguimos. Ela vive num mundo só dela. É uma responsabilidade tê-la sob nossos cuidados. Deveríamos amarrá-la. Estou sempre com a idéia fixa de que lhe vai acontecer um acidente, tenho medo de que ela morra, fico assim o tempo todo. Ela parece anquilosada, com essa cabeça para a frente, sempre. É um pesadelo, essa cabeça arrasta o corpo dela. Não posso ser amável. Vejo-me obrigada a ser dura para acordá-la. Ela passa o tempo todo caindo. Pensei em fazê-la vestir um espartilho. Temos de fazer alguma coisa. A vida que lhe dou não é fácil. Digo-lhe, minha senhora: o que ela precisa é de um espartilho de ferro. Meu marido me afirma que estou ficando doente. É assim, o que é que a gente pode fazer? Quando ela cai, eu lhe bato. O que é que a gente pode fazer, de 15 em 15 minutos acontece-lhe alguma coisa. Depois de tanto tempo, é de fato surpreendente que ele ainda não tenha se matado."

Essa criança, estragada por crises convulsivas, *não teve o menor problema* no internato. A mãe não quer admiti-lo: "Se você a prender, verá que ela cai."

O discurso entrecortado da mãe deixa transparecer aqui a sua própria angústia quase assassina. Ainda não se tem plena certeza sobre se é a criança que está exposta a um impulso de queda, ou se é a mãe que é como que impelida a fazer cair o filho, amável, gentil, habitado no seu corpo pelo pânico mais completo.

A entrevista com o psicanalista é um encontro, por meio do Outro, com a sua própria mentira. Quanto a essa mentira, a criança apresenta no seu sintoma. O que faz mal a essa criança não é tanto a situação real *quanto tudo o que não é dito* e, nesse não-dito, quantos dramas que não podem ser traduzidos em palavras, quantas loucuras disfarçadas por um equilíbrio aparente, mas pelo qual a criança sempre tem de pagar tragicamente. O analista ali está para permitir, pelo reexame de uma situação, que a criança enverede por um caminho que lhe deve pertencer a título exclusivo.

5
Psicanálise e Pedagogia

Há apenas meio século, os professores tinham o privilégio de serem os únicos responsáveis pela orientação dos seus alunos. Algumas considerações de classes sociais tinham, sem dúvida, o seu papel: hesitava-se sempre em aconselhar estudos dispendiosos a uma criança de família pouco abastada; o filho de burguês, em contrapartida, raramente era contrariado no caminho escolhido pelos pais. O número limitado de alunos permitia que os mestres conhecessem melhor os seus meninos e estabelecessem, sem muitos erros, um prognóstico de sucesso. O aumento dos efetivos, a sobrecarga das turmas em todos os níveis de ensino, alterou as próprias modalidades da instrução. Já não se trata tanto de conhecer os alunos quanto de dispensar-lhes da melhor maneira possível, em condições que pioram sem cessar, um saber que assimilam com crescente hesitação. Tenta-se amenizar a insuficiência dos mestres utilizando os métodos audiovisuais — a televisão fez o seu ingresso nos estabelecimentos escolares. Diversificam-se os métodos de ensino, recorre-se alternadamente à criação de classes-piloto, aos métodos ativos. A preocupação dos mestres parece estar em conseguir que os alunos participem do seu trabalho e por ele se interessem.

A criança, atraída pela rua, pelo cinema, por diversas atividades culturais, não vai mais, diz-se, à aula. "Os alunos tornam-se nulidades; em nossa geração", diz-me um professor, "deveres desse tipo nunca teriam alcançado a média." A crise está no Ensino, não podemos mais escondê-la. Ela alimenta as nossas leituras cotidianas da mesma forma que o escândalo da habitação, as séries de homicídios etc. No entanto, nós buscamos a causa do mal num lugar onde de fato ela não se encontra. Enquanto buscamos fórmulas pedagógicas

melhores (que abandonamos em seguida por falta de confiança), disfarçamos a tragédia de um corpo discente *que não quer mais exercer* o seu ofício.

"O diretor", diz-me certa mãe, "não pode me receber, pois não tem tempo. Disseram-me no ginásio que é uma sorte o meu filho estar ali, mas os alunos são numerosos demais para que possam cuidar de todos." "Não somos psicólogos", diz-me um professor, "não temos tempo. Se ele não faz nada, procure o Departamento de Orientação."

Os professores que, apesar de tudo, procuram dispor de tempo são derrotados pelo número de crianças, a sua ação *isolada* revela-se quase sempre ineficaz. Em nossos dias, é ponto pacífico que, "se uma criança 'não rende', a única solução é colocá-la num colégio particular". Alguns colégios independentes suprem assim, em certos casos, a carência das Escolas do Estado, mas a crise começa também a atingi-los, e a falta de pessoal qualificado faz-se sentir particularmente nas classes primárias, confiadas cada vez mais a principiantes, quando se trata de uma forma de ensino que está longe de ser simples. Os "departamentos de orientação" desempenham um papel importante em certas cidades do interior; neles se ministram, em lugar dos mestres, conselhos de orientação escolar. "O que a gente pode fazer, se o seu filho é preguiçoso; abandone a idéia de mandá-lo estudar. O que ele acharia de uma atividade ao ar livre onde pudesse gastar as suas energias?"

O psicólogo escolar (função instituída numa certa fase, mas depois eliminada) também é chamado a iniciar, em lugar do professor, um diálogo com pais preocupados. Alguns estabelecimentos enviam todo caso difícil a uma consulta psicanalítica. Verifica-se uma mobilização do grupo familiar em torno do "não querer" escolar, mobilização muitas vezes antecedida de tentativas inúteis de reeducações diversas. O problema hoje levantado pelos efeitos nefastos de um ensino preocupado antes de mais nada com salvar as aparências é, em primeiro lugar, um *problema político*. É, de fato, tarefa da Educação Nacional dar aos mestres as possibilidades de exercer a sua função. Enquanto isso não acontece, os "estudantes desajustados" vêm engrossar todos os anos o efetivo das consultas públicas e privadas. Oferecem-se aos pais paliativos, sob a forma de cursos privados, cursos de recuperação etc. Recorre-se até mesmo ao auxílio da Previdência Social para subvencionar escolas especializadas nas técnicas de recuperação escolar. Longe de mim a idéia de criticar a contribuição indiscutível desses diversos órgãos. Eles testemunham, porém, com a sua própria existência, a falência do Ensino. E, dessa maneira, a Medicina recebe, em nossos dias, a carga ingrata de dar o remédio para esse mal.

Por outro lado, os progressos alcançados no diagnóstico dos distúrbios de dislexia, de discalculia, não devem nos levar a perder de vista o seguinte fato essencial: é no âmbito da Escola Pública que deveria ser dada a possibilidade de um ensino adaptado aos "casos especiais". Mas isso pressupõe uma volta às turmas de poucos alunos, com professores que não estejam sobrecarregados de trabalho. O ensino na classe preparatória e elementar* não deveria estar reservado aos iniciantes e aos estagiários; todo professor deveria estar mais bem informado do que atualmente das perturbações que podem sobrevir no domínio da leitura, da ortografia, do cálculo. A criança assistida aos sete anos tem maiores possibilidades de se sair bem do que se for ajudada aos dez anos, tendo já, contra si, um passado de fracasso escolar. Antes de indagarmos o que a Psicanálise pode oferecer à pedagogia, é importante, digamos mais uma vez, criar uma situação em que o Ensino seja *tornado possível*. É sempre melhor para uma criança ser "recuperada" no seu ambiente escolar do que no hospital, mesmo que ela fosse lá somente de dia.[1]

A multiplicação de casas "médicas" para estudantes desajustados é em si um problema desta época. A solicitude materna de que essas crianças são objeto cria em determinados casos uma perversão do comportamento. Da mesma forma que escapam à lei escolar, procuram também, no seu relacionamento com o Outro, negar toda forma de obrigação ou de dever. Esses "casos especiais" formam uma categoria de privilegiados a quem tudo é devido. O futuro nos dirá o que essa nova forma de educação reserva. Mais uma vez, longe de mim a idéia de deter a expansão atual dos externatos médico-pedagógicos. Também não deixa de ser verdade que essa expansão levanta um problema do mesmo gênero daquele da falta de ensino. É evidente que, para a criança, a melhor solução é receber "a instrução de todo o mundo", mas ainda seria preciso que essa instrução respondesse às suas dificuldades.

A reflexão psicanalítica permite-nos esclarecer o significado dos distúrbios espaço-temporais junto a certa categoria de crianças. (Esses distúrbios acompanham em geral graves desordens no domínio da leitura, da ortografia, do cálculo. Impõe-se então uma psicanálise, antes de qualquer forma de reeducação; a manutenção da criança no estabelecimento freqüentado é pe-

* *Nota do Tradutor:* A classe preparatória e elementar equivale mais ou menos ao nosso Curso Primário.

1. Alguns hospitais de dia têm classes de recuperação. A sua existência é útil, mas salienta certo abandono da Educação Nacional, que não cumpre com as suas obrigações. O "direito à doença" entrou em nossos costumes, a ponto de nos fazer desprezar o sujeito ainda não "doente".

dida para evitar que se acentue, para ela, a face impressionante dos "casos especiais" que vivem entre eles.)

1º Os distúrbios acompanham uma dificuldade do sujeito em situar-se em relação ao seu próprio corpo (esse corpo muitas vezes não lhe pertence, não lhe diz respeito, é de fato propriedade da mãe, trata-se de um relacionamento muito particular com a mãe, como voltamos a encontrar em casos de debilidade mental e de psicose).

2º Constata-se uma impossibilidade de situar-se numa *linhagem:* minha mãe torna-se também minha mulher. E minha avó, uma senhora intercambiável, sem laços de parentesco. Nesse mundo, ninguém tem o seu lugar, e nenhuma regra preside às relações de parentesco. Desde que o sujeito se serve da linguagem, há confusão.

3º Quer se trate dos meses do ano, ou dos dias, do tempo, da hora, o sujeito encontra-se numa época indeterminada, negando-se a utilizar uma nomenclatura usual. E se ela concorda em utilizá-la, é no absurdo: janeiro isso não corresponde a nada, não tem sentido, assim como não tem sentido a noção de parentesco.

Os próprios reeducadores percebem que existe aí um problema que lhes foge. "Desenhei", afirma-me um educador, "três Claude; sentado, deitado, de pé. Perguntei-lhe: 'Quantos Claude existem?' Não pude conseguir que a criança me dissesse: existe apenas um. Para ela, era necessário que houvesse três."

Do nosso posto de analista, pode-se dar um esclarecimento: com efeito, esse famoso Claude, tomado por um entorpecimento quando lhe perguntam se ele é *um* ou se é *três*, perguntemos a nós mesmos o que isso quer dizer na relação dessa criança com o Outro. Qual é o Claude que deve desaparecer para satisfazer a exigência do reeducador, reunindo-se assim aos fantasmas desse tipo de criança no qual o voto dos pais no sentido de que tenha êxito, de que seja belo, encobre com freqüência o outro voto (inconsciente): que morra. Essa simples questão permite-nos apreender uma das dimensões de certas aberrações escolares. É em casos análogos que um mestre, mesmo altamente qualificado, não chega a nada, porque esse distúrbio de fato nos remete a outro lugar, à doença (mental) da criança.[2] Uma professora primária aponta-me assim as "esquisitices" da sua aluna: "ela escolhe", afirma-me, "as suas

2. Ou simplesmente ao seu mundo fantasmático. Certas formas de perguntas induzem (por razões inconscientes determinadas) respostas aberrantes, sem que nem por isso o sujeito seja necessariamente neurótico. Perguntar a uma criança se ela é *um* ou se é *três* pode ser uma pergunta desconcertante, ou até perturbadora.

operações, os seus problemas; e às vezes os seus números ela tem, em outros momentos, uma conversa inteligente".

O que produz o discurso dessa criança durante uma entrevista comigo? "Você, um dia, tinha pernas bronzeadas e estava contente. Era a última da turma, seu pai estava contente com a sua idiotice e lhe deu uma recompensa. A Sra. M. estava feliz de férias, ela trabalhava. Enquanto quando era para trabalhar, ela chorava muito, gostava de chorar. Ela chorava na vida sobre o seu trabalho. A Sra. M. não existe, você não está ali. Ah! Os olhos da Sra. M., os grandes olhos que você franziu para si mesma quando tinha *0* ano. Você fazia assim porque gostava de assustar você mesma. Com *um* ano, você chorava, rezava a sua oração e dizia a Deus que era louca, mas Deus não era ninguém, era também você. *Três anos*: você era linda, você existia, mas os outros não, porque você era louca. Você tinha uma boca especial para o pão, você o fabricava para si. Não havia ninguém para fabricá-lo pra você. *Eu lhe digo*, você estava sozinha. Aos *quatro anos*, você tinha uma banana e rezava. Você dizia sem se queixar que era louca, você dizia tudo no vazio a ninguém. Eu lhe digo, Deus é o vazio, ele é Ninguém. *Cinco anos*: as pessoas existem, mas elas são umas bestas e você não lhes fala. *Seis anos*: você era bonita para você mesma. Você não queria ser bonita para os outros. Eu lhe digo, os outros não existem."

De nada serve Mireille tratar-me por *tu*: não existo enquanto Outro como lugar do discurso. Ela explica nesse texto, de ritmo próprio tão pungente, que as palavras não conduzem a nada. Ela parece dizer-me que a sua mensagem não tem fundamento no Outro, ele não procura receber nenhuma revelação de sentido. O mundo de Mireille situa-se efetivamente fora de qualquer campo espacial, não há nem sujeito nem interlocutor. Essa sucessão de corpos parciais introjetados aparece ali como outras tantas ameaças endógenas.

Trata-se de uma criança alienada, que, no entanto, freqüenta normalmente as aulas apesar de resultados escolares imprevisíveis e sempre desconcertantes.

Nos casos de inadaptação escolar, deparamos com uma gama variada de indivíduos. Nem todos necessitam de tratamento psicanalítico. Muitos distúrbios menores poderiam ser reeducados no próprio círculo escolar da criança. Lembremos, a propósito disso, que é útil distinguir:

1º O sintoma com valor de mensagem; se a criança é submetida a uma reeducação em vez de ser entendida (num plano psicanalítico), isso pode agravar claramente o seu estado.

2º O sintoma sem valor de mensagem: a reeducação, neste caso, é bem-sucedida. Se tem poucos alunos, um professor pode dar importância, em seu ensino, a dificuldades específicas (no domínio da ortografia e do cálculo), ou até repensar esse ensino em função das descobertas recentes nesse campo. A criação de hospitais diurnos não nos deveria levar a perder de vista as crianças normais que, atualmente, esperam às vezes ser rotuladas de "doentes" para poderem tirar partido de um ensino conveniente com as suas dificuldades. Por outro lado, penso que não basta a criação de uma lei de obrigatoriedade escolar: cumpre torná-la aplicável na prática. Esse apelo "de imperativos pedagógicos" tem o seu lugar neste livro, na medida em que as nossas consultas são insuficientes para enfrentar o número excessivo de casos benignos de inadaptação escolar que poderiam ter sido resolvidos no âmbito de um ensino tradicional normal, se esse último estivesse mais adaptado às exigências de cada indivíduo.

Conclusões

A primeira entrevista com o psicanalista é, antes de tudo, um encontro com o nosso próprio eu, um eu que procura sair da falsidade. O analista está presente para devolver ao sujeito, como dádiva, a sua verdade. Se a criança-problema levanta implicitamente o problema do casal parental, não convém contudo enfrentar isso com *métodos de grupo*. (A família, sem dúvida não é um "grupo" no sentido em que se toma esse vocábulo na expressão psicológica. O que importa não é a vida coletiva dos indivíduos que a compõem, mas as estruturas ocultas que essa vida impõe a cada indivíduo.) Se o casal parental formula a sua questão *por meio do seu filho*, é em referência à própria história desse casal que ela deve assumir um sentido. O analista está presente, não tanto para trazer soluções quanto para permitir que a questão se formule com base na angústia revelada pelo abandono das proteções mentirosas. É numa dialética sobre um plano relacional que se trava o debate. A formação do interlocutor o coloca ao abrigo da onipotência dada pela investidura (ele pode, com efeito, não ser nem médico, nem professor), a sua força reside no simples fato de que ele se aceita como ponto de encontro: é, por ele, para além dele, que uma verdade poderá ser apreendida pelo Outro. Ele não é nem chefe espiritual, nem guia, nem sobretudo educador. Não tem a preocupação de dar uma ordem ou desejar um sucesso. O seu papel é permitir que o *verbo se faça*.

Esta não será jamais qualquer palavra. A autoconfissão não se faz em qualquer situação. A quem vou entregar o mais íntimo do meu ser? Certamente não vou fazê-lo a qualquer um. Não é a investidura que importa aqui, mas a qualidade do interlocutor capaz de situar o debate num nível diferente

daquele da pura relação dual. A primeira entrevista quase sempre não passa de uma preparação, de uma ordenação de peças de um jogo de xadrez. Tudo fica para se fazer mais tarde, mas as personagens puderam ser postas em campo. O que, finalmente, pode ser desenhado é o *indivíduo*, perdido, esquecido nos fantasmas parentais. O seu aparecimento como ser autônomo, não alienado nos pais, é, em si, um momento importante. Quantas questões de orientação, de escolaridade têm de ser formuladas é, em si, um detalhe. O que importa é a sua inserção numa dinâmica do reconhecimento.

A psicanálise não é um devido. É por essa razão que, antes de considerar a sua extensão como se poderia fazer numa preocupação do progresso social, convém examinar seriamente os problemas que ela levanta.

Em nossos dias, as dificuldades psicológicas de uma criança dão à família *direitos*, sem que com isso, no entanto, os deveres dos pais (ou de indivíduos) sejam suficientemente destacados. A consulta pública, útil e necessária, corre contudo o risco de validar no casal parental uma espécie de solicitação cega, que visa a conservar as máscaras em vez de relevar o verdadeiro problema. Uma consulta psicanalítica somente tem sentido se os pais estiverem prontos para retirar as máscaras, para reconhecer a inadequação do seu pedido e para, de certa maneira, se questionarem. A Psicanálise, se deve manter o seu sentido e o seu valor próprio, continua a ser, de certa forma, exterior às organizações institucionais, mesmo que não lhes seja estranha. A primeira entrevista com o psicanalista continua a ser, na sua banalidade aparente, um encontro verdadeiramente excepcional. Trata-se, como dissemos, de um encontro consigo mesmo, isto é, com um outro em si que ignora. "O que o analista dá", diz-nos Lacan, "é o que existe no outro." Essa revelação desse outro em nós, nós a recebemos em raros momentos fecundos, nesse instante eletivo de nossa história em que já podemos assumir a aventura que representa para nós a ruptura com um discurso mentiroso, aquele que sempre foi o nosso.

Nada se fará durante a consulta psicanalítica para proporcionar ao sujeito o que ele *pede*. Ora, é esse mesmo pedido que o conduz para o médico ou o educador, os quais podem responder a isso de maneira válida. O papel do psicanalista é considerar o caráter enganador desse procedimento, a fim de ajudar o sujeito a se situar corretamente em relação a si próprio e aos outros.

A criança, sensível, como vimos, a *tudo o que não se diz*, retira de tal confronto a possibilidade de uma nova arrancada, até mesmo de uma primeira arrancada como ser autônomo, não alienado no desejo dos pais.

A Autora

Nascida no Ceilão, onde passou a primeira infância, Maud Mannoni veio em seguida morar com a família nos Países Baixos. Fez estudos de Criminologia em Bruxelas e estudou Psiquiatria sob a direção de Nyssen (Bruxelas) e de Dellaert (Antuérpia).

Deve a sua formação de psicanalista de crianças a Françoise Dolto, que elaborou um método terapêutico para crianças psicóticas mais seriamente atingidas. Seguiu esse método em suas consultas hospitalares com um grupo de formandos de Medicina, beneficiando-se assim de uma forma de ensino excepcional em psicanálise infantil.

Maud Mannoni pôde levar a cabo a elaboração teórica de sua experiência graças aos ensinamentos de Jacques Lacan.

Seu marido, além de escritor, é também psicanalista.

Bibliografia

L'enfant arriéré et sa mère. Paris, Seuil, 1964.

L'enfant, sa "maladie" et les autres. Paris, Seuil, 1967. (Ed. brasileira: *A Criança, sua "Doença" e os Outros*. Rio, Zahar, 1971. Tradução de A. C. Villaça.)

Le psychiatre, son "fou" et la psychanalyse. Paris, Seuil, 1970. (Ed. brasileira: *O Psiquiatra, seu "Louco" e a Psicanálise*. Rio, Zahar, 1971. Tradução de Marco Aurélio M. Mattos.)

Enfance aliénée (obra coletiva). Paris, col. *10-18*, 1972.

Education impossible. Paris, Seuil, 1973. (Ed. Brasileira: *Educação Impossível*. Rio, Francisco Alves, 1977. Tradução de Álvaro Cabral.)